

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA – FEF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

DA FORMAÇÃO HUMANA À ESPETACULARIZAÇÃO DO
ESPORTE

Eldernan dos Santos Dias

BRASÍLIA, DF

2016

DA FORMAÇÃO HUMANA À ESPETACULARIZAÇÃO DO ESPORTE

ELDERNAN DOS SANTOS DIAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília (UnB), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação Física.

ORIENTADOR: PROF. DR. EDSON MARCELO HÚNGARO

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

dos Santos Dias, Eldernan
dd541f Da formação humana a espetacularização do esporte /
Eldernan dos Santos Dias; orientador Edson Marcelo
Húngaro. -- Brasília, 2016.
133 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Educação Física)
-- Universidade de Brasília, 2016.

1. Teoria do ser social. 2. Esporte Espetáculo.
3. Marxismo. 4. Mídias. 5. Formação Humana. I. Marcelo
Húngaro, Edson, orient. II. Título.

ELDERNAN DOS SANTOS DIAS

Da formação humana à espetacularização do esporte

Esta dissertação foi avaliada e aprovada para a obtenção do título de mestre em Educação Física no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília (UnB), na linha de pesquisa Estudos Sociais e Pedagógicos da Educação Física, Esporte e Lazer.

Brasília, 12 de julho de 2016

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Edson Marcelo Húngaro
Universidade de Brasília (Orientador)

Prof. Dr. Roberto Lião Júnior
Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (Membro Externo)

Prof. Dr. Pedro Fernando Avalone Athayde
Universidade de Brasília (Membro Interno)

AGRADECIMENTOS

Gracias a la vida, pelo dom e pelas oportunidades proporcionadas. Agradeço pela capacidade de ver a beleza e acreditar que o Amor tem o poder de criar e transformar. Agradeço por ser partícipe da criação humana. Criador e Criatura, gênero e singular, universal e particular.

Aos meus pais, que sempre me inspiraram amor aos estudos e comigo participaram e contribuíram para uma boa infância. Agradeço por me mostrarem que a educação é uma semente que recebemos, mas para florir deve ser cultivada dia-a-dia no jardim das nossas prioridades.

À minha esposa, que sempre compartilhou comigo momentos de escolhas, conquistas e alegrias, e me apoiou nos momentos de adversidades e adaptações. Agradeço por me lembrar de que ser feliz é uma escolha, e sempre termos optado pela felicidade um ao lado do outro.

Aos meus filhos Filipe e Maria Alice, por sempre sorrirem e serem meu aconchego, me surpreendendo todos os dias. A eles, que me permitem ser uma pessoa melhor fazendo parte do seu mundinho tão simples e sofisticado. Agradeço por se concretizarem em minha vida. Pelas pausas nesta dissertação para mais uma brincadeira, mais um beijo, mais um abraço. Somos eternamente responsáveis por aquilo que cativamos! (Antoine de Saint-Exupéry).

Aos que me ajudaram a realizar tranquilamente este trabalho cuidando dos meus filhos com carinho e dedicação, em especial aos meus pais, sogros, esposa e à Margarete, que cuidou também da minha casa e de mim, me agradando com chás e cafezinhos. Muitíssimo obrigado!

Ao meu irmão, que me ajuda a perceber que a alegria da vida é não só vivenciar, mas principalmente compartilhar nossos momentos.

Às minhas avós (*in memoriam*) Laura e Angelita, que me amaram e ensinaram, com sua ternura e dedicação, o respeito, o cuidado e a docilidade que devemos ter com aqueles que representam muito mais do que um vínculo com a nossa própria história. Gratidão aos meus antepassados que não conheci, mas a eles devo minha história. “Toda plenitude que se acumulou através de muitas gerações até chegar a mim. Estou em baixo permaneço embaixo e o último lugar passa a ser, por conseguinte, um lugar de plenitude”(Bert Hellinger).

A todos os meus amigos, que sempre estiveram comigo na minha jornada incansável pelo conhecimento. Muito obrigado por me incentivarem nas ocasiões de desânimo e celebrarem comigo muitas etapas concluídas.

Agradeço as orações e pensamentos positivos de muitos para que este trabalho fosse realizado, pois como se diz na letra da música: “A vitória de um homem às vezes se esconde num gesto forte que só ele pode ver..”

Ao querido orientador Edson Marcelo Húngaro, que desde o início desse projeto me apresentou o amor pela educação e pela humanidade, o carinho e a dedicação para desenvolver o cuidado com o outro permitindo abrir portas da percepção e desvelar o real necessário ao desenvolvimento deste trabalho. Agradeço o apoio, o incentivo, as palavras e as ações sempre tão generosas. Muito obrigado por me mostrar a importância de viver com alegria e equilíbrio no trabalho, na academia e na vida.

Aos professores da banca, por acrescentarem importantes contribuições para a concretização desta pesquisa.

Aos colegas e amigos do AVANTE, que me proporcionam crescimento no conhecimento, e pelas relações que extrapolam os muros da Universidade. Agradeço por fazerem parte deste feito.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram de alguma forma, direta ou indiretamente, para a elaboração deste trabalho. Muito obrigado pela dedicação, paciência e presteza, quando mais precisei de vocês.

DEDICATÓRIA

À humanidade, que me permitiu ser quem sou e estar aqui agora.

Aos amores da minha vida, Marcela, Maria Alice e Filipe.

À minha amada família, pais, irmão e agregados, vocês fazem o meu mundo completo.

Aos meus amigos e amigas, essenciais à minha composição.

Olha lá quem vem do lado oposto
e vem sem gosto de viver
Olha lá que os bravos são escravos
sãos e salvos de sofrer
Olha lá quem acha que perder
é ser menor na vida
Olha lá quem sempre quer vitória
e perde a glória de chorar

Eu que já não quero mais ser um vencedor,
levo a vida devagar pra não faltar amor

Olha você e diz que não
vive a esconder o coração

Não faz isso, amigo
Já se sabe que você
só procura abrigo,
mas não deixa ninguém ver
Por que será?

Eu que já não sou assim
muito de ganhar,
junto as mãos ao meu redor
Faço o melhor que sou capaz
só pra viver em paz.
(Los Hemanos)

SUMÁRIO

RESUMO.....	Página 10
ABSTRACT	Página 11
INTRODUÇÃO	Página 12
METODOLOGIA.....	Página 21

Capítulo 1

A FORMAÇÃO HUMANA NA CENTRALIDADE DA ONTOLOGIA DO SER SOCIAL

Teorias do Ser no Tempo

1. Essência imutável	26
2. Ser é vir a ser.....	29
3. Monoteísmo e Explicando os Seres.....	30
4. Do Paradigma Teocêntrico ao Antropocêntrico	34
5. Visão Romântica do Mundo	36
6. Revoluções na Compreensão do Mundo	38
7. Teorias do Ser Hoje	40
8. Por uma Teoria do Ser Social	42
9. Da Categoria Fundante do Ser Social.....	45
10.Arte e as Possibilidades do Ser	48
11.Catarse Estética e Emancipação	51
12.Da Experiência Educativa Prática.....	52

Capítulo 2
MODO DE PRODUÇÃO DO SER NA ORDEM BURGUESA
Composição Alienada

13. (De) Formação Humana	60
14. Categoria Trabalho	61
15. Do Trabalho Alienado	65
16. Alienação ao Objeto	66
17. Alienação ao Ato de Produção	67
18. Alienação à Condição de Ser Genérico	68
19. Alienação a Outro Ser Humano	73
20. Reificação e Fetiche da Mercadoria	76
21. Emancipação Humana	80

Capítulo 3
ESPETACULARIZAÇÃO DO ESPORTE E FORMAÇÃO HUMANA
Dialética da Espetacularização do Esporte

22. O show já vai começar	84
23. Do Espetáculo	85
24. Indústria Cultural	88
25. Do Espetáculo a Espetacularização	90
26. Atletas Rei (ficados)	94
27. Negação do Esporte	96
28. Afirmção do Esporte	102
29. Narrativa Mítica	105
30. Tempo Espetacular	108
31. Linguagem e o Espetacular na Dimensão Cotidiana	110
32. Da Ideologia à Espetacularização	112

33. Da Mídia ao Fluxo Mercadológico Esportivo.....	115
34. Para o Alto e Avante.....	119
34.1. Calcanhar de Aquiles	121
34.2. Programa de Investigação	122
Conclusão	124
Referencial Bibliográfico.....	129

RESUMO

Da Formação Humana à Espetacularização do Esporte

Autor: Eldernan dos Santos Dias

Orientador: Prof. Dr. Edson Marcelo Húngaro

O que são os seres? Essa é a pergunta chave que irá nortear todo o curso dessa pesquisa. Como pressuposto teórico e filosófico foi utilizada a teoria do ser social para uma possível resposta a essa pergunta. Desenvolvida pelo intelectual húngaro György Lukács, o autor interpreta nos trabalhos de Karl Marx e Friedrich Engels mais que uma explicação sobre a organização social burguesa, e sim uma verdadeira teoria sobre o que são os seres humanos no mundo dos homens. Partindo então da teoria do ser social, o desenrolar da pesquisa foi no sentido de traçar as mediações existentes entre a formação humana e a espetacularização do esporte. Acreditando que por meio de suas ações o homem muda o mundo e por ele é modificado, na espetacularização do esporte pode não ser diferente. O homem criou formas sofisticadas de relacionamento social, criou os esportes, os jogos, as mídias, desenvolveu patamares elevados de comunicação e por essas criações também se modificou. Neste trabalho, apresenta-se um desvelar do movimento entre o real contido nas relações e a formação humana, o esporte e o espetáculo.

Palavras-chave: Formação Humana. Esporte. Espetáculo. Mídias. Lukács. Marx

ABSTRACT

To Human Formation for Sports Entertainment,
Author: Eldernan dos Santos Dias
Advisor: Prof. Dr. Edson Marcelo Húngaro

What are beings? It's the question that guides this study. As a theoretical and philosophical assumption we used the social being theory for a possible answer to this question. Developed by hungarian intellectual György Lukács, he believes that the works of Karl Marx and Friedrich Engels are much more than an explanation of the bourgeois social organization. It's a true theory of what human beings are in the world. Starting from the social being theory, this study was developed to trace the existing mediations between human development and the spectacle of the sport. Believing that through their actions the human being changes the world and it is modified by it, the spectacle of the sport was the same. The human being created sophisticated forms of social relationship, created sports, games, media, high levels of communication and these creations also changed him. This work reveals the real movement of relations between man, sport and spectacle.

Keywords: Human Formation. Sport. Spectacle. Entertainment Media. Lukacs. Marx

INTRODUÇÃO

Para discutir o processo de formação e deformação humana, é necessário falar sobre a relação entre o indivíduo e o gênero, ou seja, como é estabelecida a relação entre os seres singulares com o ser genérico.

Ser genérico é definido como o acúmulo histórico, cultural e social de toda a humanidade. Nesse sentido, pode-se considerar a formação humana como a aproximação dos indivíduos ao patrimônio cultural desenvolvido pela humanidade ao longo de toda a história. E a deformação humana, como todo o movimento que leva ao afastamento do homem da riqueza cultural humana. Essa teorização é pautada numa Ontologia ou Teoria do Ser Social.

Tratar da Ontologia do Ser Social como pressuposto filosófico explicita e, ao mesmo tempo, revela a teoria e as compreensões de homem e mundo à qual este trabalho se filia.

Este estudo tem inspiração marxiana e sua abordagem está correlacionada, fundamentalmente, ao pensamento de Karl Marx, intelectual alemão que viveu no século XIX, de 1818 a 1883. Serão abordadas suas ideias sobre os seres e a relação entre indivíduo e gênero, especialmente pela ótica de um dos mais reconhecidos estudiosos marxistas, o húngaro György Lukács (1885-1971).

Para um melhor entendimento, é preciso diferenciar o pensamento marxiano do marxista. O pensamento marxiano é a referência ao acervo dos escritos do próprio Marx. Enquanto o pensamento marxista são entendimentos, a partir das leituras de Marx, que permitiram determinadas interpretações a respeito da realidade, que desencadearam propostas de ação política e intervenção sobre essa realidade. “Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; agora é preciso transformá-lo” (MARX, 1999, p. 8).

Nessa tradição de pensamento marxista, há aqueles que leram e interpretaram à luz de necessidades circunstanciais próprias do seu tempo – ações que enriqueceram e atualizam o temário com o qual Marx lidava. Mas, também, temos uma tradição de segunda categoria, de qualidade questionável, que serviu muito mais a uma vulgarização indevida (SCHAFF, 1967; VAZQUES, 1985, p. 11), que fez com que muitos estudiosos, inclusive atualmente, tivessem uma resistência em apreender o pensamento de Marx. E, infelizmente, essa corrente marxista de segunda categoria

foi a que teve mais êxito na difusão de suas formulações no meio acadêmico e na luta política. Pode-se colocar aqui o marxismo-leninismo, o stalinismo, as interpretações de Louis Althusser na França (o estruturalismo francês), entre outros autores que acabaram por empobrecer a riqueza categorial ofertada pelo pensamento de Marx para um melhor entendimento do mundo de hoje (HÚNGARO, 2001).

Tão logo, a partir daqui algumas observações desse referencial teórico são necessárias. Primeiro, ele nos esclarece e nos permite uma condição de pensar o contemporâneo. Mas esse mesmo referencial não pode ser tratado de maneira dogmática, como se fosse um livro sagrado no qual se busca o conhecimento essencial, a verdade de forma mistificada e afastada do exercício racional.

Cabe aqui lembrar que Marx é um pensador do século XIX (nasceu em 1818 e morreu em 1883). Assim, é equivocado esperar que um autor dessa época trate dos temas do século XXI. Porém, a riqueza categorial desenvolvida ao tratar dos temas de seu tempo permite alguns esclarecimentos sobre a sociedade e sobre o momento histórico em que vivemos.

A partir daí é possível inferir que:

- Primeiro, Marx é um autor insuficiente, por ser um autor do século XIX. Por isso, sua teoria pressupõe uma série de atualizações necessárias e, em certa medida, essas atualizações vêm sendo feitas por uma boa tradição do pensamento marxista (HÚNGARO, 2010).
- Segundo, Marx, apesar de insuficiente, é absolutamente indispensável porque todo seu esforço e pensamento foram no sentido de entender o que é a ordem burguesa, a fim de propor uma alternativa de superação dessa mesma ordem. Então, enquanto existir a ordem burguesa, as descobertas do Marx têm algo a dizer. Contudo, é preciso não se esquecer da primeira observação, pois há uma série de fenômenos que eram inteiramente desconhecidos no momento histórico do autor alemão.
- E em terceiro, mesmo no século XIX houve limitações e erros por parte do autor, como acreditar que a revolução comunista surgiria do país mais desenvolvido, o que não ocorreu pois, o feito acabou acontecendo na antiga União Soviética. Entretanto, esse detalhe não tira o brilhantismo de Marx. Se procurarmos um intelectual na filosofia ou na ciência com a

mesma expectativa de quando se lê, por exemplo, uma escritura religiosa, o problema está nas limitações de entendimento de conjuntura social, percepção de homem e de mundo do leitor e pesquisador de Marx e não no próprio Marx.

Em meados dos anos de 1950 até o ano de 1971, o autor húngaro György Lukács trabalhou no sentido de compreender como, no pensamento desenvolvido na obra de Marx, haveria uma nova ontologia: uma ontologia do ser social (LUKÁCS, 2007). Essa ontologia envolveria principalmente um determinado entendimento a respeito da relação dos indivíduos com o gênero, mediada pelo trabalho. A ontologia do ser social envolve principalmente uma determinada compreensão que Marx fez em relação aos indivíduos com o gênero humano mediados pela ação do trabalho humano.

A relação entre o tema da ontologia do ser social e a educação física é de suma importância e será contumaz no desenvolvimento deste trabalho devido a sua inerente relação com a formação humana. Compreender os nexos entre o ser singular, da pessoa humana, e a organização do mundo dos homens na atualidade é essencial, pois “o homem nasce em uma determinada sociedade, sob determinadas condições sociais e inter-humanas que ele próprio não escolhe; são elas resultado da atividade de gerações anteriores” (SCHAFF, 1967, p. 71). Assim, é preciso procurar apreender o que foi e como se viabilizou o desenvolvimento genérico humano, ou seja, buscar desvelar a situação na qual a humanidade está e quais circunstâncias sociais impedem os homens de serem tudo aquilo que poderiam ser:

O capitalismo, hoje em dia, cumpre este papel. Ele impede o desenvolvimento humano (indivíduo/gênero) na medida em nos impede de sermos tudo aquilo que poderíamos ser. Há uma inadequação do indivíduo ao gênero, que empobrece (relembrando Os Manuscritos de 1844) aos dois (HÚNGARO, 2001, p. 251).

Essa temática será recorrente no desenvolvimento deste trabalho. A pesquisa buscou entender esse movimento em consonância com o pensamento de Marx quando diz: “O *homem* não é um ser abstrato, acorado fora do mundo. O homem é o *mundo do homem*, o Estado, a sociedade” (MARX, 2010, p. 145).

Outra característica deste estudo é a compreensão e o favorecimento de uma condição humanista: Lukács possui o entendimento de que a elaboração do Marx é indiscutivelmente uma condição humanística. Uma forma de humanismo racionalista. O humanismo foi uma corrente cultural muito propagada pela Europa na época do Renascimento do século XVI. Essa teoria foi fundamentada na cultura greco-romana e tem por princípio a valorização do saber crítico e racional, inserindo o homem em primeiro lugar. Trata-se de um conhecimento do homem e uma cultura a fim de produzir e desenvolver as potencialidades da condição humana, do gênero humano.

Por fim, o Humanismo é o reconhecimento de que é o Homem (o gênero humano) o protagonista do exercício racional. Assim, passa a ser inaceitável a ideia – útil ao “cimento ideológico” da ordem feudal – de uma natureza humana imperfeita por estar marcada pelo “pecado original”. Ao se refutar esta compreensão religiosa, tem-se, ao mesmo tempo, o fortalecimento do anseio humano pela felicidade. Ou seja, o humanismo racionalista julga que a organização da vida em sociedade tem que ter por finalidade a promoção da felicidade humana (PATRIARCA, 2012, p. 19).

Em outras palavras, Lukács (2007) afirma que toda preocupação de Marx, da sua elaboração, foi com a felicidade humana e com a organização social na qual a humanidade fosse agente do seu próprio destino, fazendo assim sua própria história, rejeitando uma visão instrumental de ser humano e o colocando como objeto mais importante de toda intencionalidade humana.

No que tange à deformação humana como o afastamento do ser singular ao seu ser genérico, é fundamental o entendimento da categoria alienação, que é quando o indivíduo está em inadequação com o desenvolvimento genérico. Essa inadequação se dá quando, no processo histórico-social, o produto do trabalho humano torna-se independente, autônomo e escapa ao controle racional e virando-se contra seu criador.

Apesar de, etimologicamente, possuir uma origem psicológica, Marx em seus estudos toma o termo alienação em seu aspecto econômico e se refere à alienação no trabalho e suas consequências no cotidiano dos seres humanos. Hegel define alienação como outro distinto de si mesmo. Em Hegel, seu conteúdo não é negativo. Em Marx, sim. Expressa o estranhamento, a separação e a fragmentação do ser humano. Algo está alienado quando já não mais nos pertence. (SCHAFF, 1967)

Pode-se concluir assim que a prosperidade do desenvolvimento social é impraticável sem os indivíduos. O homem nasce em uma determinada sociedade, sob determinadas condições sociais e inter-humanas que não são escolhidas por ele mesmo, mas são resultado da atividade de gerações anteriores (SCHAFF, 1967, p. 71).

Porém, os indivíduos na atualidade estão desajustados em relação a esse desenvolvimento genérico humano. Os indivíduos se encontram inadequados não por escolha própria, mas por circunstâncias históricas que os impedem de desenvolver todo seu potencial.

Na enorme maioria das vezes, a síntese dos atos singulares em tendência histórico-genéricas impulsiona a humanidade para patamares superiores de sociabilidade. Contudo, isso nem sempre ocorre. Em dadas situações históricas, mediações e complexos sociais, mesmo que anteriormente tenham impulsionado o desenvolvimento sócio-genérico, podem passar a exercer um papel inverso, freando ou dificultando o desenvolvimento humano (LUKÁCS, 1979, p.54).

A ordem burguesa funciona com uma relação de produção: a relação assalariada. O dono do capital ou dos meios de produção paga o salário para alguém e compra, pelo menos nos dias de hoje, um terço da vida do trabalhador por meio da jornada de trabalho. Nessa jornada de trabalho o indivíduo está subjugado ao poder de quem o contratou. Vale lembrar que o trabalhador está cada vez mais dependente e subjugado às condições impostas pelo modo de produção da vida material e social: “O trabalhador não mais possui os meios de produção (matéria-prima e objeto de trabalho) nem o produto do seu trabalho, ambos de propriedade do capitalista¹” (HÚNGARO, 2001, p. 203).

Para que o capitalista contratante da força de trabalho tenha sucesso no seu empreendimento, é necessário o acúmulo de riqueza e produzir um movimento a fim de que o patrimônio investido por meio da força de trabalho retorne na forma de acumulação.

¹ Marx denominou de “Subsunção Formal” do trabalho ao capital, o fato de o capitalista possuir tanto os meios como o produto do trabalho, e de “Subsunção Real” quando o capital detém os meios, os produtos, bem como determina os processos de produção, ou seja, ao trabalhador não cabe nem mais ditar o ritmo de seu trabalho (Ex: as metas de produtividade e a jornada de trabalho pré-estabelecida).

Esse tipo de organização interfere, de forma decisiva, na maneira de ser dos homens. A linguagem, as maneiras de pensar, de amar, os gostos, as vontades, os sentidos e sentimentos humanos estão diretamente relacionados a essa relação social, que é histórica: a relação dos homens com a propriedade privada.

Os homens contemporâneos apresentam como um verdadeiro ato de felicidade passear nos *shopping centers*. Caminhar entre as lojas e ver o que estão precisando. Por fim, se sabe que não precisam de nada efetivamente. Mas a ação de comprar, nessa sociedade, a atitude de posse dos bens parece dar aos seres humanos a sensação de poder, poder de relacionamento e de pertencimento. Daí esse modo de agir parecer ser da natureza humana. Mas, na verdade, é um modo de ser construído socialmente.

De tudo isso se pode concluir que há uma íntima relação entre os indivíduos e a prosperidade do desenvolvimento social. E é impraticável esse desenvolvimento coletivo sem o desenvolvimento particular dos indivíduos. Quanto mais evoluídas forem as singularidades, maiores serão as possibilidades de prosperidade social. E é plausível dizer também que o contrário é inversamente proporcional. Com uma sociedade tanto mais primitiva quanto mais forem subdesenvolvidas essas singularidades.

“O modo de produção da vida material condiciona o processo geral da vida social, política e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência” (MARX, 1982, p. 25). O homem nasce em uma determinada sociedade, sob determinadas condições sociais e inter-humanas que ele próprio não escolhe; são elas resultado da atividade de muitas gerações anteriores (SCHAFF, 1967, p. 71).

Segundo Marx, o modo de produção capitalista talvez seja a última forma de organização social pré-histórica (MARX, 2008). Na história humana, da Antiguidade Clássica até os dias atuais, o mundo funciona com a exploração do homem sobre o homem. Ou seja, o ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que pode ser usado e depois lançado fora. E aqui, de forma intrínseca, instrumento de acumulação. Marx afirma ainda que só será possível construir uma sociedade, de fato, humana quando o homem passar a ser o objeto da preocupação humana, o que vai representar, necessariamente, a superação de uma visão instrumental de ser humano (MARX, 2008).

É necessário compreender que essa ocorrência de exploração humana não é exclusiva da ordem burguesa, pois, quando se volta a momentos mais antigos da história, é possível também observar essa prática no modelo escravista, no modo de produção asiática e no modelo de sociedade feudal. Entretanto, se perpetua e persiste com força e vigor na ordem burguesa.

Na História, o homem passa a ser instrumento do homem no sentido de acumulação, de interesses muitas vezes os mais mesquinhos. Assiste-se à promoção do cotidiano do descartável – avança do fenômeno da exploração e opressão para uma realidade cuja raiz da pertença social é ferida e os excluídos são, mais que explorados, resíduos e sobras.

O homem para satisfazer as suas necessidades individuais e egoístas, é capaz de explorar e subsumir outro ser humano à sua vontade, à realização de seus desejos. Um homem passa a ser instrumento para outro homem: uma visão instrumental de ser humano (PATRIARCA, 2012, p. 39).

Nesse sentido, os escritos de Lukács (2007) consideram que toda preocupação de Marx é mostrar que a ordem burguesa opera dessa maneira e, portanto, ela precisa ser superada. Em outras palavras, ele está preocupado com uma sociedade em que o homem seja objeto e intenção da organização social, ou seja, o homem como objetivo fundamental em que há a superação de uma visão instrumental.

O foco nesse momento é centrado no desenvolvimento genérico produzido pela humanidade, expresso na Ciência, na Filosofia, mas também expresso na Arte, a partir do que é, muitas vezes, mais fácil de apreender esse movimento devido a uma mobilização na percepção em que se coincide aparência e essência em uma apresentação simultânea.

A obra de arte é uma forma de objetivação da subjetividade humana, mas, nesse processo, ocorre a superação da particularidade (*besonderheit*) da personalidade, tanto do artista quanto do sujeito receptor, colocando-se suas subjetividades em um nível mais elevado de relacionamento consciente com o gênero humano (ASSUMPÇÃO, 2014, p.18).

Entretanto, também é possível encontrar primor para além da Arte. Há beleza e desenvolvimento também nas obras de Filosofia e nas obras da Ciência. E essas características só são percebidas por indivíduos engrandecidos de humanidade e que se permitem a possibilidades de ricas mediações e conexões.

Quanto à espetacularização do esporte, o Espetáculo sempre foi uma das mais significativas e poderosas formas de entreter e conduzir os seres humanos. Registros históricos da pré-modernidade na Grécia Clássica relatam festivais de dramaturgia e poesia no Olimpo. Na Roma Antiga, a política do “pão e circo”. As batalhas dos gladiadores nas grandes arenas paralelamente às batalhas políticas no Senado Romano não são muito diferentes do que encontramos hoje no contexto político brasileiro – basta que troquemos os atores e adaptemos a cultura corporal aos novos tempos e encontraremos o mesmo cenário no jogo do poder.

As lutas, os jogos, as danças, as brincadeiras que futuramente vieram a estruturar o esporte como hoje o conhecemos estiveram, por muitas vezes, na história, ligadas a antigas formas de espetáculo, elaborando práticas corporais e mediando uma determinada forma de ser da sociedade da época.

Com a necessidade da espécie humana de transformar a natureza para uma melhor adaptação e sobrevivência a diferentes regiões e climas, o homem vivencia diferentes formas de movimento e relacionamento com o mundo e com os seus pares. Nesse trilhar histórico, o homem modifica a natureza e por ela é modificado.

Em tempos modernos, com a criação humana dos meios de comunicação para as massas, desenvolvimento e massificação da internet ligada ao compartilhamento de informações em tempo real, a espetacularização da cultura esportiva se torna um dos pilares no modo de ser da sociedade contemporânea. O vínculo central nessas relações sociais se dá no consumo de mercadorias, na alienação do trabalhador, no próprio trabalho, na reificação dos seres humanos e no fetiche das mercadorias. O espetáculo como entretenimento é uma importante ferramenta geradora de lucro, poder e manipulação. Enfim, na constituição dos seres na modernidade.

O esporte espetacularizado passa de patrimônio cultural da humanidade e direito social a veículo mercadológico, propriedade privada alienada do homem, ator e coadjuvante na manutenção de valores, padrões, perfis, afinidades e padronização de comportamentos aos interesses da acumulação do capital.

Nesse modelo de produção material, os grandes veículos de comunicação como os jornais, revistas, rádio e imprensa televisiva tem o jornalismo esportivo facilmente confundido apenas com o entretenimento desenvolvido e planejado pela publicidade e propaganda por meio do *marketing*.

Os atletas de alto rendimento tornam-se modelos publicitários e as enormes quantias pagas e amplamente veiculadas nos meios de comunicação fazem com que os indivíduos menos favorecidos pelo capital almejem essa ascensão social. Um batalhão de sonhadores é formado, mas o espaço é restrito. Por meio das mídias, o esporte espetacularizado atua de forma eficiente na criação de novas necessidades humanas, que serão atendidas não através dos valores de uso e sim dos valores de troca, do fetiche, da reificação.

Na comunicação midiaticizada, o receptor capta as informações, admira o que vê, o que ouve, identifica-se e busca adaptação. Como num sonho, um mundo perfeito é apresentado. E a sociedade, como numa válvula de escape, mergulha na fantasia. Assim, ela compra e consome querendo fazer, sem sucesso, da sua realidade concreta aquilo que está apenas no plano ideal dos anúncios publicitários.

Nesse sentido, o enfoque deste trabalho é a compreensão do que é a formação humana, em seu sentido ontológico, ou seja, o modo de ser na sociedade contemporânea e sua relação com a educação física e, conseqüentemente, com a espetacularização do esporte.

METODOLOGIA

Para entender este trabalho, os seus porquês, sua dinâmica e o curso na busca do conhecimento, é fundamental explicar o método utilizado e seus pressupostos teórico-filosóficos.

Num momento espaço-temporal onde ainda parece predominar uma forma de ver e pensar o mundo de maneira cartesiana e linear, onde o todo parece ser nada mais que a soma das partes, este trabalho se propõe a pensar e a pesquisar o problema da espetacularização do esporte de maneira dialética. À primeira vista parece pouco, mas no decorrer do trabalho o leitor irá perceber que a totalidade é muito mais que a soma das partes, mas sim um todo articulado e complexo, completamente encadeado e influenciado por diversas mediações.

Pensar dialeticamente é perceber quão potentes são as influências das ações humanas e como elas nos moldam e nos formam no decorrer da história. É perceber a força material das ideias e como elas mudam as pessoas e como as pessoas mudam o mundo. O tecido social é constituído de dentro para fora e de fora para dentro, de múltiplos lados, sem hierarquia, mas sim níveis de aproximação e afastamento da concretude do que se chama material.

Compreender um fenômeno exige sucessivas aproximações ao objeto estudado, e esse caminho de aproximações demanda, antes de mais nada, o enriquecimento do pesquisador que se destina a essa tarefa, para que possua olhos educados, capazes de perceber a enorme quantidade de determinações inerentes ao problema posto pela realidade. Um primeiro encontro com o fenômeno se apresenta apenas de maneira aparente. Esse momento é insuficiente e deve ser negado afim de poder apreender sucessivas e profundas determinações perceptíveis apenas para além da aparência, podendo assim caminhar na compreensão da verdade, da essência do objeto estudado, da lógica articuladora do complexo de complexos e do arcabouço de mediações no qual o fenômeno se insere.

O método utilizado material, histórico e dialético foi inspirado no modelo de estudo de Marx e Engels. Esses autores não se debruçaram sobre uma epistemologia, uma teoria de como conhecer, e sim (mesmo que esse não fosse o foco de sua pesquisa) em uma ontologia: o que são os seres humanos no modo

burguês de organização social. Marx e Engels não deixaram um método de pesquisa, mas percorreram um caminho buscando conhecer um objeto: a ordem burguesa (HÚNGARO, 2008).

Na busca por conhecer esse modo de produção humana, deixaram pressupostos teórico-metodológicos e apontamentos na busca pela verdade. Afirmaram que para se conhecer um objeto é necessário um movimento de idas e vindas, em que se parte da aparência do objeto, superficial e imprecisa, seguindo para uma compreensão mais madura, buscando assim a saturação de determinações. Essa saturação representa um acúmulo de conhecimento sobre o objeto, o contexto em que está inserido e seu tempo histórico:

Investigar, para Marx, é buscar essas determinações do objeto. O conhecimento do objeto e tanto maior quanto maiores forem as determinações encontradas, ou seja, quanto mais se satura o objeto com determinações maior é o conhecimento a respeito dele (HÚNGARO, 2014, p. 71).

Segundo a concepção de Lukács (2007), à luz dos textos de Marx, a sociedade é um todo articulado, onde cada objeto é rico em determinações: interligadas, articuladas e em movimento formando um complexo. E a sociedade é formada por “complexo composto de complexos” (LESSA, 2012, p. 85). Assim, o momento ontológico determinante é o da produção material da vida social.

Cabe assim ao pesquisador apreender os determinantes fundamentais do complexo em foco. De acordo com os autores, Marx e Engels, os complexos apenas poderão ser entendidos na sua conexão com outros complexos, tendo em mente que todos esses complexos estão em processo, em movimento, e são movidos por uma definição exata e fundamental dessa totalidade: a categoria da contradição (HÚNGARO, 2010).

Portanto, neste estudo, foi tratado o caminho da formação humana e sua mediação com a espetacularização do esporte. Um complexo que compõe o ser da sociedade contemporânea e que adquire real significado como objeto de reflexões ontológicas apenas quando analisado nessa perspectiva. Por prolongamento e força de tração, tal concepção é refletida nos demais complexos, os quais são articulados com os objetos de estudo, bem como a educação, as mídias, educação física, a

escola, formação, deformação humana, educação física escolar, etc, mesmo estes não sendo o foco dessa pesquisa.

Esse é o fluxo também denominado como materialismo histórico dialético. Tal conhecimento sistematizado permitiu uma aproximação à essência do objeto, que é dinâmica. Os corpos estão em constante movimento e não é possível captar um objeto e recriá-lo de forma idêntica, mas sim apreender, no campo das ideias, o movimento desse objeto. O clássico pensador grego Heráclito de Éfeso apresenta, em um dos seus mais famosos fragmentos do tratado *Sobre a natureza* essa problemática: “um homem não entra duas vezes no mesmo rio” (HERÁCLITO, 1978). E *a posteriori*, presente também na tradição hegeliana, em que a essência pressupõe processualidade: “a autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser” (HEGEL, 1988).

Reafirmando o que já foi dito anteriormente, nesse tipo de organização do conhecimento não há como dissociar o enriquecimento teórico do pesquisador da pesquisa e, apenas assim, ele conseguirá compreender o objeto estudado, como coloca Goldmann (apud NETTO, 2011, p. 55):

[...] parece certo que o método só se encontra na própria investigação e que está só pode ser válida e frutífera na medida em que toma consciência, progressivamente, da natureza de seu próprio avanço e das condições que lhe permitem avançar.

É importante ressaltar que a estratégia metodológica foi delineada conforme o processo de idas e vindas e as sucessivas aproximações (HÚNGARO, 2008), realizando assim um curso cognitivo: do complexo aparente a determinações mais simples voltado ao complexo. Investigar nesse processo é buscar saturar o objeto com o máximo de determinações.

Essas determinações também podem ser denominadas categorias. E, seguindo a tradição marxiana, em princípio, as categorias não devem ser postas de forma *a priori*, pois elas vão sendo formadas, partindo do conhecimento apresentado por meio das sucessivas aproximações ao objeto, buscando a máxima fidelidade ao que representa o objeto de pesquisa.

Em consonância com essa proposta, visando ainda a desvelar a essência do objeto, saturando-o cada vez mais de determinações, em busca da representação ideal do movimento real, fez-se necessária uma busca orientada e mais detalhada

em revistas científicas, sítios de grupos de pesquisa engajados, seleção e leitura de livros de autores clássicos originados da tradição do pensamento clássico, e revisão bibliográfica norteada por análise de fontes documentais. Nesse sentido, trazendo como técnicas de pesquisa, Netto (2011, p. 25) apresenta os seguintes esclarecimentos:

[...] os instrumentos e também as técnicas de pesquisa são as mais variadas, desde a análise documental até as formas mais diversas de observação, recolha de dados, quantificação etc. Esses instrumentos e técnicas são meios de que se vale o pesquisador para “apoderar-se da matéria”, mas não devem ser identificados com o método.

A fim de fornecer subsídios à pesquisa, buscando entender o que significa a espetacularização do esporte hoje e o seu movimento real, foi realizada uma busca no portal periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), uma agência de fomento à pesquisa brasileira que atua na expansão e consolidação da pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) em todos os estados do Brasil.

Na ferramenta de busca do próprio portal, utilizando as palavras “esporte espetáculo” foram encontradas 97 referências entre artigos e teses. Fazendo uso das palavras “esporte-espetáculo”, com hífen, foram encontrados apenas dois artigos novos. Com as palavras em inglês, *Sport Spectacle*, se obteve 30 referências; 5 em francês, 2 em espanhol, 23 em inglês, duas teses, 9 resenhas e 29 artigos.

Com a leitura dos títulos e resumos foram selecionados, visando entender possíveis consensos e discordâncias a respeito do tema para o campo da educação física, 6 teses e 15 artigos. Num primeiro momento, nenhuma dessas referências fez uso da ontologia do ser social e da estética como aporte para suas pesquisas.

Com a ferramenta de busca da revista *Pensar a prática*, apesar de serem mostrados 8 referências, nenhuma se adequou a esta pesquisa. A ferramenta de busca da revista *RBCE* apresentou apenas os artigos do ano de 2014 até o final de 2015, período em que encerramos essa parte de coleta de dados e nenhuma referência encontrada foi adequada a esta pesquisa. Na revista *Movimento* nenhuma referência foi encontrada.

Por fim, este trabalho é teórico e fundamentado no materialismo histórico e dialético, utilizando da técnica de pesquisa bibliográfica. Num primeiro momento, em

consonância com o método, foi realizada uma revisão sistemática na literatura marxista, marxiana e no campo da educação física, a fim de buscar as primeiras aproximações ao objeto, discordâncias e possíveis consensos já produzidos na área de conhecimento. A busca se deu no movimento de apreender a gênese do objeto pesquisado, tentando sempre delimitar o movimento histórico da formação humana e as mediações à espetacularização do esporte, percebendo as possíveis conexões internas e externas, compreendendo no plano das ideias, após a experiência com a materialidade, o que o objeto foi, o que é e o que pode vir a ser.

A FORMAÇÃO HUMANA NA CENTRALIDADE DA ONTOLOGIA DO SER SOCIAL: A Teoria do Ser no Tempo

1. Essência imutável

No desencadeamento das ideias e já situando o leitor no referencial teórico, é importante começarmos definindo um termo fundamental: ontologia. *Onto*, no grego, quer dizer *ser*. E em latim é *esse*, e o infinitivo de *esse* vai culminar também no verbo *ser*. Ou seja, as questões fundamentais desde a Antiguidade Clássica eram explicar o que as coisas são e o que os seres são. Daí a derivação da palavra Ontologia. Então, do grego *onto* significa *ser* e *logos*, saber. O saber sobre o ser. Os gregos acreditavam, em especial Aristóteles, que a verdade era a adequação da teoria ao ser. O que é a verdade, o que é a teoria sobre determinada coisa? E a adequação da sua elaboração com as coisas que realmente existem, com o ser.

Várias foram as explicações sobre o que os seres são. Daí, em um determinado momento os seres humanos começaram a perceber que poderia haver equívocos nessa interpretação do que os seres são. E de que tipo seriam esses equívocos? Parmênides (530 a.C - 460 a.C)² talvez seja o mais bem-sucedido filósofo grego em sua forma de pensar, pois julgava que os seres são uma essência imutável. O indivíduo olha para o mundo e tem uma falsa impressão do mundo. Vê uma época muito fria, outra com muitas flores e tempo ameno, outra de muito calor e seca. O indivíduo vê todas essas mudanças no mundo e pode ter a falsa percepção de que as coisas estão em movimento, mas, de acordo com Parmênides, o ser humano é essencialmente imutável. As mudanças das estações podem dar uma falsa impressão ao indivíduo, mas as coisas continuam sendo como são. O mundo continua sendo como é. E o ser humano continua sendo como ele é.

Essa compreensão de ser de Parmênides deixou um legado na História: ao se tentar entender a essência de determinada coisa, é necessário colocar as categorias em um pedestal de imutabilidade. No mundo atual, a noção de ciência e de verdade ainda é muito marcada por essa compreensão de ser. E esse entendimento é marcado por um princípio racional: para a razão e para o bom pensar. Esse princípio é o da

²Cléverson, Minikovsky. *Heraclito Versus Parmenides*. Biblioteca24horas; ISBN 978-85-7893-226-8. p. 25.

identidade. Uma coisa é igual a ela própria. E, por consequência, essa definição exclui o princípio da contradição. Uma coisa não pode ser diferente dela própria.

As buscas, mesmo nos dias de hoje, da verdade, de respostas sobre o que os seres são estão muito marcadas por esse sentimento de argumentação confortável de poder tem uma explicação, palpável e imutável, sobre determinadas coisas. Os indivíduos, pelo menos em sua grande maioria, vivem do trabalho assalariado. Para o homem médio é impossível imaginar uma sociedade que não seja esse, o suposto da relação social de produção.

Quer dizer, é naturalizada uma condição histórica como se fosse da própria natureza humana. O homem médio contemporâneo não se questiona sobre a essência da propriedade privada. De onde veio esse tipo de propriedade e a relação social intrínseca. O indivíduo trabalha com a propriedade privada e a internaliza. E essa convicção passa a ser como se fosse da sua natureza. Esse tipo de organização interfere, de maneira decisiva, na maneira de ser dos homens. A linguagem, as maneiras de pensar, de amar, os gostos, as vontades, os sentidos e sentimentos humanos estão diretamente relacionados a essa relação social que é histórica – a relação dos homens, no mundo dos homens³, com a propriedade privada.

Muito ainda fruto do movimento operário⁴, os trabalhadores conseguiram a duras custas um tempo livre⁵, que é um tempo residual do trabalho em que eles administram conforme sua vontade, o chamado lazer. De certa maneira, deformado pelo modo de produção e acumulação capitalista, esse tempo livre acaba se tornando mais um momento de reprodução do capital: percebe-se, atualmente, um verdadeiro ato de felicidade passear nos shopping centers. Embora o indivíduo saiba que não necessite de nada efetivamente, a ação de comprar, a atitude de posse dos bens parece dar a ele, nessa sociedade, uma sensação de poder, de poder de relacionamento e de pertencimento. Daí esse modo de agir parecer ser da natureza humana. Mas na verdade é um modo de ser do ser construído socialmente.

³ Adam Schaff em seu livro *O marxismo e o indivíduo*, de 1967, traz a seguinte compreensão a respeito da expressão *mundo dos homens*: "...o mundo do homem só é compreensível como independente de quaisquer forças existentes fora deste mundo (isto é, fora da natureza e da sociedade), e entendida como obra do homem".

⁴ Para a compreensão da luta em torno da definição da jornada normal de trabalho, ver Marx (1971a, especialmente capítulo 8).

⁵ Em outro estudo, é apresentada uma boa explicação sobre as relações entre trabalho e lazer, onde é possível salientar o entendimento do tempo livre como uma conquista social e histórica dos trabalhadores. Ver Mascarenhas (2000).

A crítica em torno dos usos do tempo livre também ocorreu em detrimento às formas de conceber o lazer desenvolvidas pela indústria cultural [...]. Justamente com a ampliação do consumo de televisores, o investimento publicitário massivo ocorrido em torno do futebol e a construção dos *shopping centers* [...], é possível perceber uma preocupação em avaliá-los criticamente, de classificá-los segundo padrões e medidas que visam a implantação de um lazer verdadeiro (SANT'ANNA, 1994, pp. 62-63).

Outra característica, muitas vezes presente e marcante, de conduta na sociedade burguesa é quando, na divisão social do trabalho, um cargo de posição hierárquica superior é ofertado a determinado indivíduo. Parece comum esse indivíduo mudar de atitude perante seus antigos semelhantes. Antes cordial e gentil, passa então a oprimir seus antigos pares em favor da acumulação do capital (produção de mais-valia).

Levando em conta a grande frequência de acontecimentos nessa sociedade, onde o homem explora o próprio homem, alguns intelectuais como Michel Foucault, reforçando esse naturalismo, afirma que a essência do homem é ruim. “O homem tem uma vontade panúrgica de poder. Onde existe homem, existe a vontade pelo poder” (FOUCAULT, 1982).

[...] o indivíduo não é o outro do poder; é um de seus primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu. (FOUCAULT, 1982, p. 183/184).

Quando um evento acontece com uma frequência muito alta (devido a uma influência positivista na maneira de se investigar a verdade), a tendência é se naturalizar, generalizando indevidamente. Indivíduos deste século XXI, adaptaram-se à maneira burguesa de pensamento, pois desde sempre conviveram sob a propriedade privada, submetidos a essas relações sociais de produção.

A propriedade privada tornou-nos tão estúpidos e unilaterais que um objeto só é nosso quando o temos, quando existe para nós como capital ou quando é imediatamente possuído, comido, bebido, vestido, habitado, em resumo, utilizado por nós (MARX, 1974, p.17).

2. Ser é vir a ser

Até os dias de hoje o pensamento de Parmênides marca o modo de ser da nossa sociedade. Por exemplo: o estudante busca se formar no ensino superior achando que será suficiente. Terminando o curso percebe que ainda há muito a aprender, então busca a pós-graduação. Terminando a pós-graduação, ainda se percebe incompleto. Isso marca nossos anseios, nossa visão de educação e de mundo. Entretanto, a busca por um ponto confortável, um momento de imutabilidade, de conclusão persiste – a buscar por entender qual é a identidade de determinado fenômeno.

Apesar de o indivíduo ter a percepção de mudanças no verão, no outono, no inverno e na primavera, ainda persiste a noção de imutabilidade do ser, de acordo com as ideias de Parmênides. Todavia, outro filósofo da tradição pré-socrática, Heráclito (nascido por volta de 500 a.C, em Éfeso, costa da Turquia, atualmente) faz o seguinte contraponto: as estações do ano mudam, o mundo gira, se transforma e o ser humano também muda. Na experiência sensível do ser, Heráclito (1978) apresenta o exemplo clássico de que quando o homem se banha no rio, ele, o rio permanece imutável, mas no momento seguinte a temperatura do corpo mudou para se adaptar ao rio. O homem já saberá se tem pedras ou não. Saberá se tem animais perigosos. Saberá onde mergulhar. Ou seja, o homem, momentos depois, não é mais o mesmo indivíduo de antes devido as suas experiências.

As ideias de Heráclito só vieram a ser retomadas em torno de mil anos depois por um filósofo alemão chamado Hegel. “Nessa polêmica, durante muito tempo, Parmênides teve a hegemonia, porém, Hegel recupera Heráclito e o entendimento do ser como *vir-a-ser*” (HÚNGARO, 2008, p. 200).

Heráclito diz, quanto à essência do ser, é que na essência da razão o princípio da identidade é falso. Uma coisa nunca é igual a ela própria. Porque em um momento seguinte o ser humano já não é mais o mesmo. É diferente do que era antes. Para Heráclito, quando Parmênides diz que os seres são iguais a eles mesmos, está equivocado. Supostamente, se o homem pensa, reflete, aprende, entende, experimenta a ideia é que o homem já não é mais o mesmo de antes.

Desde a Antiguidade, no período pré-socrático, há uma questão que atravessa o pensamento filosófico: a essência do mundo é a identidade ou a contradição. Em outras palavras, a substância do

mundo estaria na identidade ou no movimento. Em torno dessa questão se alinharam, respectivamente, Parmênides (Nascido em Eléia, em torno de 530 AC) e Heráclito (Nascido em Éfeso, em torno de 540-470 AC) (HÚNGARO, 2008, p. 200).

Ainda para Heráclito, e já em Hegel, o princípio movente do ser é que ser é vir a ser. Ser é constante vir a ser. Ser é processo. Tanto que não é possível dizer o que os seres são. Mas sim o que eles foram, o que estão sendo. Analisando o presente e o passado dos seres torna possível vislumbrar as suas possibilidades e especular o que poderiam vir a ser. Ou até, alicerçado na ética, dizer o que os seres deveriam vir a ser, levando em conta os interesses mais universais da humanidade. Essa processualidade do ser é o princípio da contradição, a essência do raciocínio dialético. Por isso, quando se pergunta qual é a identidade da Educação Física, ou de outro determinando fenômeno, causa estranheza a quem opera com os pressupostos teóricos marxistas por se tratar de um pensamento contra dialético. Para essa teoria não é possível chegar à identidade de alguma coisa porque ser é processo.

3. Monoteísmo explicando os seres

Os gregos, há mais de dois mil anos, se preocuparam em explicar o que são os seres. Mas devido as intempéries da História, com guerras, as invasões bárbaras culminam com o declínio do Império Greco-Romano e o mundo pautado nesse modo de ver e buscar entender o que são os seres apresenta um hiato. No movimento cíclico e processual próprio da História, surge um componente exógeno dessa cultura, que culminará novamente nessa discussão que queria explicar os seres, surgida do Oriente, contradizendo a visão politeísta. Até aquele momento os gregos possuíam vários deuses e esses tinham os mesmos defeitos dos seres humanos.

O elemento que vai estabelecer novas conexões à cultura e forma de pensamento destruídas pelo declínio do Império Greco-Romano é a explicação de todas as coisas em outro ser que está acima do homem. O que é o homem do ponto de vista bíblico? A imagem e semelhança de Deus. Um ser superior é apresentado para suprir as incapacidades humanas. Os homens, como não conseguem explicar uma série de mistérios, projetam em um ente celestial – principalmente alicerçados na religião monoteísta católica – as respostas, as explicações e a busca de conforto em uma série de questionamentos e fenômenos do mundo e dos homens.

Essas explicações alentam os homens inquietos quanto a questões de sofrimento e danação como morte, seca, catástrofes e doenças, ou a questões sociais como a miséria e desigualdades sociais promovidas pela exploração do homem pelo homem com o fim de acumulação: “A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o *ópio* do povo” (MARX, 2010, p. 145).

Outros trechos e interpretações são emblemáticos nesse sentido como: “Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus” (Mateus 5:3), “É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus” (Mateus 19:22-24). “Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados. Bem-aventurados vós, que neste momento estais chorando, pois haveis de sorrir” (Lucas 6:21). Quanto mais o homem sofrer neste mundo melhor será no plano celeste após a morte. Ou seja, o que importa é a liberdade transcendente, não essa. A liberdade transcendente se dá num plano que não esse. Então, quanto mais o ser humano sofre aqui, teoricamente, melhor se dará no céu celestial. Uma realidade superior a qual a humanidade é.

Essa visão teocêntrica também apresenta uma explicação do que os seres são. A humanidade existe porque existe um ser superior que permitiu a existência da vida. Essa explicação, de caráter ontológico, possui uma visão acima do universo físico, metafísico – acima daquilo que se vê ou se experimenta por meio dos sentidos humanos.

Ensinos como o da criação humana contidos em Gênesis, como a que Deus criou o homem e da costela do homem criou a mulher, trazem consigo uma objetiva explicação do devir feminino. Por essa explicação, a mulher nasce como subproduto do homem. Nos textos sagrados, em alguns trechos, diz o que cabe de conduta social a mulher: a subserviência e a submissão à luxúria masculina. Nos dias de hoje, alcançando patamares mais altos de civilidade e elevação do gênero humano, as mulheres, em sua maioria, têm questionado e não acatam mais tais comportamentos, vide a luta do movimento feminista iniciado no século XIX⁶.

⁶De acordo com Maggie Humm e Rebecca Walker, a história do feminismo pode ser dividida em três "ondas". A primeira teria ocorrido no século XIX e início do século XX; a segunda nas décadas de 1960 e 1970; e a terceira na década de 1990 até a atualidade. A teoria feminista surgiu desses movimentos femininos e se manifesta em diversas disciplinas como a geografia feminista, a história feminista e a crítica literária feminista (WALKER, Rebecca. *Becoming the Third Wave*. [S.l.: s.n.], 1992. 39-41 p.)

A explicação é meta porque está acima. E a fundamentação teocêntrica se propõe a provar as questões fundamentais da metafísica, mas se propõe a provar, primeiro, a existência de Deus. Os gregos queriam saber o que os seres são. Os filósofos da metafísica, como São Tomás de Aquino e Santo Agostinho, vão tentar provar filosoficamente a existência de Deus, questão fundamental a ser provada na metafísica, todavia impossível de ser provada numa teoria existencial dos seres, na explicação do que somos de fato.

Juntamente com a questão da existência de Deus, essa teoria tenta provar a imortalidade da alma, seguida e dependente do terceiro ponto, que é comprovar a transcendência da liberdade. Isto é, se a liberdade se dá em outro plano. O corpo, nessa visão, é tão somente o cárcere da alma; ele retém a alma por um período de tempo a fim de que ela possa se redimir do pecado original, *descoberto* pelo primeiro homem na árvore do conhecimento. Essa é uma das explicações sobre os seres muito presente nos dias de hoje: uma ontologia de caráter metafísico, acima daquilo que os homens podem captar com os seus sentidos.

Toda explicação sobre o ser vem seguida de uma explicação sobre o dever ser. O dever ser, ou devir, é o ramo da Ética, um esclarecimento sobre como os homens devem agir. A perspectiva teocêntrica traz um ensinamento do devir, uma culpa, o pecado original e, advindo desse erro originário, o padrão existencial a ser cumprido pelo homem. Os Dez Mandamentos, por exemplo, é um código de ética. Código de ética teocêntrico, ainda não totalmente superado, pois nos dias atuais grande parte da população ainda segue muitos desses ensinamentos. Essas explicações metafísicas proporcionam segurança a muitos questionamentos da humanidade, como a morte, pois o problema da finitude traz um desconforto à existência humana.

As ontologias, até agora apresentadas, supõem uma determinada concepção de ser e de mundo e estão aportadas em uma concepção dualista de mundo – o homem está separado em corpo e alma. E o mundo está separado em “mundo das luzes” e “mundo das sombras”.

Platão (427 a.C – 347 a.C)⁷, filósofo grego, base dessa compreensão, evoca o esclarecimento no qual o mundo vivido pelos homens é o mundo das sombras, o mundo da caverna. O homem tem vida nesse mundo porque tem um corpo. E esse corpo é o cárcere da alma. Os homens estão nesse mundo, mundo da aparência,

⁷ Diógenes Laércio p. 21, David Sedley, *Plato's Cratylus*, Cambridge University Press 2003.

mundo da escuridão, porque estão marcados pelo pecado original, pecado da ignorância (PLATÃO, 2000, p. 289).

A passagem no mundo das sombras, por um espaço de tempo, é necessária à libertação da alma do corpo. Ao se libertar do corpo, a alma chega ao mundo das luzes. No mundo das sombras não está disponível aos homens o conhecimento das essências. O mundo das sombras é sempre o mundo das aparências – ao homem é possível, apenas, o acesso da aparência (CHAUÍ, 2000, p. 47).

Para Platão, o homem vai acumulando conhecimentos aparentes suficientes para se separar do corpo e ascender ao mundo das luzes. O mundo das luzes será o lugar onde se revelará a essência das coisas. A alegoria na qual Platão explica essa relação do homem com o mundo é o mito da caverna (PLATÃO, 2000, p. 287).

Nesse sentido, a natureza humana é imperfeita porque ela não capta a essência das coisas. Portanto, do ponto de vista do ser humano, essa visão é negativa. Os seres humanos são imperfeitos, marcados pelo pecado original, a ignorância, e no mundo vivido e material a essência é inacessível aos homens.

Ainda de acordo com Platão (2000), o homem está nas trevas em função da ignorância, o que contrasta com a concepção do Velho Testamento: o homem cai do paraíso exatamente por causa da sabedoria. No entanto, no contexto da Idade Média, embora concepções diferentes, elas não são contraditórias. Aqui, o conhecimento é revelado, mas por meio de alguém. Revelado por meio das divindades ou descoberto pelo próprio homem.

A interpretação dessa teoria pelo pensamento religioso, notadamente o Novo Testamento, teve um entendimento próximo e ao mesmo tempo diferente. No plano material o homem veio para expiação dos pecados. Interpretações como céu, mundo das luzes, inferno, mundo das sombras são facilmente percebidas. Essa interpretação, pelo viés do Cristianismo, forneceu o arcabouço ideológico da Idade Média. Essa visão não é humanista. Não coloca o homem em primeiro lugar, mas coloca os seres ruins por natureza.

4. Do Paradigma Teocêntrico ao Antropocêntrico

Por isso, no processo revolucionário do Iluminismo, Saint-Just afirma que a felicidade é algo novo no mundo⁸ (COSTA, 2012, p. 148). Essa aspiração de uma existência que seja plena de sentido volta a surgir no mundo com o Renascimento, junto com o Iluminismo, momento em que a visão de mundo inspirada em Platão entra em decadência. A dicotomia dos dois mundos, dos dois seres entram em decadência. Entretanto, ainda hoje essa divisão não foi totalmente superada. Na História, na Filosofia e na Sociologia é importante entender os processos. Não há como entender por uma lógica fragmentada e verticalizada. A história é processual.

Na estrutura produtiva europeia feudal (período compreendido, aproximadamente, do século V ao século XIII) havia uma região, o burgo, onde se organizavam as grandes feiras, e havia uma pessoa que não plantava mandioca, não plantava arroz, cuja função na estrutura da divisão social do trabalho era a organização da feira. Ele tinha por trás de si uma religião que apregoava o lucro como pecado. O morador desse lugar era o burguês, que, em um determinado momento, aperfeiçoou seus serviços, passando a andar por esses feudos e oferecendo produtos dos quais as pessoas precisavam.

Porém, o burguês começa a ter problemas à medida que começa a acumular moeda e com a necessidade de trocá-las. Para isso, precisava de proteção, porque senão seus pertences e suas posses acumuladas poderiam ser saqueados. O burguês, assim, começa a concentrar riquezas em forma mobiliária, de dinheiro e de metais. Ademais, uma ação da Igreja (as Cruzadas)⁹ fortalece ainda mais esses burgueses.

⁸ Em 3 de março de 1794, Saint-Just afirma na tribuna da Convenção, pensando nas possibilidades abertas pela Revolução Francesa: “A felicidade é uma ideia nova na Europa”.

⁹ As Cruzadas foram guerras estimuladas pela Igreja Católica com o intuito de aumentar seu poderio ideológico e econômico com a justificativa de difundir o Evangelho. Huberman (1983 apud Húngaro, 2001: 64) afirma que “As cruzadas levaram novo ímpeto ao comércio. Dezenas de milhares de europeus atravessaram o continente por terra e mar para arrebatam a Terra Prometida aos muçulmanos. Necessitavam de provisões durante todo o caminho e os mercadores os acompanhavam a fim de fornecer-lhes o de que precisassem. Os cruzados que regressavam de suas jornadas (...) traziam com eles o gosto pelas comidas e roupas requintadas que tinham visto e experimentado. Sua procura criou um mercado para esses produtos. [...] Frequentemente, as guerras fronteiriças contra os muçulmanos, no Mediterrâneo, e contra as tribos da Europa Oriental eram dignificadas pelo nome de Cruzadas quando, na realidade, constituíam guerras de pilhagens e por terras. A Igreja envolveu essas expedições de saque num manto de respeitabilidade, fazendo-as parecer como se fossem

As Cruzadas foram o movimento dos militares de inspiração cristã que se estendeu do século XI ao XIII. Partiam da Europa Ocidental em direção à Palestina (região controlada pelos turcos muçulmanos e também considerada Terra Santa para os cristãos) e à cidade de Jerusalém. Tinham o intuito de conquistá-las, ocupá-las e mantê-las sob domínio cristão. Na Região do Oriente Médio, as Cruzadas foram chamadas de "invasões francas", pois os habitantes da região percebiam esses movimentos armados como invasões. A maioria dos soldados era dos territórios do antigo Império Carolíngio, hoje região da França, e se autodenominavam francos.

A mesmo tempo em que as cruzadas cristãs em nome do anúncio do Evangelho e retomada das Terras Santas das mãos dos pagãos fortaleceram a burguesia, a proibição do comércio com fins lucrativos, a proibição do lucro como pecado entram em conflito com os interesses da classe burguesa.

Por volta dos séculos XI e XIII, a visão dualista de mundo entra em decadência. Na disputa entre burguesia e igreja surgem novas visões de mundo. Entendimentos esses que questionavam o poderio ideológico da Igreja, na qual a verdade era uma revelação divina, permitida apenas ao clero. O poder estava nas mãos dos nobres como sendo um dom divino e, sendo assim, os reis, a nobreza e o clero eram os verdadeiros representantes de Deus na terra, não devendo jamais ser questionados (PATRIARCA, 2012, pág. 16)

Nesse emaranhado cultural acontecem mudanças radicais envolvendo a organização social e o modo de produção humana, o que levou ao fortalecimento de novas compreensões de homem e de mundo, questionando assim os grilhões das estruturas ideológicas que foram o alicerce da sociedade feudal.

Em razão das significativas mudanças trazidas pelo mercantilismo, não havia mais como sustentar a ideia de que os homens eram "ruins por natureza", em decorrência do "pecado original", tampouco que os homens estavam destinados à miséria, como forma de se livrarem desse pecado original. Nesse contexto, trata-se de um homem que, "guiado pelas estrelas" e, principalmente, por uma bússola – entre outras coisas –, sai do continente europeu e, navegando, chega precisamente à América. E o melhor: sem cair fora do mundo quando ultrapassa a linha do horizonte! (PATRIARCA, 2012, pág. 16).

guerras com o propósito de difundir o Evangelho ou exterminar pagãos, ou ainda defender a Terra Santa".

Esse período da história humana é considerado a passagem do “teocentrismo” para o “antropocentrismo”. A fé começa a perder espaço para a razão.

A fé, como se sabe, funda-se na crença e a ciência, na dúvida. A verdade deixa de ser, portanto, uma revelação e passa a ser compreendida como uma “descoberta”, resultado do exercício racional da dúvida. Não se faz religião com dúvida. Os homens, aos poucos, vão se percebendo como seres racionais e, portanto, como aqueles a quem é possível a “descoberta da verdade”. Essa é a essência do Racionalismo: é a razão humana e não a fé que distingue o verdadeiro do falso.

A mudança das circunstâncias faz surgir novas ideias: não é atoa que as cidades comerciais vão estimular a atividade científica, as atividades das artes no Renascimento, porque era uma forma de negar aquela concepção de homem ruim. O período renascentista aconteceu entre o século XIV e início do século XVII. Essa etapa da história foi marcada por significativas mudanças no modo de ser e de pensar dos homens. Foi um período marcado por mudanças na cultura, sociedade, economia, política e religião e pela transição do modo de produção feudal ao modo de produção capitalista, o que significou uma ruptura com a organização social medieval e trouxe profundos efeitos nas artes, na filosofia e nas ciências.

A palavra *renascimento*, que dá nome a esse momento da história, é usada em atributo às redescobertas e revalorização de referências culturais da Antiguidade Clássica, cujas concepções conduziram a transformações de cunho filosófico humanista e naturalista. É uma época de redescoberta do mundo e do homem (BUCKHARDT, 2009).

5. Visão Romântica do Mundo

Dialeticamente a essa concepção, o homem que chega à América, agora nem precisa mais das estrelas, pois criou um material chamado bússola. Esse homem descobriu, outrossim, que na verdade a Terra não é o centro do Universo. Como dizer que esse é um ser imperfeito? Que não possui controle sobre a natureza? Que não é capaz de desvelar os fenômenos essencialmente? Cria-se uma concepção de que os homens possuem uma natureza perfeita, de que eles são bons – no sentido de possuir uma natureza perfeita. O problema é que a sociedade, o mundo corrompe o homem.

A esse conceito de homem e de mundo é dado o nome de visão romântica e um de seus principais pensadores é Jean-Jacques Rousseau, importante filósofo, teórico, político, escritor e compositor suíço, nascido em Genebra, em 1712, morto em 1778. É considerado um dos principais filósofos do Iluminismo. Para ele, os homens são bons por natureza, o problema é o mundo. Sabe-se que esse ideal alimentou movimentos revolucionários.

Um período histórico revolucionário é resultado de um fluxo desencadeado por diversas ações humanas. Alguns determinantes desses momentos da história são fruto do acaso, entretanto, sempre se encontram articulados e consequentes de objetivos diversos, como a mobilização e a tomada de consciência do real. A Revolução Francesa é um exemplo clássico dessa afirmação: ela foi muito mais do que a simples ocorrência do dia 14 de julho; foi mais do que um movimento linear, estanque e desarticulado. A Revolução Francesa foi um período de intensa agitação com causas remotas e imediatas: sociais, econômicas e políticas.

O conceito de homem e de mundo advindo do pressuposto filosófico romântico, dentre outros elementos da época, mobilizou várias pessoas a questionar o pensamento sustentado pelo clero: de que governantes eram predestinados e enviados dos céus à Terra. O povo, nessa época, tinha que arcar com todas as despesas do clero e da nobreza, respectivamente 1º e 2º estados. Com o passar do tempo e influenciado pelos ideais do Iluminismo, o povo (3º estado) começou a se revoltar e a lutar pela igualdade de todos perante a lei. Pretendia, assim, combater, dentre outras coisas, o absolutismo monárquico e os privilégios da nobreza e do clero.

Por outro lado, a economia francesa passava por uma crise: mais da metade da população trabalhava no campo, além de vários fatores (clima, secas e inundações) piorarem ainda mais a situação da agricultura, fazendo com que os preços subissem. Nas cidades e no campo, a população sofria com a fome e a miséria. Além da agricultura, a indústria têxtil também passava por dificuldades por causa da concorrência com os tecidos ingleses que chegavam do mercado interno francês. Como consequência, vários trabalhadores ficaram desempregados e a sociedade teve o seu número de famintos e marginalizados elevado. Toda essa situação fazia com que a burguesia (ligada à manufatura e ao comércio) ficasse cada vez mais infeliz. A fim de contornar a crise, o Rei Luís XVI resolveu cobrar tributos do povo (3º estado), em vez de fazer cobranças ao clero e à nobreza.

Em meio a uma crise fiscal, o povo francês fica cada vez mais irritado com as ações do rei Luís XVI, com sua indiferença contínua em relação ao povo. Esse ressentimento, aliado aos cada vez mais populares ideais iluministas, alimentaram sentimentos severos que desencadeiam a revolução em 1789, culminando com a morte da família real em 1793. A execução do rei Luís XVI, com sua cabeça cortada e seu sangue “vermelho humano” jorrado em praça pública, demonstra a força do pensamento de que os nobres não são divindades enviadas das alturas e que os homens são iguais abaixo dos céus. Em geral, as conjecturas dessa compreensão romântica induziram a uma ação revolucionária: é preciso mudar a sociedade e fazer com que a natureza perfeita do homem não seja corrompida.

Mesmos nos dias de hoje, ainda é possível perceber a maneira de pensar da sociedade marcada por todas essas concepções, nas obras de artes: quando se lê, por exemplo, José de Alencar, os fundamentos são esses. Quem são os heróis de José de Alencar? Aqueles que não se corromperam pela sociedade. Os heróis e puros são como os indígenas. Para Rousseau, a essência está nos não corrompidos. Nas crianças. Como é a maneira de ver as crianças no mundo contemporâneo? A visão da criança é muito romântica. Crianças não fazem maldade, não pisam no pé, não xingam, são espontâneas em riso. Por quê? A sociedade possui, em sua elaboração, um conjunto de concepções construídas no andar da história.

Quando se pensa a criança como espontânea não é levada em consideração a formação histórica e social da criança. Num movimento dialético, é indispensável pensar a condição biológica atrelada à condição social construída pela humanidade. Não se trata apenas de uma autoconstrução, mas de uma elaboração e constituição coletiva da sociedade humana.

6. Revoluções na Compreensão do Mundo

De tal maneira, as formulações desse pensamento romântico impulsionaram a ação revolucionária: transformar a sociedade que produziu esse tipo de seres se mostrou fundamental. Esses pressupostos, junto com inúmeros outros determinantes, foram alicerces ideológicos da Revolução Francesa.

Um período histórico revolucionário é resultado de um fluxo desencadeado por diversas ações humanas. Alguns determinantes desses momentos da história são

fruto do acaso, entretanto, sempre se encontram articulados e consequentes de objetivos diversos, como a mobilização e a tomada de consciência do real. A Revolução Francesa é um exemplo clássico dessa afirmação: ela foi muito mais do que a simples ocorrência do dia 14 de julho; mais do que um movimento linear, estanque e desarticulado. A Revolução Francesa foi um período de intensa agitação com causas remotas e imediatas: sociais, econômicas e políticas.

Os movimentos sociopolíticos ocorridos entre 1640 e 1850 ficaram marcados como as Revoluções Burguesas. O perfil aristocrata marcado por uma monarquia absoluta e/ou por terrenos fundiários de propriedade da nobreza deu vez a uma sociedade capitalista submetida ao modo de produção mercantil liberalista. Exemplos clássicos de revoluções burguesas são a Revolução Inglesa (1640/88) e a Revolução Francesa (1789) nas quais:

Os mecanismos políticos, jurídicos e ideológicos de ambas garantiam à burguesia o desenvolvimento das relações capitalistas de produção e o exercício da dominação social da hegemonia política sobre os demais segmentos da sociedade contemporânea (SANDRONI, 1989, p. 275).

Uma vez estabelecidas as chamadas revoluções burguesas, a sociedade começa a perceber o seguinte: as palavras de ordem eram igualdade, liberdade e fraternidade; mas elas não foram cumpridas.

Sabe-se, no entanto, que a igualdade se deu sobretudo no campo jurídico, embora – ainda hoje – na prática as pessoas não são iguais perante a lei. Quanto maior o poder econômico, maiores as possibilidades, oportunidades e vantagens: uma pessoa rica no mínimo terá um advogado melhor.

A liberdade é a liberdade de ser proprietário, o que passou a ser um direito de todo homem. Mas o que ficou em dúvida foi: sendo a propriedade privada direito de todo homem, porque ainda subsistem tantos desvalidos e desapropriados?

A fraternidade, no modelo social instaurado, se deu tão somente por meio de práticas assistencialistas destinadas a campanhas como as do agasalho para os desabrigados e alimento para os famintos, mantendo as pessoas menos favorecidas, ainda, subservientes.

Assim, o povo começa a perceber que essa classe social que ascendeu, protagonista do movimento revolucionário, não cumpriu o que prometeu. É nesse

momento que a classe ascendente traz à tona a construção de outra concepção de homem e de mundo, com o ser humano sendo ruim por natureza.

Como o que sustenta o existente é a definição das diferenças inatas, é possível notar, agora, outro discurso da classe burguesa no poder: o problema não se encontra no mundo, não está na sociedade – o problema são as pessoas. Os seres humanos são desiguais por natureza. Em outras palavras, um determinado indivíduo já nasce com a capacidade de pensar, refletir, apto a trabalhos mais nobres na sociedade. Outro, entretanto, nasce com a capacidade para trabalhos inferiores. Nessa nova ontologia as aptidões naturais devem ser respeitadas. O problema não está na organização burguesa. Por que existe desigualdade? Porque uns possuem mais capacidade do que os outros. Essa concepção é a concepção das diferenças inatas.

Essa concepção, se sabe, possui sua sustentação de ordem filosófica, além de aliviar a própria culpa dos homens, assim como o faz a religião. O problema das desigualdades sociais passa aqui a não ser mais dos indivíduos que compõem a sociedade, mas sim de uma ordem natural ou metafísica dos seres: as pessoas já nascem predestinadas ao sucesso ou ao fracasso.

7. Teorias do Ser Hoje

Cada um dos pressupostos teórico-filosóficos: O ser, regido pela religião (animista), ruim por natureza e bom por natureza, são formas de compreender o que são homens e o mundo.

Presentes, ainda hoje, é possível notar cada uma dessas concepções em ditos populares como “Pau que nasce torto morre torto”. O entendimento é que o problema é original, já estava na origem do ser. Nas escolas, são notadamente perceptíveis no cotidiano atitudes no sentido de não repreender as crianças pois são fruto de legítima espontaneidade. Esse discurso é produto do Romantismo. Outro discurso é o dos problemas no mundo contemporâneo serem resultado da falta de fé em Deus. Ou seja, há sincretismo de concepções de homem e mundo. Essas compreensões do que são os seres dizem o que o homem é de fato: sobre os humanos e seu modo de relacionamento em sociedade. Entretanto, são limitadas e impedem que a sociedade alcance patamares superiores de civilidade.

Desde Heráclito (apud SPINELLI, 2003) e Parmênides (apud BORNHEIM, 2005), já se percebe o exemplo do indivíduo que olha para o mundo: quando o observa tem a impressão de que as coisas passam, que são imutáveis, mas é considerável notar que há uma diferença entre perceber e pensar. Nos dois casos, Parmênides (idem) observou as coisas e relatou que elas são imutáveis. Mas, para Heráclito (idem), elas não permanecem: a ideia do vir a ser. O observador tem a falsa impressão de que elas, as coisas observadas, ficam sempre da mesma forma.

Ambos olharam para o mesmo mundo, ambos perceberam o mesmo mundo, mas chegaram a conclusões distintas: uma coisa é ter essa possibilidade de percepção; outra coisa é fazer juízo sobre isso. Essa dualidade da filosofia clássica (ver-pensar o mundo) possibilitou outro questionamento sobre os seres humanos: como é que se conhecem os seres? Como é que se conhece a essência das coisas?

É desse movimento filosófico que se origina a palavra *episteme*, de epistemologia: conhecimento sobre regularidade, sobre a formação das coisas, ou seja, sobre a essência das coisas. A epistemologia é a filosofia do conhecimento, a filosofia da ciência, de como se procede o conhecimento sobre as coisas. Quem somos nós? O que nós somos é a teoria do ser: ontologia. O que nós conhecemos, e o que podemos conhecer, e até onde podemos buscar conhecimento, aí é a epistemologia, a teoria, o fundamento, a filosofia do conhecimento.

O posicionamento deste trabalho, como anteriormente mencionado, é um juízo particular vinculado a uma escola de pensamento marxista. Essa tradição tem resposta para essa pergunta sobre o ser e sobre o conhecer. Lukács (1979) percebeu isso e tentou nos dar uma resposta sobre a questão submetida à ontologia. É uma possibilidade do ser, uma possibilidade existencial.

Então se percebe, com aquelas concepções de homem e mundo, que a burguesia na sua fase conservadora vai justificar o existente, justificar o seu domínio, justificar a forma de ser dessa sociedade. As pesquisas de Marx (1974; 1985) apontam para uma reflexão de que essa situação em que a sociedade se encontra é fruto de uma situação existencial específica. Esses apontamentos trazem consigo questionamentos sobre os quais Marx se debruça.

8. Por uma Teoria do Ser Social

Para entender essa nova concepção de homem, é importante um breve relato histórico sobre a trajetória de Marx. Filho de juízes, Marx entra para a faculdade de Direito. Entretanto, no início da jornada acadêmica opta por cursar Filosofia, curso em que se forma na Alemanha. Na época, no meio acadêmico havia uma forte influência de um autor importante chamado Hegel (1770-1831). Marx, então, adere a um grupo de jovens chamado “Os jovens hegelianos”. A conjuntura da época indicava que o próximo reitor seria um dos irmãos Bauer, que eram próximos aos jovens hegelianos. Marx almejava uma vaga na cátedra universitária e tudo indicava que esse seria o transcurso normal dos acontecimentos, visto a conjuntura política.

Entretanto, ocorre uma mudança nos rumos políticos do Estado. A Alemanha ainda não era um país, pois unifica-se tardiamente (no final do século XIX), assim como a Itália. Com isso, o nacionalismo exacerbado contribuiria para que ocorressem, nesses dois países respectivamente, o nazismo e o fascismo. Assume o poder do império um nobre da Prússia, chamado Frederico Guilherme IV, que, entre outras ações, nomeia para reitor da universidade de Berlim um acadêmico inimigo teórico de Hegel, chamado Schelling. Nesse contexto, o projeto inicial do jovem Marx de seguir a carreira acadêmica na universidade se frustra. Começa, então, a trabalhar em um jornal chamado Gazeta Renana.

Além de nomear, entre outras coisas, o adversário teórico de Hegel, Frederico Guilherme IV decretou o fim do direito consuetudinário, que era o direito dos desvalidos de recolher lenhas das fazendas de madeira, que vinha de geração a geração. A Alemanha era muito fria e o povo menos favorecido tinha o costume de cortar árvores: como não eram proprietários da terra, entravam para cortar lascas de madeira – tradição muito antiga. Esses indivíduos iam de casa em casa vendendo madeira em troca de comida, tarefa que possuía um valor comercial que, muitas vezes, os donos de fazenda não queriam abrir mão. No entanto, como era um direito que passava de geração para geração, os proprietários da terra respeitavam.

Frederico Guilherme IV baixa um decreto com a proibição de catar lenha, o que resulta em uma mobilização advinda de parte da população que vivia com essa atividade. Marx, na condição de jornalista, documenta o fato. Escreve um artigo denunciando o ocorrido e defendendo os desvalidos, mas percebe que necessita de

fundamento teórico para sustentar sua posição, pois ela é tão somente uma posição de princípio: os seres humanos têm que vir à frente da propriedade privada. Mas o que é o direito à propriedade privada?

No exílio, após o fechamento do jornal, Marx entra em contato com a obra de Engels e escreve um texto para uma revista, que ele vem depois a coordenar, os Anais Franco-Alemães. Marx e Engels, como se sabe, é uma das maiores parcerias intelectuais do Ocidente. O que é a sociedade civil burguesa? Marx inicia esse estudo em 1843. Marx (1974; 1985) enxerga essa sociedade civil burguesa assim como via Hobbes (1997): é o lugar onde o homem é o lobo do homem.

Hegel (1998) acredita que a sociedade civil burguesa é o reino da miséria física e moral. Marx (1974; 1985), por sua vez, objetivava interpretar essa sociedade a fim de entender o poder nele estabelecido. A sociedade civil burguesa coloca o homem em primeiro lugar? Esse é um princípio iluminista: só se transforma aquilo que se conhece. Assim, o conhecimento teórico é uma arma revolucionária. O suposto desses autores é que toda e qualquer forma de dominação sobre o outro tem que operar necessariamente com alguma forma de consentimento, de forma a convencer de que aquele domínio é legítimo. Marx (1974; 1985) propõe as mesmas questões que vinham desde a Grécia Antiga: o que importa para ele é responder o que os seres são.

O que Marx (1985) argumenta é que a alienação é uma condição existencial: para o burguês, na metáfora do Sartre (2007), o inferno é sempre os outros, mas para Marx os burgueses não são os outros; os burgueses somos nós. O burguês, por exemplo, é o tipo humano cuja obra de arte da sala é para combinar com a cortina; é o tipo humano que fica feliz quanto mais possui; que põe sua felicidade nas mercadorias. *O capital* de Marx, segundo uma leitura de Lukács (1979), é uma nova explicação sobre o ser, o que os seres são, e por que eles são da maneira que são.

Aristóteles (2008) afirma que o homem é um animal político e social. Marx (2001) e Lukács (1979) estão de acordo com essa afirmação: cada um é uma construção social, histórica e cultural. Assim, o homem é um ser social, mas possui uma dimensão que é universal. Somos seres sociais e seres singulares. Não existem seres idênticos repetidos. Os seres humanos são seres singulares, porém a sua singularidade advém do *viver em sociedade*. Essa singularidade é fruto do meio, de condições históricas, culturais, políticas e econômicas.

...o homem é por natureza um animal social, e que é por natureza e não por mero acidente, não fizesse parte de cidade alguma, seria desprezível ou estaria acima da humanidade [...]. Agora é evidente que o homem, muito mais que a abelha ou outro animal gregário, é um animal social. Como costumamos dizer, a natureza não faz nada sem um propósito, e o homem é o único entre os animais que tem o dom da fala. Na verdade, a simples voz pode indicar a dor e o prazer, os outros animais a possuem (sua natureza foi desenvolvida somente até o ponto de ter sensações do que é doloroso ou agradável e externá-las entre si), mas a fala tem a finalidade de indicar o conveniente e o nocivo, e portanto também o justo e o injusto; a característica específica do homem em comparação com os outros animais é que somente ele tem o sentimento do bem e do mal, do justo e do injusto e de outras qualidades morais, e é a comunidade de seres com tal sentimento que constitui a família e a cidade (ARISTÓTELES, 2008, p.34).

Sendo assim, a essência é transformada pela sociedade e a sociedade é transformada pela essência. O homem transforma a sociedade e é por ela transformado: “Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem, a história, como querem, fazem sob circunstância que não são da sua escolha, que foram negadas pelo passado e outras gerações” (MARX, 1997, p. 65).

Há, então, condicionantes sociais e históricos que agem sobre os homens, mas não os imobiliza pois, os seres não são só fruto do sistema, mas interferem nessa realidade. Os homens são, de alguma forma, agentes da sua própria história, agentes do seu próprio destino. E precisam de atitude e estratégia para interferir na maneira de pensar dos seus semelhantes. O ser singular interfere no modo de pensar dos seus pares mais próximos, mas isso não quer dizer que vai acabar com a fome em escala global. Entretanto, por meio da ação individual é possível criar os mecanismos necessários para a ação e organização coletivas capazes de uma reorganização social mais humanizada frente aos desafios e dificuldades. As transformações sociais dependem das ações humanas, concretas e coletivas, emaranhadas num tecido social complexo e articulado.

Sabe-se, dessa forma, que o homem é um ser social. Para Vygotsky (1996), há a formação social da mente: a consciência é construída socialmente. Em outras palavras, *é a aprendizagem que determina o desenvolvimento*. Sendo assim, é possível o poder sobre o mundo. As escolhas e alternativas são possíveis. Quanto mais se ampliam as alternativas, maiores as condições de escolhas.

O ser, assim, faz escolhas sob as circunstâncias do mundo: escolhe entre alternativas e constrói a sua opinião, a sua maneira de pensar, que é um resultado da sua história, da sua cultura. Então, aqui, discute-se a essência do ser. Como o ser é ser social, a sua essência não é imutável, ou seja, ser é vir a ser. Esse é um princípio fundamental para se pensar revolucionariamente. Ou seja, o homem é um ser social, mas que está em constante transformação, porque ele muda o mundo e muda a si próprio. Paulo Freire (1996) dizia que o homem é um ser inacabado e inacabável: não há separação entre natureza e cultura: sem oxigênio nenhum de nós vai existir, sem nutrientes não vamos existir, então nós somos seres naturais, como uma série de seres, a vaca, o bode, a rosa. Porém, nós nos distinguimos dos outros seres da natureza de que maneira? A nossa capacidade interventiva no mundo: o homem é o único ser que trabalha.

9. Da Categoria Fundante do Ser Social

Marx (1997) se vincula a uma compreensão humana que envolve a práxis. O que é práxis? É a ação intencional que o homem produz, executa, consigna. A mais importante delas, segundo Marx (idem), é o trabalho. Nós que somos seres naturais nos distinguimos da natureza porque transformamos a natureza intencionalmente, de forma consciente, um ato que se divide em três momentos fundamentais: o primeiro, o momento do projeto; o segundo, o momento da execução; o terceiro, a concretização daquilo que mobilizou suas forças, o produto.

Para Marx,

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 1985, p.297).

Por meio do trabalho o homem transforma a natureza e por essa mediação é transformado. O homem é o único ser que transforma intencionalmente a natureza;

essa transformação intencional, ela é teleologicamente posta, porque o homem antes de transformar *na realidade* ele transforma *na sua cabeça*; ele projeta, ele é um ser de teleologia (*tele* é prefixo que significa distância; *logia*, pensamento). Quer dizer, ele pensa à distância. “No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto, idealmente” (MARX, 1985, p. 298). Essa prévia ideação tem por base, por fundamento, por origem da materialidade do mundo, aqui na direção inversa do que pensava Descartes: o homem pensa e existe. Em Marx, ao contrário, o homem existe e por isso ele pensa. Assim, o materialismo na filosofia é sempre considerar o existir anterior ao pensar.

Colocando em foco a natureza humana, no momento da execução, se pode dizer então que os seres mudam o mundo e são por ele modificado. Sim, então ser é vir a ser. É constante transformação. Aqui é possível perceber essa noção de dialética que o ser é vir a ser. Heráclito, Hegel (1998) e Marx (1974; 1985; 1997; 2001), dentre outros, discorrem sobre o assunto. Marx (idem), especificamente, se apropriou de Heráclito e Hegel e compreendeu que o ser é vir a ser, ou seja, a própria essência do homem está consignada em sua capacidade de transformar intencionalmente a natureza. Demonstra, assim, que somos essencialmente vir a ser. Somos seres incompletos, inacabados.

Hegel (1998) propõe, juntamente com a incerteza, uma certeza: se nós somos vir a ser, nós não somos todos poderosos. Primeiro ele oferece uma certeza (nós somos vir a ser), ao que ele dá uma resposta à questão *o que os seres são?* Eles são o vir a ser. No objeto do trabalho do ser está a objetivação do sujeito – qual é a forma que o ser humano tem de se pôr no mundo? Objetivando-se, externalizando-se, concretizando-se. Sendo assim, o que diferencia o homem dos animais não é só a consciência, mas também a ação.

É sabido que os filósofos se ocuparam de interpretar o mundo de diversas formas. Para alguns deles, o que nos distingue é que temos a possibilidade da ação: nós somos seres de práxis. Pelo trabalho o ser se concretiza no mundo, se objetiva, se torna pensamento concretizado. Uma cadeira, por exemplo. Quem a inventou? Algum macaco, um cachorro ou uma vaca? Não, um ser humano, que realizou esse ato de teleologia e aperfeiçoou o objeto. Mas, ao mesmo tempo em que ele executa isso, ele interfere e possibilita uma subjetivação do objeto: o mundo *entra* nele. Ele se apropria da realidade e *parte do mundo entra na sua cabeça*.

Uma imanente relação entre objetivação e subjetivação pode ser constatada. Um processo dialético no qual o homem existe como consciência e como coisa, objeto e produto. Desse modo, o homem transforma a natureza e é por ela transformado, em um elo consciente que supera o homem enquanto sujeito singular.

O homem produz o homem, a si mesmo e a outros homens; assim como produz o objeto, que é o acionamento imediato da sua individualidade e ao mesmo tempo a sua própria existência para o outro homem, [para] a existência deste, e a existência deste para ele (MARX, 2004, p.106).

Por isso, essa compreensão resulta do entendimento de que o homem não existe, somente, na conexão imediata com o objeto produzido, mas também enquanto um ser social, tendo em vista que o processo evolutivo acontece num movimento de apropriação – por outro ser – do que é produzido no complexo da individualidade. Por esse motivo a expressão de que os seres humanos são seres universais e livres, pois o trabalho humano e, por conseguinte, os seus resultados são apropriados por si e por outros, tornando os homens seres genéricos e universais. “...a sociedade é a unidade essencial completada do homem com a natureza, a verdadeira ressurreição da natureza, o naturalismo realizado do homem e o humanismo da natureza levado a efeito” (MARX, 2004, p.107).

E quando essa natureza transformada for um objeto de caráter imaterial? Como ideias, poesias, elaborações intelectuais? Propostas, produção simbólica, produção em forma de ideação, produtos culturais, produtos ideais? Nesse caso, a condição de se avaliar é menor a fim de perceber o quanto o ser se objetivou. No entanto, mesmo assim o ser se objetivou no mundo de alguma forma, de acordo com Marx (1974; 1985; 1997; 2001). Sendo assim, conclui-se que o trabalho não é a única forma de práxis. Do trabalho derivam outras formas de práxis, tão importantes que vão ter autonomia em relação ao trabalho.

Uma tribo, por exemplo, pratica a caça. No entanto, antes os indivíduos vão projetar, prévia-ideação: antes da caça propriamente dita, eles desenharam a representação da caça na parede. Fizeram pela necessidade de planejar, mas fizeram também por uma função mística religiosa, porque acreditavam alegrar os seus deuses, representando aquilo que é domínio deles. Tanto é que mais para frente inventaram as cores, porque acreditavam que quanto mais pintar fosse representativo

do fato, mais estariam agradando aos seus deuses. Podemos dizer que isso é a própria forma da pintura da tribo, ou seja, é pura no seu estado original, mas a finalidade que essa pintura tinha nessa sociedade não era artística. No entanto, sem essa expressão eles não teriam desenvolvido as habilidades pictóricas.

Lukács (1979) vai afirmar que o trabalho é a protoforma de qualquer práxis humana, mas todas as outras práxis possuem uma legalidade e especificidades. Podemos afirmar, então, que se não fossem as nossas necessidades de trabalho a ciência não seria desenvolvida. A ciência é uma forma de práxis humana. É uma ação intencional do homem, mas que obedece a uma legalidade distinta da do trabalho: é um trabalho científico, o que denota uma legalidade e uma especificidade próprias. O mundo da ciência exige, por exemplo, que se faça as devidas referências, quando o sabido sobre determinada coisa está inserido em outros autores. Por exemplo, Foucault aparece como uma grande novidade, embora se sabe que muito do que ele pensou estava em Nietzsche, um dos grandes autores da filosofia. Nietzsche é uma grande referência de Foucault.

10. Arte e as Possibilidades do Ser

As artes, por sua vez, são sistematizações humanas da própria natureza, elas não poderiam existir se não fosse essa nossa capacidade de transformar intencionalmente a natureza. Por exemplo, o castor constrói uma represa. Mas alguém já presenciou uma represa com sistema de produção de energia? Não. Os diques feitos pelos castores, há centenas de anos, são feitos da mesma forma. O quanto há de nível de consciência lá? Segundo Marx, “para produzir materialmente, para além das formas instintivas de trabalho, o homem necessita antecipar em ideias os objetivos da ação. Desse modo, o produto é um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador” (MARX, 2005, p. 212).

Ainda segundo o autor, “o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade” (MARX, 2005, p. 211-212). É a atividade vital consciente que diferencia o homem imediatamente da atividade vital animal (MARX, 2004), pois “o homem vive da natureza significa” que “a natureza é o seu corpo, com o qual ele tem de ficar num processo contínuo para não morrer”, de modo “que a vida física e mental do homem

estar interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma”, porque “o homem é parte da natureza” (MARX, 2004, p. 84).

Conclui-se que se não fosse essa capacidade de transformar intencionalmente a natureza (trabalho para Marx), não manteríamos essa possibilidade de representar metaforicamente as coisas. Ou seja, ninguém entende as artes se não entende a metáfora. Metáfora é, portanto, o resultado da criação da mente humana. Todo nosso acúmulo histórico universal, fruto do trabalho que está em forma potencial no gênero humano é: a arte, os livros, as técnicas – tudo aquilo que a raça humana desenvolveu, também chamado de desenvolvimento genérico ou do gênero.

Às vezes, olhando do ponto de vista no qual nos encontramos, no presente, se tem a falsa impressão que a história se dá num movimento progressivo e evolutivo, entretanto esse acúmulo genérico acontece em meio às contradições próprias de cada tempo. Muita barbaridade foi feita com a mulher, com o negro, com os escravos em razão das organizações sociais e históricas. Mas, mesmo assim, se tem um desenvolvimento genérico. Os estudos feministas mais contemporâneos não falam mais em diferença de gênero, porque entendem que só existe um gênero, o gênero humano. Não se trata mais de uma questão de gênero masculino e feminino, mas sim de todo gênero humano.

Heráclito e Parmênides, há milhares de anos, discorreram sobre o ser e o vir a ser. Quanto ao processo formativo, é interessante pensar que há milhares de anos já haviam pessoas pensando sobre essas questões do espírito humano e do tempo (Zeitgeist), e que essas informações estão acessíveis no gênero. Todavia, é necessário enfatizar: se há um conhecimento na forma potencial, há então um acúmulo dos nossos atos individuais que estão disponíveis aos seres humanos, inclusive as discussões desses dois filósofos. Mas eis que surge a questão: como os seres individuais se apropriam do gênero humano?

Os seres humanos se apropriam do gênero quando, em seu cotidiano, em movimento no mundo dos homens, procuram se enriquecer por essas determinações genéricas. Concretamente, quando assistem a um bom filme, ouvem uma boa música, leem bons livros, travam uma boa conversa, têm acesso a obras de arte. O bom, aqui, vem no sentido de dar acesso a produções humanas ricas de sentido e significado construídos na história. Obras enriquecidas esteticamente. Acúmulo de

determinações que propiciem patamares cada vez mais superiores de civilidade pela aproximação dos seres singulares ao ser genérico universal.

Saviani (2008b) afirma que educar, ou formar, é incutir cultura humana nos homens. A humanidade do homem não é um dado natural, mas construída socialmente por meio da relação com o outro. Educar é incorporar cultura humana nos homens como uma segunda natureza:

... natureza humana não é dada ao homem, mas é por ele produzida sobre a base da natureza biofísica. Consequentemente, o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens (SAVIANI, 2008b, p.13).

Com este trecho é possível perceber na escola o espaço institucional construído pelos homens e destinado à prática humanizadora dos homens, entretanto não é o único espaço de formação. O homem se humaniza de diversas maneiras e em diversos espaços, mas algo é fundamental a essa prática: a aquisição e internalização daquilo que há de mais sofisticado na cultura. Esse movimento se dá de maneira processual, articulada e não linear. Sucessivas aproximações à cultura são fundamentais, tendo em vista que tanto a cultura quanto a humanidade estão em movimento. Ou seja, a formação humana acontece num tecido social complexo devido ao grande número de determinações presentes – determinações numerosas e em movimento, mas articuladas e compondo uma totalidade, o que possibilita sua apreensão pelo exercício racional.

Sendo assim, podemos afirmar que as circunstâncias, as materialidades impedem os indivíduos de serem tudo aquilo que eles poderiam ser (*deformação humana*). Quando se assiste a um filme como *Shakespeare Apaixonado* ou lê-se *Romeu e Julieta*, a sensação é de catarse. Obras como essas estão disponíveis, como patrimônio cultural humano, há centenas de anos, mas o indivíduo, infelizmente, está distante do gênero. Se o ser não se objetivar, não se concretizar, a objetivação dele será empobrecida. E a possibilidade de catarse diminui.

11. Catarse Estética e Emancipação Humana

Catarse é, assim, a libertação do que é estranho à essência ou natureza de uma coisa e, por isso, a perturba ou corrompe. É purgação. É uma revolta externalizada pelo ser através da revolta de um personagem de teatro ou livro. De acordo com Bosi (1985), duas obras são fundamentais para se compreender as noções de arte proposta por Aristóteles: *Arte Retórica* e *Arte Poética*.

A arte retórica, para Aristóteles (*apud* Bosi, 1985), não constitui – como para os sofistas – a arte de persuadir, mas se caracteriza por conhecer os meios adequados para persuadir e os diversos gêneros de persuasão. É preciso que o orador sempre procure tocar os sentimentos dos ouvintes, pois ele não deve se dirigir ao intelecto do ouvinte, mas aos seus sentimentos, de forma a suscitar medo, cólera, ódio, amor, piedade, etc. Assim, Aristóteles (*apud* Bosi, 1985) reconhece que o orador pode por meio de seus argumentos gerar sentimentos que não estavam presentes no ouvinte.

A arte poética, para Aristóteles (*apud* Bosi, 1985), pode ser trágica, lírica, cômica ou épica. Poesia, para o filósofo, é toda arte que imite (emule ou simule) caracteres, paixões e ações. A poesia não é um conhecimento teórico como a filosofia, pois tem por finalidade imitar sentimentos humanos e não analisar a natureza das coisas. Todavia, a poesia volta-se para o universal, pois procura sempre trabalhar não com os sentimentos individuais deste ou daquele, mas com os sentimentos de todos; nesse sentido, se aproxima da filosofia (universalidade). Segundo Aristóteles, a tragédia é capaz de promover a catarse, ou seja, uma função ético-pedagógica que incide sobre o expectador, fazendo-o sentir os sentimentos narrados e vivenciá-los interiormente, libertando-se num segundo momento. Alguém que assiste a um filme que lhe coloque em contato com a condição humana universal e chora, o faz pois vivencia intensamente a problemática do filme e também de sua própria vida, assim se purifica, se reconhece e se humaniza – isso é catarse. Por isso, ela é uma espécie de medicina da alma, pois explora as paixões humanas e coloca o homem em contato com sua própria humanidade no gênero por meio da arte (BOSI, 1985). Um momento de síntese e transparência simultânea entre aparência e essência.

Assim, indivíduos empobrecidos empobrecem o gênero e vice-versa, ou seja, quando se têm elementos genéricos que empobrecem os indivíduos também se limita o gênero como um todo. A escola deve estar comprometida em diminuir essa

inadequação que, muitas vezes, é condicionada pelo poder aquisitivo do indivíduo, pois nem todos possuem as condições (financeiras) de pagar pela fruição estética proporcionada pelas artes de qualidade e complexas.

De toda forma, sabe-se que alguém para gostar de determinado tipo de música precisa ser estimulado, educado, mas em nossa sociedade muitas vezes o indivíduo precisa de dinheiro para tal. Vive-se em uma época em que a cultura está mercantilizada. A escola, então, deve ser um meio de socialização de ciências e artes, de forma a oferecer ao indivíduo, desde cedo, objetos paralelos para ele se apropriar do gênero, humanizando-se.

Porque temos todo esse desenvolvimento genérico, fruto dessa nossa especificidade que é o trabalho, esse desenvolvimento genérico está em forma potencial. Quando se lê *Romeu e Julieta*, há que se emocionar. Há que sentir orgulho da raça humana. Cervantes, por seu turno, cria Sancho Pança e Dom Quixote, o indivíduo que luta contra algo que não existe mais, porque ele era apaixonado por romance de cavalaria em um mundo em transição. Cervantes é um ser humano, de acordo com essa discussão, que se apropriou bastante das circunstâncias, do seu contexto, do seu trabalho, e – por conseguinte – ofertou a outros humanos e ao engrandecimento do gênero a obra magistral *Dom Quixote*.

Só que para elaborá-la, Cervantes teve também que estudar, pesquisar. Então, para avaliar se é uma obra de arte ou não, é necessário colocar tudo em voga. É preciso avaliar o conteúdo e a forma. Seria possível alguém pensar em conteúdo, forma, se não fosse ser humano? Se não tivesse essa capacidade de transformar o que acontece em meio à natureza? O que se apresenta aqui, então, são as enormes possibilidades e capacidade que o gênero humano possui em potencial de *construir*. Mas, por outro lado, a alienação proporciona a inadequação ao indivíduo ao gênero (*deformação humana*).

12. Da Experiência Educativa Prática

Como exemplo, analisemos algumas expressões artísticas no intuito de demonstrar as diversas maneiras de formação dos sentidos humanos, num primeiro momento se apropriando do arcabouço teórico exposto anteriormente, e como forma de fixação e apreensão, em um segundo momento, tornar essas obras como

patrimônio cultural do leitor fazendo com que, cada vez mais, se diminua a inadequação do ser singular ao ser genérico, pensando sempre nesta pesquisa como possibilidade e práxis educativa.

São quatro músicas que tratam da temática discutida até agora. A discussão é desenvolvida nos moldes e no método do materialismo histórico dialético ao tratar da concepção de trabalho. Muitas seriam as possibilidades de mediação, entretanto nos ateremos apenas a uma análise com fins pedagógicos, sem a pretensão de ter aqui o peso e rigor dos profissionais críticos literários.

A primeira música é o samba do Paulinho da Viola chamado “Coisas do mundo, minha nega”, que discute essa materialidade. Outras duas músicas são da cantora e compositora Violeta Parra: “Graças a la vida” e “Todo Cambia”, que tratam da formação estética dos sentidos humanos e da mediação com o movimento dialético da vida. Por fim, uma música do Antônio Carlos Belchior, cantor e compositor cearense, chamada “Primeira grandeza”, que concilia o entendimento a respeito da categoria da contradição.

Paulinho da Viola – Coisas da vida minha nega

Hoje eu vim, minha nega
Como venho quando posso
Na boca as mesmas palavras
No peito o mesmo remorso
Nas mãos a mesma viola onde gravei o teu nome
Venho do Samba há tempo, nega
Venho parando por aí

Primeiro achei Zé Fuleiro que me falou de doença
Que a sorte nunca lhe chega
Que está sem amor e sem dinheiro
Perguntou se não dispunha de algum que pudesse dar
Puxei então da viola
Cantei um samba para ele
Foi um samba sincopado
Que zombou de seu azar

Hoje eu vim, minha nega
Andar contigo no espaço
tentar fazer em teus braços um samba puro de amor
Sem melodia ou palavra para não perder o valor

Depois encontrei seu Bento, nega
Que bebeu a noite inteira
Estirou-se na calçada
Sem ter vontade qualquer
Esqueceu do compromisso que assumiu com a mulher

Não chegar de madrugada e não beber mais cachaça
Ela fez até promessa
Pagou e se arrependeu
Cantei um samba para ele que sorriu e adormeceu
Hoje eu vim, minha nega
Querendo aquele sorriso
Que tu entregas para o céu
Quando eu te aperto em meus braços
Guarda bem minha viola, meu amor e meu cansaço

Por fim achei um corpo, nega
Iluminado ao redor
Disseram que foi bobagem
Um queria ser melhor
Não foi amor nem dinheiro a causa da discussão
Foi apenas um pandeiro
Que depois ficou no chão
Não tirei minha viola
Parei, olhei, fui-me embora
Ninguém compreenderia um samba naquela hora
Hoje eu vim, minha nega
Sem saber nada da vida
Querendo aprender contigo a forma de se viver
As coisas estão no mundo só que eu preciso aprender

“Hoje eu vim, minha nega” mostra a condição humana nos dias de hoje. Por mais que o artista trabalhe com a arte, que é por natureza humanizadora, ainda persistem as características do trabalho alienado: a necessidade de trabalhar mesmo quando não se quer, da auto realização fora do trabalho, em um modo de organização social onde tudo é transformado em mercadoria e posto à venda (no caso da música, a força de trabalho do artista dando vida e produzindo e reproduzindo o samba). Visitar a nega, por conta do trabalho, é para quando sobra tempo e não quando se quer.

No percorrer da canção, a produção da condição humana, do modo de vida imposto a Zé Fuleiro ou Bernardo, que é igual a de muitos outros seres humanos, preocupados com as doenças, a falta de sorte, a falta de dinheiro, anestesiados por diversos meios, incluindo a bebida. Mas não se percebe o pano de fundo social onde as mazelas das drogas, da doença, da falta de dinheiro e superstições como sorte e azar estão ligadas a um patamar de civilidade empobrecido pelo modelo socioeconômico imposto à coletividade. Por isso o homem não tinha de ser essa coisa tão empobrecida que se tornou, como o caso dos personagens Bernardo, sempre embriagado nas ruas, ou do personagem Zé Fuleiro.

Por fim, no encerramento da música uma mediação com a categoria da materialidade onde a verdade está posta no mundo, a verdade é passível de ser

conhecida e apreendida e ao homem cabe buscar a sabedoria: conhecimento não revelado, mas sim apreendido.

Eis outra canção:

Belchior - De Primeira Grandeza

Quando eu estou sob as luzes
Não tenho medo de nada
E a face oculta da lua
Que era minha aparece iluminada
Sou o que escondo sendo uma mulher
Igual a tua namorada
Mas o que vê,
Quando mostro estrela de grandeza inesperada
Musa, deusa, mulher, cantora e bailarina
A força masculina atrai não é só ilusão
A mais que a história fez e faz o homem se destina
A ser maior que Deus por ser filho de Adão
Anjo, herói, prometeu, poeta e dançarino
A glória feminina existe e não se fez em vão
E se destina a vir ao gozo a mais do que imagina
O louco que pensou a vida sem paixão

Essa vida que nos foi ofertada poderia ser diferente do que é? Sim, porque o homem é maior, haja vista todo seu potencial, as belíssimas obras de arte, a música, o cinema, a tecnologia, a ciência, o domínio e a superação da natureza e das barreiras naturais antes impostas à vida humana. Assim, o ser humano se constrói e é capaz de mudar sua própria história, independentemente dos grilhões religiosos e sociais construídos pelos próprios homens.

Mas o que é o homem: anjo, herói, deus, poeta, dançarino? A história deveria destinar à vida, ao gozo, mas esta vida só se destina ao trabalho, ao trabalho alienado, ao trabalho destinado a ganhar o seu sustento com o suor do rosto, tendo em vista que isso foi imposto e não é fruto da nossa própria escolha. Nessa música, como se vê, diz o contrário de tudo isso: o ser humano se destina a muito mais do que essa pobreza e esse empobrecimento; a nossa vida necessita ser muito mais gozo do que ela é.

Violeta Parra - Gracias a la vida

Gracias a la Vida que me ha dado tanto
me dio dos luceros que cuando los abro
perfecto distingo lo negro del blanco
y en el alto cielo su fondo estrellado
y en las multitudes el hombre que yo amo.

Gracias a la vida, que me ha dado tanto
me ha dado el oído que en todo su ancho
graba noche y día grillos y canarios
martillos, turbinas, ladridos, chubascos
y la voz tan tierna de mi bien amado.

Gracias a la Vida que me ha dado tanto
me ha dado el sonido y el abecedario
con él las palabras que pienso y declaro
madre amigo hermano y luz alumbrando,
la ruta del alma del que estoy amando.

Gracias a la Vida que me ha dado tanto
me ha dado la marcha de mis pies cansados
con ellos anduve ciudades y charcos,
playas y desiertos montañas y llanos
y la casa tuya, tu calle y tu patio.

Gracias a la Vida que me ha dado tanto
me dio el corazón que agita su marco
cuando miro el fruto del cerebro humano,
cuando miro el bueno tan lejos del malo,
cuando miro el fondo de tus ojos claros.

Gracias a la Vida que me ha dado tanto
me ha dado la risa y me ha dado el llanto,
así yo distingo dicha de quebranto
los dos materiales que forman mi canto
y el canto de ustedes que es el mismo canto
y el canto de todos que es mi propio canto.

Gracias a la Vida
Gracias a la Vida
Gracias a la Vida
Gracias a la Vida

A música “Graças a la vida” diz que o ser humano possui a capacidade de ciência, mas graças à vida, e não a seres ou capacidades sobrenaturais advindas de meios metafísicos. Graças à vida que nos ofertou dois olhos que, quando são usados, são responsáveis pelo ato sensorial da cultura, da história. Abre-se o olho e distingue-se o negro do branco. Distingue negro do branco e no alto céu, no fundo estrelado do céu e nas multidões, se pode distinguir o homem amado. E de acordo com a música,

a vida doou mais: ela ofereceu ouvido que, na sua amplitude, grava noite e dia, grilos, canários, martelos, motores, latido, trovoadas e a voz tão terna do bem-amado. Ouvidos e sentidos humanos que são produzidos. Produzidos pela humanidade no processo histórico vivenciado pela raça humana. Graças à vida, conhece-se o a, b, c, dário, o que se pensa e o que se declara. Conhecimento produzido e transmitido ao gênero humano de geração em geração, na produção e reprodução da língua e da linguagem.

A música diz mais: graças à vida, possui-se um coração, que agita seu ritmo quando se vê o fruto do cérebro humano, essa nossa capacidade teleológica, interventiva de projetar primeiro na mente o que faremos como projeto – capacidade que nos faz humanos e nos distingue de outros animais do planeta. Graças ao coração, se enxerga o bem tão longe do mal, o fundo dos olhos claros da pessoa amada. Graças à vida, possui-se a marcha dos pés cansados de tanto caminhar pela vida: pela cidade, pelos campos, pelas praias desertas, pelas montanhas e planícies, na rua, no quintal. Somos seres sociais. Graças à vida, possui-se o riso e o choro, a felicidade e o sofrimento, o canto, a expressão enquanto indivíduo singular – um canto que é de todos, é de um, é o mesmo canto, o canto de toda humanidade. Somos seres humanos, genéricos produzidos e humanizados na coletividade.

E, por fim, “Todo cambia”, interpretada por Violeta Parra, que se suicidou:

Júlio Numhauser - Todo cambia

Todo cambia
Cambia lo superficial
Cambia también lo profundo
Cambia el modo de pensar
Cambia todo en este mundo

Cambia el clima con los años
Cambia el pastor su rebaño
Y así como todo cambia
Que yo cambie no es extraño

Cambia el mas fino brillante
De mano en mano su brillo
Cambia el nido el pajarillo
Cambia el sentir un amante

Cambia el rumbo el caminante
Aunque esto le cause daño
Y así como todo cambia

Que yo cambie no es extraño

Cambia el sol en su carrera
Cuando la noche subsiste
Cambia la planta y se viste
De verde en la primavera

Cambia el pelaje la fiera
Cambia el cabello el anciano
Y así como todo cambia
Que yo cambie no es extraño

Pero no cambia mi amor
Por mas lejo que me encuentre
Ni el recuerdo ni el dolor
De mi pueblo y de mi gente

Lo que cambió ayer
Tendrá que cambiar mañana
Así como cambio yo
En esta tierra lejana

Cambia todo cambia
Cambia todo cambia
Cambia todo cambia
Cambia todo cambia
Pero no cambia mi amor...

A música diz que não muda o amor por mais distante que o eu poético se encontre: nem a memória, nem a dor do seu povo e da sua gente, ou seja, o eu poético traz em si o movimento dialético da mudança e da permanência. Permanecem exatamente iguais, parecem exatamente iguais, mas em um fluxo histórico humano e processual há os ventos da transformação e humanização. Assim, se houvesse a condição material nesta sociedade de se doar gratuitamente para entender essas músicas, talvez toda essa elaboração filosófica e acadêmica fosse dispensada, a fim de se entender o que é uma compreensão materialista, histórica e dialética do mundo, do enriquecimento do gênero e da inadequação dos indivíduos ao gênero.

Entender as questões formais e conteudísticas: por si só, não é o elemento fundamental. Nem o conteúdo nem a forma, mas os dois, pois eles estão conectados na humanização e no tecido social produzidos, criados e vividos pelo próprio homem. A grande obra de arte sempre é forma e conteúdo. Lembremo-nos de *Guernica*, painel pintado por Pablo Picasso em 1937 por ocasião da Exposição Internacional de Paris.

Nesse painel o artista representa a ocasião do bombardeio sofrido pela cidade espanhola de Guernica em 26 de abril de 1937 por aviões alemães, apoiando o ditador

Francisco Franco. O ataque foi lançado a uma cidade civil sem a mínima condição de defesa e, na pintura, Picasso fez uso apenas do preto, branco e cinza: eram cabeças da vaca de um lado, criança chorando do outro, o que demonstrava o sentimento de repúdio do artista à ação militar alemã. Como um artista com um mínimo de humanidade pode retratar tamanha atrocidade colorida? Então, forma e conteúdo estão necessariamente e intimamente interligados na composição artística.

MODO DE PRODUÇÃO DO SER NA ORDEM BURGUESA:

Composição Alienada

13. (De) Formação Humana

Compreendendo o ser humano a partir da sua relação com a sociedade, percebe-se algo fundamental para os indivíduos entenderem a própria vida e o tecido social no qual estão inseridos. Como abordar que tipo de ser humano é produzido na sociedade capitalista? “Antes de mais nada, o homem é um ser social” (FROMM, 1992, p.10).

Um dos pressupostos básicos que servem de referência para este momento do estudo é que:

O homem não é uma máquina regulada por um mecanismo de tensão-dimensão de flagrado quimicamente, mas é uma totalidade e tem a necessidade de se relacionar-se com o mundo de ser construtor e transformador do mesmo (FROMM, 1992, p. 11).

O ser humano da sociedade capitalista é uma expressão da própria sociedade capitalista. Portanto, é na essência desta sociedade e no modo ao qual está condicionada a existir é que se encontram as respostas para se pensar o ser humano desta sociedade: “O Homem é o mundo do homem, o Estado, a sociedade” (MARX, 2007, p. 145).

Assim, a complexidade do capitalismo está expressa no ser humano. A compreensão, portanto, o entendimento dos seres humanos na contemporaneidade deve “se basear na análise das necessidades do homem resultantes das condições de sua existência” (FROMM, 1984, p. 34). E ao tratar do ser humano na sociedade capitalista, a compreensão do que é o ser, a compreensão ontológica, deve partir da análise “dos elementos específicos do modo capitalista de produção” (FROMM, 1984, p. 83).

Nesse movimento, o ser humano do capitalismo passa a ser uma manifestação das relações de produção e distribuição de mercadorias. Com o processo de mercantilização e burocratização das relações sociais, os indivíduos *vão sendo* educados e moldados pela ação do capital e do Estado e *existindo*, conseqüentemente, de forma mercadológica e burocratizada, formando assim o seu

caráter nesta sociedade, um determinado modo de ser dos seres humanos neste modelo de sociedade. Sendo assim, Fromm (1964, p. 88) sinaliza: “Nosso caráter é engrenado para trocar e receber, para negociar e consumir. Tudo, tanto os objetos espirituais como os materiais, tornam-se objeto de troca e de consumo”.

Por um lado, então, o ser humano da sociedade capitalista será uma expressão dos interesses de classe. Partindo do pressuposto de que os interesses dominantes numa determinada sociedade de classe são os interesses da classe dominante, é viável constatar que na sociedade capitalista os interesses predominantes são os interesses da burguesia. Destarte, o ser humano do capitalismo será impelido a existir em acordo com essas inclinações. E uma das características fundamentais desses interesses é o trabalho alienado ou trabalho estranhado. Entender o trabalho e o trabalho alienado são elementos fundamentais para uma essencial compreensão do modo de ser dos seres no capitalismo.

14. Categoria Trabalho

Nos *Manuscritos de 1844*, ou *Manuscritos Econômicos Filosóficos*, Marx distingue o ser humano dos outros animais e do restante da natureza a partir do trabalho. A denominação de trabalho consiste na atividade vital consciente, pertencente à essência humana, como se pode observar na passagem:

O animal é imediatamente um com a sua atividade vital. Não se distingue dela. É *ela*. O homem faz da sua atividade vital mesma um objeto da sua vontade e da sua consciência. Ele tem atividade vital consciente. Esta não é uma determinação (*Bestimmtheit*) com a qual ele coincide imediatamente. A atividade vital consciente distingue o homem imediatamente da atividade vital animal. Justamente, e só por isso, ele é um ser genérico. Ou ele somente é um ser consciente, isto é, a sua própria vida lhe é objeto, precisamente porque é um ser genérico. Eis por que a sua atividade é atividade livre. O trabalho estranhado inverte a relação a tal ponto que o homem, precisamente porque é um ser consciente, faz da sua atividade vital, da sua *essência*, apenas um meio para sua *existência* (MARX, 2010, p. 84-85, grifos do autor).

Toda espécie animal opera conforme específica atividade vital. E na execução dessa ação objetiva é que se dá, para Marx, a definição das espécies como espécie. E nesse sentido, para os seres humanos, o que os define é a atividade vital

consciente, ou seja, a espécie humana não está em fusão imediata com aquilo que faz ou produz, como os animais irracionais, mas ao contrário, é capaz de fazer da sua atividade objetiva instrumento constituinte de sua consciência.

Com a ação humana o homem modifica a natureza e por ela é modificado. Essa ação se dá em um movimento de intervenção e superação das barreiras limitantes naturais, em que é realizada uma dinâmica de aprendizado e apropriação das atividades, dos fenômenos e objetos de toda sorte. Assim sendo, com essas mediações, à espécie humana se apresentam novas possibilidades de desenvolvimento, em níveis de acumulação cada vez maiores de universalidade e liberdade.

Os animais irracionais, diferentemente dos humanos, ficam restritos a necessidades biológicas, cada qual à sua espécie. Esses deveres são indispensáveis à reprodução da vida animal e determinados geneticamente. Marx denomina a atividade vital dos animais irracionais como atividade vital limitada. Ele afirma que o animal também produz, constrói ninho, habitações, como a abelha, castor, formiga etc. Porém, produz apenas o necessário de maneira imediata para si e para seus filhotes, executando as ações em uma forma unilateral, como exemplo o joão-de-barro, que constrói sua casa nos galhos das árvores e frente a condições climáticas adversas como chuvas e ventos, repetidas vezes refaz a sua casa da mesma maneira. Ainda que construa seu próprio ninho, essa ação é condicionada e limitada pelas características biológicas da espécie. O animal não aprende e não modifica sua prática com o aprendizado. Mesmo por meio das mediações determinadas entre a ave e o meio ambiente, ela nunca fará do seu ninho como peça de transformação consciente.

[...] o animal produz apenas sob o domínio da carência física imediata, enquanto o homem produz mesmo livre da carência física, e só produz, primeira e verdadeiramente, na sua liberdade com relação a ela; o animal só produz a si mesmo, enquanto o homem reproduz a natureza inteira; no animal, o seu produto pertence imediatamente ao seu corpo físico, enquanto o homem se defronta livremente com o seu produto (MARX, 2010, p. 85).

Por conseguinte, o que diferencia o homem em sua condição humana do homem em sua dimensão exclusivamente animal é o trabalho. Essa distinção não vem separar o homem da natureza, e sim esclarecer que a totalidade da humanidade

do homem, assim como a sua extensão natural, está posta na natureza e no planeta. O homem em sua dimensão animal e humana vive da natureza orgânica e inorgânica e, quanto mais compreende e evoluído é o homem em relação à sua dimensão animal, tanto maior é o domínio humano e o respeito em relação à natureza orgânica e inorgânica da qual ele vive e é parte.

O homem viver da natureza significa: A natureza é o seu corpo, como o qual ele tem de ficar num processo contínuo para não morrer. Que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza e não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza (MARX, 2010, p. 84).

Ao se apropriar do conhecimento e da natureza, na busca da superação das barreiras naturais, o ser humano também se põe no mundo por meio dos resultados objetivos de seu trabalho. Essa porção, resultante de sua atividade vital consciente, é a própria humanidade do homem construída, produzida e posta no mundo, na história e no gênero humano. Eis a formação da vida genérica do homem: quando homem se produz não produz humanidade apenas em si próprio, não apenas consciência humana em seu corpo somente, não apenas por intermédio de seu intelecto, mas de maneira operativa, de forma efetiva, contemplando a si e ao mundo e, por isso, se formando num mundo cada vez mais humanizado criado pelo próprio homem (MARX, 2010).

De acordo com Marx (2010), a humanidade do homem não é possível sem a objetivação do homem no mundo, isto é, sem o trabalho e sua propriedade interventiva resultante em produtos que passam a ter funções, antes, inexistentes na natureza, mas depois objetos dotados de atividade humana, portadores assim de humanidade. O resultado da ação de trabalho é a atividade humana que se fixa em um objeto, fazendo assim um novo produto acrescido de humanidade por meio da prática humana – essa é a objetivação do trabalho. “A efetivação do trabalho é a sua objetivação” (MARX, 2010, p. 80). É por meio dessa transferência de atividade humana para os objetos, por meio do trabalho, que o homem se constitui, se desenvolve, se forma, e se faz possível alcançar patamares superiores de desenvolvimento ao longo do processo histórico: um ser inacabado e inacabável, em constante processo de formação e desenvolvimento. Portanto, a humanidade do homem não é dada imediatamente como o seu código genético ou no nascimento,

mas construída por meio dos resultados da atividade humana na natureza, nos resultados da objetivação humana no processo histórico, ou seja, no trabalho.

A partir da compreensão do trabalho e sua condição como categoria fundante da formação e constituição do homem, é possível, a partir desse momento, perceber a relação entre a objetivação e subjetivação. Essa conexão entre a atividade interventiva do homem no mundo e o resultado em sua formação e autoconstrução se dá de maneira dialética e processual em que o ser humano existe como consciência, que não deixa de ser uma forma evoluída de matéria, e como coisa, como matéria, um objeto, um produto. Logo, o homem transforma a natureza e por ela é transformado em uma conexão consciente que extrapola o homem enquanto sujeito singular.

O homem produz o homem, a si mesmo e a outros homens; assim produz o objeto, que é o acionamento imediato de sua individualidade e ao mesmo tempo a sua própria existência para outro homem, para a existência deste, e a existência deste para ele. Igualmente, tanto o material de trabalho quanto o homem, enquanto sujeito são resultado quanto ponto de partida do movimento (MARX, 2010, p. 106).

Nesse entendimento, o homem não existe apenas na correlação imediata como o objeto produzido por ele, mas também enquanto um ser social que se apropria dos processos envolvidos na produção e, juntamente com isso, em escala evolutiva do gênero humano, outras pessoas se beneficiam desse fluxo apreendendo também que foi produzido no imediato daquela individualidade. Por esse motivo, a expressão de que somos seres universais e livres, tendo no trabalho e em seus resultados a partilha com outros seres humanos, tornando a raça humana um coletivo genérico e universal: “Logo, a sociedade é a unidade essencial completada do homem com a natureza, a verdadeira ressurreição da natureza, o naturalismo realizado do homem e o humanismo da natureza levado a efeito” (MARX, 2010, p. 107).

Nessa linha de raciocínio, ainda que se realize um trabalho acadêmico, atividade que raramente se pode gerir em colaboração direta com outras pessoas, na prática é uma ação social, por ser uma ação humana. Não é só atividade material e objetiva exclusiva do cientista, uma vez que a própria linguagem que o pesquisador utiliza é um produto construído socialmente. A própria existência do pesquisador é um ato social. Por essa razão, o que é produzido pelo pesquisador é feito para a sociedade, com a atribuição de um agir social sendo, antes de mais nada, também, um ser social.

15. Do Trabalho Alienado

No percurso histórico da humanidade com o advento da organização sócio-econômica burguesa, tendo como princípio a propriedade privada dos meios de produção e subsistência, o trabalho categoria fundante do ser social passa por profundas interferências nas quais o desenvolvimento humano é comprometido.

Com os princípios da economia política vigente, e por meio das interpretações de Marx (2010), é possível perceber o trabalhador reduzido até o nível da própria mercadoria por ele produzido. O homem é reduzido a um nível muito aquém das possibilidades do gênero humano. A miséria do trabalhador, notada desde Marx até nos dias de hoje, aumenta com o poder e volume tão intensos, tanto como o aumento da produção dos bens e do consumo.

O resultado forçoso desse processo competitivo é o acúmulo do capital nas mãos de poucos, criando assim enormes monopólios e megacorporações detentoras dos meios de produção, causando resultados preocupantes à organização humana em escala social global. E assim, na organização humana no planeta, temos o ser humano dividido em classes. Uma, dos empresários detentores do capital, das terras e dos meios de produção; outra, a dos trabalhadores agrícolas ou urbanos sem propriedades que vendem sua força de trabalho.

A classe que vende sua força de trabalho passa a ter sua objetivação privada, apropriada privativamente por outrem. O homem, nesse modo de organização, passa então a ser servo dos objetos que produziu. A apropriação dos processos de trabalho constitutivos da humanidade do homem passa a acontecer de forma entranhada ao homem. O homem é alienado de algo que lhe é próprio. A alienação do trabalho afasta o ser singular do homem de seu caráter genérico e conduz o ser a uma humanidade alijada, deformada:

A efetivação do trabalho tanto aparece como desefetivação que o trabalhador é desefetivado até morrer de fome. A objetivação tanto aparece como perda do objeto que o trabalhador é despojado quanto dos objetos mais necessários não somente a vida, mas também dos objetos do trabalho. Sim, o trabalho mesmo se torna um objeto, do qual o trabalhador, só pode se apossar com os maiores esforços e com as mais extraordinárias interrupções. A apropriação do objeto tanto aparece como estranhamento que, quanto mais objetos o trabalhador produz, tanto menos, pode possuir e tanto mais fica sob o domínio do seu produto, do capital (MARX, 2010, p.80).

Buscando ainda uma explicação mais detalhada sobre a categoria da alienação do trabalho, é possível compreender, segundo Marx (2010), quatro níveis diferentes de alienação na práxis humana.

1. Alienação em relação ao objeto;
2. Alienação em relação ao ato de produção;
3. Alienação em relação à condição de ser genérico;
4. Alienação em relação a outro ser humano.

16. Alienação ao Objeto

No trato desse primeiro momento, é possível apreender, diante dos apontamentos mencionados até aqui, que frente do modo de produção da vida material e social colocada pelo sistema capitalista o trabalhador, apesar de produzir riqueza, não tem acesso a ela.

A propriedade privada faz os meios de produção se concentrarem nas mãos de poucos, forçando assim o trabalhador a vender sua força de trabalho em troca de salário. No entanto, o salário que é pago ao trabalhador pela produção é muito pequeno diante da riqueza por ele mesmo produzida. Não existe trabalho sem objetivação e esta só se torna alienação em determinadas condições sociais, em determinadas relações de produção (no caso aqui mencionado, a organização sócio-econômica capitalista). Afirma Marx:

O estranhamento do trabalhador em seu objeto se expressa, pelas leis nacional-econômicas, em que quanto mais o trabalhador produz, menos tem para consumir; que quanto mais bem formado o seu produto, tanto mais deformado ele fica; quanto mais civilizado seu objeto, mais bárbaro o trabalhador; que quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente o trabalhador se torna; quanto mais rico de espírito o trabalho, mais pobre de espírito e servo da natureza se torna o trabalhador (MARX, 2010, p. 82).

Além do empobrecimento material do trabalhador, fica em evidência o empobrecimento objetivo e subjetivo daquele que produz e gera enriquecimento objetivo e subjetivo para toda a humanidade. No entanto, essa riqueza material e não

material em uma sociedade capitalista não é apropriada por todos, mas somente pela classe dominante e por todos aqueles que a ela se associam de alguma maneira.

Desse episódio, podemos entender que a alienação do trabalhador em seu produto não significa que o trabalho se converta apenas em objeto, assumindo assim uma existência externa ao planejamento de sua mente, mas ainda que o objeto passa a existir independente de seu criador, fora das forças humanas que o construíram, estranho ao homem. E esses objetos dotados de uma força autônoma (que parece vir do próprio objeto criado) se defrontam contra o seu criador. A vida dada aos objetos se volta contra o criador: uma força estranha e hostil.

17. Alienação ao ato de produção

O segundo tópico da alienação é relativo ao ato da produção. Sob esse prisma, é possível notar que o estranhamento ou a alienação não aparece somente no resultado, mas também e, principalmente, no ato da produção, dentro da própria atividade produtiva (MARX, 2010). Para entender esse momento da alienação, é importante focar o produto, tão somente, como resultante, exclusivo, da atividade produtiva humana.

Até aqui foi considerada a alienação do trabalhador sob a aparência da sua relação com a mercadoria produzida. Ainda, a despeito disso, a alienação se manifesta não apenas como resultado no produto, mas também no processo da produção, inerente à própria ação produtiva. Como poderia o homem que trabalha permanecer numa relação onde se aliena do produto de sua atividade? Isso só é possível porque o homem se aliena a si mesmo na ação produtiva. Aliena o valor de uso na produção das mercadorias e vende apenas o valor de troca da sua força de trabalho. O produto feito é apenas a síntese da atividade produtiva, é bem verdade, e conseqüentemente, com alienação sendo produto do trabalho, a própria produção passa assim a ser alienada do trabalhador. A perda do domínio do trabalho é simultânea e dialeticamente a ação de perder o próprio trabalho. A perda do controle do objeto produzido resume a ruína da própria atividade de trabalho.

A alienação do trabalho ou alienação do ato de produção se estabelece, primeiro, porque o trabalho é produzido externamente ao homem que trabalha, passando assim a não fazer parte da natureza humana. Em consequência, o homem

não se realiza em seu trabalho, mas nega a si mesmo. Tem uma sensação de mal-estar ao invés de realização pessoal. No trabalho alienado, o ser humano é privado do livre desenvolvimento de suas capacidades físicas e psicológica e, no entanto, findo o trabalho, resulta em exaustão física e depressão.

O homem forjado no trabalho alienado, do modo de produção capitalista, apenas se sente à vontade fora do trabalho, em seus momentos de folga. A entrega ao trabalho não é voluntária, é imposta. O trabalho é forçado. O trabalho deixa de ser uma realização humana e passa a ser apenas um meio para a satisfação de outras necessidades.

O caráter alienado do trabalho é notado tão logo não haja qualquer compulsão física a qualquer outra imposição ao trabalhador. Esse trabalho é evitado como uma doença. O trabalho alienado materializado revela o homem alienado de si próprio e é um sacrifício, uma mortificação. Por fim, a face revelada do trabalho no modo capitalista, é de que o produto e o próprio trabalho não pertencem ao homem que trabalha e sim a outro detentor dos meios de produção que o contratou.

A conclusão que se chega é que o homem que trabalha, e vende a sua força de trabalho, se sente livre e ativo apenas em suas funções animais (comer, beber, sexo, em sua residência e no culto ao corpo e às aparências). Não que comer, beber e fazer sexo não sejam atividades genuinamente humanas, mas consideradas isoladamente e convertidas como um fim em si mesmas, deixando de lado outras atividades humanas, são funções animais. Assim, a dimensão animal do homem é hipertrofiada e a dimensão humana construída na história é subjugada. O animal se torna homem e o homem se torna animal.

18. Alienação à condição de ser genérico

O gênero humano é desenvolvido, construído e produzido pelos homens por meio de suas ações na história. Na objetivação humana, na materialização do agir humano o indivíduo se desenvolve enquanto ser singular e ser genérico universal. Somente no seio da sociedade é possível essa forma de humanização.

O homem é um ser genérico ou um ente-espécie¹⁰. O ser humano para sobreviver precisa da vida social. Não apenas no sentido de fazer do viver em comunidade seu objeto de ação humana, mas sim no sentido de tratar-se a si mesmo como uma espécie animal consciente, vivo e livre. Um ser universal.

Tanto para o homem quanto para as espécies animais inferiores a sua base física se encontra no fato de viverem da natureza inorgânica. Como o homem, por meio de sua consciência, é mais universal que outros animais, assim também os limites da natureza inorgânica vividos pelo homem são expandidos e mais universais.

O gênero humano se expressa na crescente universalização do que Marx denomina de corpo inorgânico. Sabe-se que como espécie, como ser vivo, deriva-se um corpo que nasce, cresce, reproduz e morre e, portanto, o corpo orgânico. No entanto, o ser humano possui, de acordo com a obra marxiana, um corpo inorgânico que se constitui por meio a objetivação e da apropriação da natureza e a transforma como parte de um corpo inorgânico do ser humano (SILVA, 2014, P.40).

Água, ar, luz, minerais, vegetais e animais são constitutivos de uma parte da consciência humana. São a natureza inorgânica espiritual do homem, meios constitutivos e formadores da vida intelectual humana, nos quais a raça humana prepara sua fruição, seu prazer e a perpetuação da espécie. De um ponto de vista acadêmico, objetos das ciências naturais e das artes. Sob o ponto de vista prático, formam parte das atividades humanas e da vida.

Numa primeira aproximação, aparentemente o homem vive apenas desses produtos naturais: alimento, abrigo, roupas, aquecimento, etc., entretanto, a universalidade do homem aparece, na prática, na universalidade do gênero humano que faz da natureza inteira uma extensão do seu corpo orgânico. Natureza que é meio imediato de vida e instrumento para suas atividades humanas.

A natureza é o corpo inorgânico do homem quando se exclui o próprio corpo humano da natureza. E sendo assim, dizer que o homem vive da natureza significa

¹⁰ O nome ente-espécie utilizado por Marx, no primeiro manuscrito econômico filosófico, é uma clara referência ao livro de Feuerbach *A essência do cristianismo*. Marx se vale do termo para distinguir a consciência do homem da consciência dos animais. Aqui o Homem é consciente de si mesmo como indivíduo e também da espécie, da essência humana (FROMM, 1961).

dizer que a natureza é o corpo humano. E essa relação deve ser mantida em constante equilíbrio de intercâmbio a fim de não morrerem.

De tudo isso, se pode afirmar que o bem-estar físico e mental e a própria vida humana no planeta são interdependentes com a natureza. Unicamente, significa dizer também que a natureza é dela mesma pois o ser humano é natureza.

Assim, o trabalho alienado desencaminha o homem de particularidades que lhes são próprias. Priva o homem da natureza e o afasta de si mesmo, da sua atividade vital. Isto posto, aliena o homem de sua espécie, do seu ser universal, do seu gênero. O trabalho alienado transforma a vida social e coletiva dos homens em uma falsa sensação de vida individual.

Num primeiro momento, essa forma de trabalho aliena a vida enquanto gênero e dialeticamente também modifica a vida individual. Transforma a vida singular em uma abstração, uma ilusão com um discurso do bem maior coletivo, esse também, nesse modelo, se encontra abstrato e alienado.

O produto do trabalho humano é também um trabalho incorporado em um objeto. É coisa física, objeto tornado real pela, e tão somente, ação humana. Algo antes apenas na mente do produtor, por meio do trabalho se materializa. No próprio ato de execução do trabalho acontece uma simultaneidade entre construção do objeto e a própria construção do ser que está trabalhando, agindo e em movimento.

O trabalho, atividade vital e vida produtiva dos seres humanos, no modo de produção capitalista aparece apenas como meios para satisfação de uma necessidade, a manutenção da vida em suas funções biológicas. A vida, porém, é muito mais do que isso. A forma como os homens produzem os bens de consumo é também a forma como os homens produzem sua própria humanidade. É a produção da vida material produzindo a vida social. Um momento definido por objetivação e subjetivação dos homens. Esses processos envolvidos na execução do trabalho, tal qual estão postos na economia contemporânea, podem ser percebidos como uma degradação do trabalhador, da própria constituição do ser humano que trabalha. Como já foi mencionado, no tipo de atividade vital reside todo caráter de uma espécie. As características da espécie são a livre atividade do animal e a consciência é o caráter da espécie humana. A vida se assemelha ao meio de vida.

Na concretização dos objetos produzidos acontece algo como uma perda e uma servidão do trabalhador em face do serviço prestado e dos objetos por ele

produzidos. O fluxo evolutivo no qual deveriam acontecer a formação da humanidade do homem e acúmulo genérico, acontece de maneira alienada e estranhada. O gênero se constrói dilacerado e perde características que lhe deveriam ser próprias, de forma distorcida.

Mesmo com os avanços tecnológicos e o aumento da produção, o trabalhador fica mais pobre à medida em que produz mais riquezas. Torna-se uma mercadoria cada vez mais barata, de maneira inversamente proporcional à maior quantidade de bens que cria. A desvalorização do mundo humano aumenta em face direta do aumento de valor do mundo dos objetos.

Com esse entendimento o ser humano deveria, por meio do trabalho, apropriar-se da humanidade historicamente produzida e avançar a níveis superiores de desenvolvimento, entretanto, na conformação da ordem burguesa, o humano tem no trabalho apenas um meio para a satisfação de necessidades imediatas.

A busca imediata dos meios de subsistência confere à vida uma forma abstrata e estranha, isto é, unilateral e alheia ao gênero. Ela inibe a capacidade humana de apropriação da sua essência omnilateral, de um modo de ser omnilateral, portanto um homem total (MARX, 2010):

A propriedade privada nos fez tão cretinos e unilaterais que um objeto somente é o nosso [objeto] se o temos, portanto, quando existe para nós como capital ou é por nós imediatamente possuído, comido, bebido, trazido em nosso corpo, habitado por nós etc., enfim, *usado*. Embora a propriedade privada apreenda todas estas efetivações imediatas da própria posse novamente apenas como *meios de vida*, e a vida, à qual servem de meio, é a *vida da propriedade privada*: trabalho e capitalização (MARX, 2010, p. 108).

Para Marx (2010), a categoria trabalho tem características construídas na história, em condições próprias de cada tempo, e na vida moderna o trabalho, por sua condição alienada, torna-se a própria negação do gênero, reduzindo o ser humano a uma condição unilateral. Deprendendo disso, os valores advindos da propriedade privada dos meios de produção e subsistência bloqueiam o enriquecimento do gênero humano, obstruem o desenvolvimento da omnilateralidade.

O significado da omnilateralidade está mediado pelo complexo das relações humanas com o mundo: Ver, ouvir, cheirar, degustar, sentir, pensar, intuir, perceber, querer, ser ativo, amar, enfim todos os órgãos da sua individualidade, assim como todo seu organismo imediatamente ligado como órgãos comunitários (MARX, 2010).

Identificar na estética humana percepções que aparentemente se aproximam dos sentidos naturais como ver, ouvir, tocar e cheirar é ao mesmo tempo a certeza da palpabilidade na estruturação desses mesmos sentidos na existência social. Ao passo que o olho humano se desenvolve de modo distinto do olho rude, não humanizado; ouvido humanizado frui diferentemente do ouvido rude.

Na omnilateralidade, as capacidades humanas estão plenamente postas no seu agir social; a sociedade é objeto da ação humana, é essência genérica: “Não só no pensar, portanto, mas com todos os sentidos o homem é afirmado no mundo objetivo” (MARX, 2010, p. 110). O ser omnilateral é livre em sua atividade vital consciente, que se expressa objetiva e subjetivamente.

[...] assim como a música desperta primeiramente o sentido musical do homem, assim como para o ouvido não musical a mais bela música não tem nenhum sentido, é *nenhum* objeto, porque o meu objeto só pode ser a confirmação de uma das minhas forças essenciais, portanto só pode ser para mim da maneira como a minha força essencial é para si como capacidade subjetiva, porque o sentido de um objeto para mim (só tem sentido para um sentido que lhe corresponda) vai precisamente tão longe quanto vai o meu sentido, por causa disso é que os sentidos do homem social são sentidos outros que não os do não social; [é] apenas pela riqueza objetivamente desdobrada da essência humana eu a riqueza da sensibilidade humana subjetiva, que um ouvido musical, um olho para a beleza da forma, em sua as fruições humanas todas se tornam sentidos capazes, sentidos que se confirmam como forças essenciais humanas, em parte recém-cultivados, em parte recém-engendrados. Pois não só os cinco sentidos, mas também os assim chamados sentidos espirituais, os sentidos práticos (vontade, amor etc.), numa palavra o sentido humano, a humanidade dos sentidos, vem a ser primeiramente pela existência do seu objeto, pela natureza humanizada (MARX, 2010, p. 110).

Os sentidos do trabalhador são tão entorpecidos, na sociedade moderna, ao ponto de Marx (2010) afirmar que em nada se diferem dos animais irracionais. Ao homem, desumanizado pela venda da sua força de trabalho, preocupado com suas necessidades básicas de sobrevivência, não faz sentido o mais belo filme, a melhor dança, o melhor espetáculo teatral, a mais bela apresentação de ginástica artística porque suas angústias estão direcionadas a não morrer de fome ou frio.

Para o homem faminto não existe a forma humana da comida, mas somente a sua existência abstrata como alimento; poderia ela justamente existir muito bem na forma mais rudimentar, e o há como

dizer em que esta atividade de se alimentar se distingue da atividade animal de alimentar-se (MARX, 2010, p. 110).

Ainda, para não deixar a falsa impressão de que apenas aos desprovidos de dinheiro é que são destinadas a falta de sentido da ordem social e econômica vigente, notemos, por exemplo: as mais belas paisagens com deliciosas águas termais, aos olhos de um corretor de imóveis, não passam de uma excelente oportunidade de negócio para a construção de um possível Resort. Ou mesmo um comerciante de joias preciosas que percebe apenas o valor comercial dos utensílios e perde a beleza, o brilho, dentre outras características peculiares do mineral. Os resultados desse processo comprometem, assim, não só a classe que vive do trabalho assalariado, mas toda espécie humana.

Dessa forma, a humanidade do homem é formada a partir das atividades historicamente desenvolvidas e produzidas a partir das quais os seres singulares se colocam no mundo. Nenhum ser humano se desenvolve como indivíduo sem se fazer presente em formas socialmente criadas de objetivação. E qualquer caminho longe disso é, fundamentalmente, um afastamento da totalidade do gênero:

[...] a objetivação da essência humana, tanto do ponto de vista teórico quanto prático, é necessária tanto para fazer humanos os sentidos do homem quanto para criar sentido humano correspondente à riqueza inteira do ser humano e natural (MARX, 2010, p. 110).

19. Alienação a Outro Ser Humano

Um dos resultados diretos da alienação dos homens em relação ao produto do seu trabalho, da sua atividade vital e da sua vida como um membro da espécie humana é a alienação do homem dos outros homens. Quando o homem se depara consigo mesmo, encara nesse ato toda a humanidade nele construída, está em face dos outros homens. A relação do homem com o trabalho, com o produto desse trabalho e consigo mesmo, é tão verdadeira quanto a sua relação com os seus semelhantes, com o trabalho deles e os produtos resultantes dessa atividade.

A declaração de que o homem está estranhado da sua vida, alienado da pertença ao gênero, não se reconhecendo enquanto espécie, pressupõe dizer que o homem estar alienado dos seus pares e, cada um dos outros homens, se encontra em semelhante condição de alienação.

A alienação humana está, sobretudo, na relação do homem consigo mesmo. E esse vínculo, uma vez objetivado e materializado, se manifesta na conexão de cada homem com os seus congêneres. E assim sendo, cada ser singular desse conjunto se encontra igualmente alienado da vida humana.

Compreendendo que o produto do trabalho humano se encontra estranhado e, além disso, ainda se volta como uma força estranha contra o trabalhador que o criou, cabe a pergunta: A quem pertence esse produto? Se a própria atividade do trabalhador não pertence a ele, a quem pertence? Às forças da Natureza ou aos Deuses? Nas sociedades mais primitivas, nos modos de produção mais antigos, até houve uma explicação nesse sentido, limitada, mas plausível, considerando o grau de evolução das sociedades da época. Entretanto, nos dias de hoje e nos níveis evolutivos alcançados pelo mundo moderno, não parece razoável tal explicação. Com os conhecimentos de hoje sabemos que os deuses nunca foram por si só donos do trabalho e da ação humana. Muito menos as forças da Natureza. De tal modo seria uma enorme contradição o crescente domínio do homem sobre as forças naturais, tanto quanto o abandono das crenças fantasiosas, se a fruição do agir humano, do trabalho e da produção fosse motivada pela força desses poderes.

Então, o ser estranho a quem pertence o trabalho e o produto, por quem o trabalho é devotado só pode ser o próprio homem. Se o produto do trabalho não pertence ao trabalhador, mas este o enfrenta como uma força estranha, isso só pode acontecer porque pertence a outro homem que não trabalhou. Se o trabalho, é hoje, para o homem moderno um tormento, para outro homem, esse mesmo trabalho é motivo de satisfação, prazer e realização.

Segundo Marx (2010), uma consequência imediata disto, de o homem estar estranhado do produto de seu trabalho, de sua atividade vital e de seu ser genérico, é o estranhamento do homem pelo próprio homem". Nesse sentido, resta saber a quem pertence este produto fruto da alienação, da desefetivação do trabalhador? Segundo Marx, não pertence aos Deuses. Estes nunca foram os senhores do trabalho. Não pertence a natureza, pois seria uma contradição em relação ao domínio que o ser humano possui sobre ela. Deste modo, o "ser estranho ao qual pertence o trabalho e o produto do trabalho, para o qual o trabalho está a serviço e para a fruição do qual está o produto do trabalho, só pode ser o homem mesmo (SILVA, 2014, p.43).

A conexão do homem consigo mesmo se constrói por meio de sua relação com outros homens. Então, o homem está intimamente ligado, como vimos anteriormente, ao resultado do seu trabalho, ao produto que é o trabalho materializado. Entretanto, o resultado dessa equação é um produto estranho, hostil, poderoso e independente. Assim sendo, os homens estão ligados a outros homens, estranhos, hostis, poderosos e independentes, donos dos objetos produzidos. O ser que trabalha se relaciona com o trabalho como uma atividade não-livre, está ligado a essa atividade como um serviço subjugado, coagido e dominado por outro ser humano.

A totalidade da auto alienação do homem é postulada numa tríade em que o homem se perde de si mesmo, dos seus semelhantes e da natureza onde todos esses elementos estão contidos. O meio no qual a alienação humana se propaga é um meio prático e real. No mundo material, diferentemente, do mundo espiritual, onde a alienação ou a perda de algo que lhe é próprio, como o amor de Deus, está no pecado e na culpa que depende do *religare* que se dá na intervenção de um sacerdote, a própria Divindade e o leigo pecador; na prática, no mundo real, a auto alienação humana se expressa na relação real, prática e direta dos homens com seus semelhantes.

Por causa do modo como os seres produzem os bens, no mundo moderno, permeados pelo trabalho alienado, produzem a relação humana com os objetos, com a produção, com outros seres humanos de maneira estranha e hostil e, o pior, uma conexão social refletida nos outros, no processo e nos produtos criados desvirtuada do gênero humano. De tal maneira que o homem cria os seus bens num contexto de perversão, de punição, e o seu próprio produto como uma perda, como algo que não lhe pertence, assim também é criada a dominação do não-produtor sobre a produção e os seus resultados. O trabalhador, ao alienar o valor de uso de sua atividade trocando pelo salário, outorga a um estranho sua atividade e os seus produtos resultantes. Um estranho se apropria de algo que não lhe pertencia.

Assim, devido ao trabalho alienado o ser humano cria um determinado tipo de relação de produção com outros seres humanos. Um outro que não trabalha está fora do processo, mas se apropria dos bens produzidos. O elo entre o trabalhador e o trabalho passa também a ser expresso numa relação com o dono da mão de obra, dos meios de produção, o capitalista que hoje conhecemos como empresário que tem aqui a propriedade privada como um produto e resultante do trabalho alienado,

associação externa inevitável do homem com a natureza, com o trabalho e consigo mesmo.

Este outro homem, que não o trabalhador, no sistema burguês é o dono dos meios de produção, para o qual o trabalhador vende sua força de trabalho em troca de salário. Se a atividade é martírio para um, então ela tem de ser fruição para um outro, alegria de viver para um outro (SILVA, 2014, p. 43).

20. Reificação e Fetichismo da Mercadoria

Compreendendo o ser subjugado à alienação do trabalho no modo de produção capitalista, é importante dar atenção à análise de outras duas características advindas desse processo: Reificação e o Fetichismo de mercadoria, que são efeitos e consequências das relações sociais provenientes do modo de produção material nos moldes sócio-econômicos vigentes. Nesse processo, o ser humano passa a ser equiparado e transformado, ao mesmo tempo, numa mercadoria.

Como definição de reificação, Bottomore apresenta a seguinte definição:

Significa igualmente a transformação dos seres humanos em seres semelhantes a coisas, que não se comportam de forma humana, mas de acordo com as leis do mundo das coisas. A reificação é um 'caso especial' de alienação, sua forma mais radical e generalizada, característica da moderna sociedade capitalista (BOTTOMORE, 2012, p. 464).

As relações sociais passam a ser determinadas pela transformação do concreto em abstrato, mais especificamente pela alienação do trabalho, da sua conversão em dinheiro (que representa a qualidade abstrata do trabalho concreto). Transformam o homem em uma coisa semelhante ao dinheiro, perdendo assim as suas qualidades humanas.

Nessa perspectiva, cada homem pode ser representado por uma fantasmagoria, entidade abstrata, por cifras, e sobre essa base se calculam os incidentes econômicos, se prevêem as tendências e se tomam as decisões (FROMM, 1984). Esse processo vai ocorrer no capitalismo e formar o modo de ser dos homens no capitalismo.

A produção de mercadorias, por sua vez, se dá através de uma relação de exploração, em que o maior valor é o desejo fundamental do capitalista, cujo caráter é

a expressão do desejo de adquirir propriedade; mantê-la, aumentá-la, isto é, obter lucro.

A circunstância de que a manutenção diária da força de trabalho só custa meia jornada de trabalho, apesar de a força de trabalho poder operar, trabalhar um dia inteiro, e por isso, o valor que sua utilização cria durante um dia é o dobro de seu próprio valor de um dia, é grande sorte para o comprador, mas, de modo algum, uma injustiça contra o vendedor. Nosso capitalista previu o caso que o faz sorrir (MARX, 1996, pág. 311)

Numa sociedade onde os seres humanos são nada mais que guardiões de mercadorias (MARX, 1996), as relações humanas com outros seres humanos, a intimidade, são uma ameaça. Contraditoriamente, a alienação às questões sociais e à propriedade privada nesse modo de produção significam segurança. O indivíduo burguês impelido à acumulação torna-se tendente à desconfiança e tem um senso particular de justiça que, por ventura, entende que o que é dele pertence a ele e o que é do outro também lhe pertence ou lhe pertencerá (FROMM, 1960, p. 58).

Conduzidos por essa maneira de viver e de se relacionar com os outros, o indivíduo é seduzido pela mercadoria (fetiche) e, ao mesmo tempo, é transformado em uma coisa:

Desvenda-se o caráter alienado de um mundo em que as coisas se movem como pessoas e as pessoas são dominadas pelas coisas que elas próprias criam. Durante o processo de produção, a mercadoria ainda é matéria que o produtor domina e transforma em objeto útil. Uma vez posta à venda no processo de circulação, a situação se inverte: o objeto domina o produtor. O criador perde o controle sobre sua criação e o destino dele passa a depender do movimento das coisas, que assume poderes enigmáticos. Enquanto as coisas são animizadas e personificadas, o produtor se coisifica. Os homens vivem, então, num mundo de mercadorias, um mundo de fetiches (GORENDER, 1983, p. XXXVII).

Assim, o ser é educado pelo sistema de forma a absorver os valores burgueses e atraído a viver subjugado a outros seres humanos em detrimento da acumulação do capital, nutrindo valores desumanizados, de humanidade deformada, como a mesquinhez, desconfiança, frieza, ansiedade, obstinação, indolência, pedantismo, obsessão e desejo de posse (FROMM, 1984).

Nessa lógica, os desejos humanos passam a ser consentidos por esse caráter burguês. Fromm (1987) afirma que a existência do homem moderno se move pelo ter em detrimento do ser:

As pessoas são transformadas em coisas; suas relações umas com as outras assumem o caráter de propriedade [...] Mas a questão essencial não é tanto o que seja o conteúdo do eu, senão que o eu seja sentido como uma coisa que cada um possui, e que essa “coisa” seja a base de nosso sentido, de que essa “coisa” seja a base de nosso sentido de pertença social (Fromm, 1987, p. 82).

Assim, na sociedade capitalista o ser humano é alienado e se afasta da humanidade que lhe é própria, do gênero humano construído pelo acúmulo histórico de toda a humanidade. Limitado pelo sistema, o homem deixa de ser tudo aquilo que poderia ser, perde sua humanidade como um fim em si mesmo no individualismo e egocentrismo próprios do modo burguês. Torna-se um meio para os interesses econômicos de outro homem, ou de si mesmo, torna-se uma “coisa”, um ser humano deformado e alijado do gênero. Segundo Fromm (1984):

O ser humano se sente como um estranho. Poder-se-ia dizer que a pessoa se alienou de si mesma. Não se sente como centro de seu mundo, como criadora de seus próprios atos, tendo sido os seus atos e as consequências destes transformados em seus senhores, aos quais obedece e aos quais quicá até adore. A pessoa alienada não tem contato consigo mesma, e também não o tem com nenhuma outra pessoa. Percebe a si e aos demais como são percebidas as coisas: com os sentidos e com o senso comum, mas, ao mesmo tempo, sem relacionar-se produtivamente consigo mesma e com o mundo exterior (FROMM, 1984, p. 115).

No capitalismo, o ser humano é limitado a viver em acordo com os interesses da classe dominante, diminuído a uma “coisa” (reificação) numa composição do capital, onde os cifrões passam a ser a razão do seu pensamento e das suas ações. Neste mundo o ser humano é impelido a se entregar de corpo e alma à paixão pelo dinheiro, passa a ser dominado pelo impulso ao capital. O modo de ser dos homens no modo de produção capitalista segue os valores burgueses da idolatria ao capital e a tudo que dele deriva.

Nesse sentido, Fromm(1984) relaciona a necessidade e existência dos ídolos (no caso desse estudo do esporte espetacularizado) na sociedade. Para ele, os ídolos

são uma tentativa de busca de um porto seguro, uma referência à sua humanidade deformada, uma saída ao estranhamento do trabalho alienado ao qual é submetido pelo capital: “O homem é um estranho de si mesmo, assim como lhe são estranhos seus semelhantes” (1984, p. 118).

A deformação dos sentidos e do sentido humano vai se generalizando e rebaixando os patamares de civilidade no mundo. Surge daí um mundo doentio e, conseqüentemente, pessoas doentias. A humanidade do homem deixa de ser o centro de si e ele é levado a adorar o mundo das coisas, o mundo das mercadorias.

Esses sentimentos gerados pelos valores morais produzidos nessa sociedade vão sendo internalizados e se tornando dominantes no corpo social, configurando assim o ser do homem no capitalismo, em que o medo, problemas psíquicos, enfim, um mal-estar constante será uma característica fundamental e constante no cotidiano dos homens nesse modo de produção.

Essa condução social da vida humana provoca a dominação da morte sobre a vida, como pode ser visto no crescente índice de suicídio¹¹ e na generalização das guerras, da exploração e da opressão social.

Com o exposto até aqui é possível verificar um determinado modo de ser dos seres, num determinado período histórico, sob determinado modo de produção da vida material e social: uma humanidade construída socialmente, que não é dada de forma natural. E, como contribuição para se pensar o conceito de homem na contemporaneidade, um ser humano moldado a existir e se reproduzir à imagem e semelhança do capitalismo e da burguesia que o sustenta, Erick Fromm aponta:

O homem é definido em termos de seu lugar na sociedade. (...) as mais belas, assim como as mais feias inclinações do homem, não são parte de uma natureza humana fixa e recebida biologicamente, mas provêm do processo social que forma o homem (FROMM, 1983, p. 20).

Ainda assim, acerca do ser humano na sociedade capitalista, antes de mais nada, é componente de uma determinada classe social. Nesse sentido, a patologia

¹¹ Segundo relatório inédito divulgado no ano de 2014 pela Organização Mundial da Saúde, OMS, o Brasil é o quarto país latino-americano com o maior crescimento no número de suicídios entre 2000 e 2012. O documento, que reúne dados compilados em dez anos de pesquisas sobre o suicídio ao redor do planeta, descreve a questão como um grave problema mundial de saúde pública.

que domina o mundo é consequência de um interesse voraz e sistêmico que leva uma determinada classe dominante, a burguesia, a buscar constantemente o mais valor: o lucro. E toda a sociedade é forçada a agir conforme os interesses do capital.

Não obstante, a generalização do descontentamento coletivo, proveniente desse mal-estar ontológico vindo do capitalismo, conduzirá ao questionamento desse modo de vida por parte de membros dessa sociedade.

21. Emancipação Humana

A verdadeira emancipação humana, segundo Marx, exige a transformação não apenas das leis, mas do sistema social de produção e distribuição das riquezas. A liberdade política depende, em última análise, da liberdade econômica. O ser humano só será verdadeiramente livre quando todos os homens puderem desenvolver uma atividade criadora que não esteja sujeita às pressões deformadoras da propriedade privada e do dinheiro (KONDER, 1999, p. 29).

As pessoas não são, como acreditam alguns ideólogos, uma folha em branco em que se precisa o seu conteúdo. Ou predestinados a seguir destino posto, pois,

Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade, em circunstâncias escolhidas por eles próprios, mas nas circunstâncias imediatamente encontradas, dadas e transmitidas (MARX, 1982, p.5).

O ser humano do capitalismo, por um lado, é impelido a viver as condições tal qual estão postas em consequência da sua posição de classe, o que, algumas vezes, lhe possibilita o atendimento de suas necessidades básicas. E, em confronto à posição da classe dominante, outros são aqueles que resistem ao próprio capitalismo e buscam por sua superação, a exemplo das classes oprimidas que, em consequência dos conflitos provenientes ao não atendimento das suas necessidades básicas, se movimentam no sentido contra o sistema, mesmo que isso represente, muitas vezes, o custo de suas próprias vidas. Mas também não se pode generalizar a luta apenas “aos de baixo”, visto que é possível encontrar indivíduos pertencentes a extratos superiores da sociedade que, dotados dos valores mais universais de humanidade, lutam pela superação da arquitetura sócio-econômica vigente.

Mesmo submetido a forças exteriores que lhe orientam para uma determinada forma de ser e de viver, o homem é capaz de questionar e trabalhar para transformar essas tendências e mudar no sentido de uma orientação e organização social

diferente da que vem sendo estabelecida no capitalismo, modo de produção que coloca em xeque o próprio ser humano em detrimento de sua reificação. Erick Fromm (1986) chama esse processo de resistência, ou seja, o de tornar conscientes as necessidades reprimidas no inconsciente e, assim, buscar superá-las na prática: “O Homem não é uma coisa; é um ser vivo envolvido num processo contínuo de desenvolvimento. Em cada ponto de sua vida, ele ainda não é o que pode ser é o que ainda pode vir a ser” (FROMM, 1986, p. 138).

Tomar consciência é importante, porém também é necessário transformar a materialidade de forma objetiva, pois como alerta Marx: “Não é a consciência do homem que lhe determina o ser, mas, ao contrário, o seu ser social que lhe determina a consciência” (MARX, 1982, p. 25).

As condições para que o homem se humanize são encontradas no gênero humano constituído na história. O meio para alcançar a humanidade buscando sua humanização e conseqüente desfetichização se encontra latente, porém adormecido na sociedade capitalista, devido a alienação do trabalho. Fromm (1992) adverte que o conhecimento do inconsciente se torna um elemento essencial na busca da verdade, e a verdade se dá no processo de remover ilusões, passo a passo na direção do desengano e na apreensão da verdade. A questão dada é de numa sociedade dividida em classes sociais e a consciência do indivíduo é uma expressão dos valores e interesses da classe hegemônica (valores morais inautênticos se tomamos como parâmetro os princípios éticos mais universais da humanidade).

O inconsciente, que não deixa de pertencer à consciência humana, por sua vez é a expressão de necessidades inatas do ser humano, necessidades autênticas, básicas, que permitem a sua sobrevivência. Fromm (1986) denomina essa expressão das necessidades inatas como requisitos para a sobrevivência que, numa sociedade de classe, são reprimidos.

Nesse sentido, o ser humano da sociedade capitalista, na concepção de Fromm (1986), vive esse conflito e essa constante imposição de agir conforme os valores burgueses e, ao mesmo tempo, de querer expressar e viver na prática as suas necessidades básicas, autênticas. Dessa maneira, a vontade de viver, na prática, suas necessidades humanas básicas, autênticas, torna-se para os homens um desejo final (ainda que velado pelo sistema) de tornar-se plenamente humano e de ficar em união completa com o mundo realizando finalmente o seu bem-estar (FROMM, 1965).

O ser humano forjado no modo burguês tende a responder à posição que ocupa na sociedade, agindo contra a sua desumanização na busca por uma humanização do mundo, que não deixa de ser uma extensão de seu próprio corpo, extensão de sua própria humanidade.

Assim, mesmo o natural torna-se órgão de sua atividade, um órgão que ele acrescenta aos seus próprios órgãos corporais, prolongando sua figura natural, apesarda Bíblia (MARX, 1996, p. 299).

De acordo com Fromm (1977), a humanidade deseja a superação das condições sociais que lhe oprimem e a limitam. Em toda a sua história, o homem sempre reagiu com protesto contra condições que tornam demasiado drástico ou insuportável o desequilíbrio entre a ordem social e as necessidades humanas. A tentativa para reduzir esse desequilíbrio e a necessidade de estabelecer uma solução mais aceitável e conveniente estão no cerne do processo da história humana. O clamor do homem surge não apenas pelo sofrimento material; em necessidades básicas humanas. O protesto se produz por motivações igualmente fortes para a revolução e para a dinâmica da mudança. Os homens são também, em um movimento contraditório e dialético, impulsionados e atraídos pelo gênero humano à superação de sua reificação, de seu sofrimento e das ilusões impregnadas em sua consciência (FROMM, 1977).

A condição para a superação das ilusões que dominam a consciência humana no modo de produção vigente só é possível eliminando o mal que as causa. Dessa forma, sendo o ser humano um ser social, apenas com a superação desta sociedade que cria as ilusões (a sociedade de classes) que haverá a possibilidade de libertação dos grilhões: “A exigência de renunciar as ilusões sobre a condição pessoal de cada um é a exigência de renúncia às condições que necessitam de ilusões” (MARX, 2007, p. 146).

Assim, a crítica das ilusões aponta para a necessidade de transformar as condições sociais que fazem o ser humano se apresentar na condição de desprezível, abandonado e humilhado, coagido pelas circunstâncias históricas, da disputa de classes, da divisão social do trabalho e da propriedade. Privado e subtraído de sua humanidade, na constituição do gênero, restrito a uma condição menor à sua composição animal, Marx chega a citar em sua obra *A crítica da filosofia do direito de Hegel* (p.152) a afirmação de um francês a respeito da condição humana no atual

modo de produção: “Pobres cães! Já querem vos tratar como homens!”. É possível notar, então, por meio dessa reflexão que o ser humano evoluiu para além de sua condição animal, mas no ambiente de exploração, em particular nesta sociedade capitalista, ele é impelido a delimitações ou deformações que o faz aquém da condição animal.

A questão da superação desta sociedade não se trata da eliminação da vida na Terra, embora o modo de produção capitalista tenha uma tendência a crises sequenciais e ao esgotamento dos recursos naturais com a superprodução. Ou seja, quando a referência se trata da defesa dos interesses da burguesia e o seu modo de reprodução, essa ideia é levada ao limite colocando em risco a própria vida do ser humano. Diante desta sociedade capitalista, “a destruição da humanidade como um todo é uma possibilidade concreta, porque dispomos hoje de meios de autodestruição em massa” (FROMM, 1986, p. 142).

Fromm (1969, p. 222) completa: “Importa hoje preservar o mundo, mas para isso são necessárias certas modificações, e para essas modificações, as tendências históricas terão de ser compreendidas e antecipadas”

O homem enquanto totalidade sente necessidade de relacionar-se com o mundo. O mundo é a extensão da própria humanidade do homem. O homem como um ser que trabalha sente a necessidade de construir e transformar a natureza e por ela ser transformado: “Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza ” (MARX, 1996, p. 297).

De tudo isso conclui-se que há uma íntima relação entre os indivíduos e a prosperidade do desenvolvimento social. E é impraticável esse desenvolvimento coletivo sem o enriquecimento particular dos indivíduos. Quanto mais ricas forem as singularidades, melhores serão as possibilidades de evolução social. E é plausível dizer também que o contrário é inversamente proporcional: com uma sociedade tanto mais primitiva quanto mais forem empobrecidas essas singularidades.

Só assim torna-se possível perceber que no capitalismo o ser humano só pode ser pensado como aquele que é reproduzido por esta sociedade – o ser humano como integrante do modo de produção da sociedade de classes em que subjuga seus pares. Há, portanto, a necessidade de superação para a evolução da sociedade humana.

ESPETACULARIZAÇÃO DO ESPORTE E FORMAÇÃO HUMANA: Dialética da Espetacularização do Esporte

22. O show já vai começar

Câmera, luz e ação! Essas são as palavras de ordem dos novos tempos. É notório o culto ao espetáculo nos mais diversos estratos sociais. Mas é importante salientar também a diferença entre espetáculo enquanto possibilidades e ações humanas dos mais altos patamares de civilidade e a espetacularização da vida que acomete os homens em suas produções e reprodução na sociedade.

Reconhecendo o acúmulo histórico da humanidade, um movimento gestual esportivo de grande destreza, um belo poema, uma música bem elaborada e executada, uma grande peça teatral são exemplos de espetáculos que engrandecem os seres e os remetem ao fluxo do gênero humano num movimento catártico.

Contraditoriamente ao espetáculo enquanto movimento singular universal, a percepção contemporânea é da espetacularização da vida. Na espetacularização do cotidiano, os mais simples acontecimentos se tornam eventos de proporções enormes. Perseguições policiais nas periferias, brigas de vizinhos e até fofocas sobre a intimidade de celebridades são temáticas de extrema relevância acompanhadas de todo um aparato tecnológico para veiculação da informação nos grandes meios de comunicação: eventos engrandecidos, quando relacionados ao tamanho e proporções, entretanto esvaziados de sentido e de conteúdo para a sociedade e o bem coletivo.

Como advento da internet e das redes sociais, o mais comum dos cidadãos tem acesso aos seus 15 minutos de fama como previa o cineasta norte-americano Andy Warhol nos anos 60. E esses 15 minutos de exposição refletem, em grande medida, o grau de evolução social no qual a humanidade se encontra. É a espetacularização da vida objetivada no show do eu. E assim como a vida está espetacularizada, também estão os produtos e fenômenos criados e vividos pelos homens: o esporte é uma dessas manifestações.

Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação (DEBORD, 2003, p.8).

E porque falar do esporte espetáculo e espetacularizado no século XXI citando especificidades da Antiguidade Clássica e do século XIX? Talvez haja um motivo válido, que permanecerá latente ao longo destas páginas e procurará encontrar suas sínteses cada vez mais elaboradas, entretanto sempre provisórias, antes do ponto final. Mas, por enquanto, bastará tomar alguns elementos dessa provocação que vem de tão longe na tentativa de disparar o problema.

Em uma atmosfera como a contemporânea, que estimula a hipertrofia do eu e do individualismo até a convulsão social, enaltecendo e premiando o desejo de ter e querer sempre mais, os devaneios advindos desse modo de ser nos assombram com poder fantasmagórico.

Num movimento dialético e contraditório, o modo com o qual produzimos as coisas nos produzem enquanto seres humanos. Muitas são as dores advindas do modo de produção da vida social e muitas dessas dores advêm também e, inclusive, das delícias que fomos acostumados a cultivar. Pressões cotidianamente descarregadas em nossos corpos, potências e impotências em cada dia laboradas.

23. Do Espetáculo

O espetáculo sempre foi uma das mais significativas e poderosas formas de entreter e conduzir os seres humanos. Registros históricos da pré-modernidade na Grécia Clássica relatam festivais no Olimpo de dramaturgia e poesia. Na Roma Antiga, a política do “pão e circo”. As batalhas dos gladiadores nas grandes arenas paralelamente às batalhas políticas no Senado Romano transformavam o próprio Império num espetáculo com marchas militares e grandiosos monumentos em honra aos governantes, generais vitoriosos e seus exércitos. A utilização do espetáculo não passou despercebido pelo filósofo Maquiavel tendo como fim o controle e a manipulação da sociedade, elaborando assim uma das ferramentas para se governar (KELLNER, 2004).

Talvez as mais antigas manifestações culturais ligadas ao corpo e ao movimento, parecidas com o que hoje conhecemos como esporte moderno, tenham partido da cultura grega, romana e egípcia, porventura podendo ser consideradas

como a protoforma no desenvolvimento do esporte, conforme aponta Jacques Rouyer no livro *Desporto e Desenvolvimento Humano* (1977).

As danças, as lutas, os jogos, as brincadeiras que futuramente vieram a compor o esporte como hoje o conhecemos estiveram, por muitas vezes, na história, ligadas a antigas formas de espetáculo, compondo práticas corporais e mediando uma determinada forma de ser da sociedade da época.

Carl Dien apresenta, em sua obra *A história dos esportes*, interessante consideração em relação a esse fato histórico: “Cada época da humanidade tem o seu esporte, e a essência de cada povo se reflete nele” (1966, p. 9). Entretanto, se faz necessário deixar claro que é impraticável fazer uma comparação direta, sem as devidas adaptações, do que vemos hoje, com o que foi produzido na Antiguidade Clássica, mesmo que esses eventos da cultura corporal sejam, em grande parte dos casos, exatamente os mesmos dos dias de hoje (ROUYER, 1977).

Com a necessidade humana de modificar a natureza para uma melhor adaptação e sobrevivência a diferentes regiões e climas, o homem vivencia diferentes formas de movimento e relacionamento em sociedade. Nesse movimento, o homem modifica a natureza e por ela também é modificado.

Em 776 a.C., há relatos do início dos Jogos Olímpicos. A partir de 580 a.C. se tem a instituição dos primeiros prêmios aos vencedores das competições esportivas, nas diversas modalidades de disputas físicas que se expandiam pelo mundo. Essas modalidades esportivas tinham, geralmente, finalidades lúdicas, competitivas ou de preparação para o combate. Nesse movimento histórico, o que conhecemos hoje como esporte, assim como toda a sociedade, vai acompanhando, se modificando e se desenvolvendo conforme são postas as mudanças nas organizações sociais e no modo de produção humana e resulta, hoje, em práticas com os mais diversos fins (ROUYER, 1977).

O esporte como entendermos em sua maneira mais elaborada, próxima ao que temos hoje, teve sua gênese do final do século XVII ao início do século XVIII acompanhando a transição do modo de produção feudal ao modelo de organização capitalista. Formalizado na Inglaterra, o esporte apresentou um modelo e vocabulário que se difundiram em enorme velocidade aos demais países (HOSBSBAWM, 1988). A forma esportiva apresentava como características a competição e o rendimento, atributos que estavam em fundamentação na era moderna que se instalava.

Ainda sem negar a composição das práticas corporais na cultura esportiva, mas com a preocupação de refletir sobre o esporte nas suas diferenças e semelhanças relacionadas às atividades corporais, constatadas em períodos históricos anteriores, é valoroso tomar conhecimento de possíveis dissonâncias, como nas palavras de Parlebas (1986), citada na dissertação de mestrado da professora Ana Marcia, *A mercadorização do movimento corporal humano*:

A utilização do mesmo termo esporte mascara a nossos olhos, uma flagrante disparidade de práticas físicas profundamente diferentes, tanto na significação histórica, quanto na lógica motora. Entre os torneios da idade média, de maneira geral, entre os jogos físicos tradicionais do segundo milênio e o esporte deste último século, está instaurada uma ruptura (PARLEBAS, 1986, p. 128 apud Silva).

No início da Idade Moderna, é possível perceber uma íntima relação dos interesses e objetivos da classe social burguesa, que se despontava, e o esporte. Esse comportamento social foi adotado para distinguir os membros dessa nova classe em desenvolvimento daqueles provenientes da classe operária e dos trabalhadores do campo. Formava-se assim uma prática social que evidenciava essas novas classes em ascensão (HOBBSAWM, 1988). Devido a algumas especificidades, alguns esportes tinham um potencial de adaptação muito grande ao novo modo de vida urbano, como, por exemplo, o tênis. Os locais de prática do tênis eram de fácil construção para os padrões da época, pois não careciam de grandes espaços. Viabilizava-se, assim, uma ampliação dos círculos familiares e uma possível procura por novos parceiros em outras famílias. Nesse contexto, é importante salientar que o esporte foi importante meio para a promoção da emancipação feminina, favorecendo maior contato entre jovens de sexo diferentes (HOBBSAWN, 1988).

Ao tratar do fenômeno esportivo é fundamental se atentar à recíproca interferência social e às transformações ocorridas, isto é, às modificações na história e na humanidade ocorridas em um complexo correlacionado e mediado em uma totalidade, onde o real ou o todo é muito mais que a soma das partes, e sim sistema humano de diversas conexões articuladas e em movimento.

Perceber o esporte atual é conceituá-lo como um fenômeno de múltiplas dimensões. Conhecer é saturar o objeto estudado de determinações. E quais são as determinações do esporte? Esse movimento implica em observar e viver o fenômeno na sua evolução e transcorrer histórico aliados a ricas diversidades de mediações. Se

hoje o esporte moderno é facilmente reconhecido como esporte espetáculo e exerce direta influência social é porque, antes de mais nada, foi criado imerso a transformações e desenvolvimento societal próprios dos seres humanos. Entretanto, o fenômeno esportivo, assim como tudo na corrente dos mercados e suas mercadorias, também assume características próprias, autônomas e reificadas.

24. Indústria Cultural

Nos dias de hoje, é visível a vigorosa influência do esporte na indústria cultural, se adequando à grade horária dos veículos de comunicação. Dias, horário e regras são meticulosamente organizados no intuito de que o público – os expectadores (no sentido passivo da palavra) – possa se habituar a um tipo de dependência simbiótica entre mídias de massa, esporte e espetáculo.

O conceito de Indústria Cultural (em alemão *Kulturindustrie*) foi criado pelos filósofos e sociólogos alemães Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973), a fim de designar a situação da arte na sociedade capitalista industrial. A indústria cultural significa a mercantilização da cultura por meio da moldagem das mercadorias culturais às massas e das massas a essas mercadorias. A cultura atual atribui à produção humana um aspecto de equivalência, lembrando que a categoria massas significa homogeneização das classes sociais; o processo de massificação atinge assim todas as pessoas, querendo elas ou não.

Dessa maneira, ancorado por esses autores, podemos afirmar que os indivíduos de todas as classes sociais são persuadidos pela Indústria Cultural. Os esportes, patrimônio cultural da humanidade e um direito social, acabam entrando nos moldes industriais. Como veículo cultural de massa, o esporte aliado aos meios de comunicação facilmente se encaixa como produto da Indústria Cultural.

Uma das características apontadas por Adorno e Horkheimer (1985) é justamente a pobreza cultural dos produtos ostentados por meio dessa indústria. Os autores criticam, principalmente, a padronização da cultura como uma resultante da interação e produção de mercados, mercadorias e consumidores. Os mecanismos traçados se revelam no fato de que as produções industrialmente massificadas terminam por se mostrarem, no fundo, mais do mesmo. Esse conceito é facilmente percebido diariamente nos programas de televisão. Nos canais de programação

esportiva são exibidas formas e conteúdos muito parecidos. Quando o conteúdo é ruim e pobre, ele não possui recursos para se diferenciar de outros. Pelos limites do produto, tende a ser tudo igual. Adorno e Horkheimer (1985) explicam esse conceito quando classificam uma obra como medíocre quando esta se apresenta muito semelhante a outras, ou seja, uma “cópia barata” incapaz de suscitar um mínimo de catarse estética. A indústria cultural termina por produzir a imitação empobrecida como algo absoluto.

Ainda aportados nos autores da Escola de Frankfurt¹², inferimos da Indústria Cultural a decomposição de elementos fundamentais da cultura e o seu rearranjo em um modo oportuno à reprodução do capital. Esse produto industrial, geralmente, possui enorme poder de penetração no coração e mente das massas. Assim, a compreensão de homem e de mundo não passam imunes aos efeitos da indústria cultural.

O aporte tecnológico presente nos eletroeletrônicos dos meios de comunicação são eficazes na criação de ilusões e fantasias, na criação sensorial de um mundo totalmente diferente do percebido naturalmente pela consciência fora dessa teia de informações, e o mais importante nesse arcabouço continuam sendo os valores de troca possibilitados pelo mercado criado.

Criticando o modo de produção, Adorno e Horkheimer (1985) dizem que o cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte na indústria cultural. Para esse sistema, cultura humana não passa de um negócio. Negócio que serve de aporte ideológico capaz de legitimar o próprio lixo produzido.

A Indústria Cultural é desenvolvida com o fim de oferece um produto apenas com fins de entreter. Há que se diferenciar aqui o que é necessário e o que é vendido. O mecanismo de ação da indústria cultural age justamente quando os homens buscam o lazer no seu tempo livre do trabalho alienado e é justamente nesse

¹²A escola de Frankfurt (em alemão *FrankfurterSchule*) refere-se a uma escola de teoria social Interdisciplinar Marxista, particularmente associada com o Instituto para Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt. A escola inicialmente consistia de cientistas sociais marxistas dissidentes. Acreditavam que alguns dos seguidores de Karl Marx tinham se tornado "papagaios" de uma limitada seleção de ideias de Marx. Entretanto, mesmo entre os mais ortodoxos, existia o consenso de que somente a tradicional teoria marxista sem as devidas atualizações não poderia explicar adequadamente o turbulento e inesperado desenvolvimento de sociedades capitalistas no século XX. Críticos tanto do capitalismo quanto do socialismo da União Soviética, em suas escritas apontaram para a possibilidade de um caminho alternativo para o desenvolvimento social.

momento que acontece a ação parasita da indústria do consumo. No momento do trabalho, as oportunidades e o tempo para o consumo são muito limitados, entretanto, no período do lazer as possibilidades são potencializadas. Para o modo de produção capitalista é no espaço/tempo do lazer que a massa desempenha a função primordial do consumo. No livro *Dialética do esclarecimento*, Adorno e Horkheimer (1985) afirmam que até mesmo os mais distraídos, os indivíduos como menor propensão à compra irão consumir os produtos da indústria cultural.

As elaborações da Indústria Cultural são diretamente ligadas com o movimento banalizador da cultura por meio da sua mercantilização. A cultura é esvaziada de seu valor real (valor de uso) para ser preenchida apenas por seu valor de mercado (valor de troca), tudo isso potencializado no consumo para as massas.

Os veículos de transmissão de informações se tornam uma importante ferramenta na ampliação desse processo, sendo a sua função mediadora entre a produção cultural e sociedade contemporânea condição fundamental.

As produções midiáticas associadas ao esporte revelam a força dessa indústria, que consegue modificar as regras dos jogos à conveniência de seus interesses, transmitir valores, crenças e ideologias, produzindo maiores índices de audiência, ampliando lucros, tudo isso servindo de base como elementos de sustentação.

No modo de produção social capitalista, a questão do indivíduo é hipertrofiada e é perceptível uma supervalorização do eu. Aqui ele é sujeito do seu próprio destino, no direito à propriedade privada e nas trocas das mercadorias. Necessidades pré-programadas ao consumo são satisfeitas na indústria cultural, todo um comportamento é direcionado a saciar esse desejo. Parafraseando Descartes: Eu existo, logo consumo.

A indústria cultural, assistida pela publicidade comercial, cria clichês para o auto reconhecimento do público. Os programas e as transmissões esportivas são repletos desses clichês. Neles o público se reconhece. Reconhece-se numa mensagem repleta de anúncios publicitários. O consumo aumenta e a parceria se fortalece.

No modo de ser dos seres na sociedade burguesa, os indivíduos precisam e valorizam o lazer, o tempo de folga, porque os alivia da pressão ao saírem da rotina do trabalho alienado. Segundo Adorno e Horkheimer (1985), a diversão é procurada por quem quer escapar do processo de trabalho mecanizado, para se pôr de novo em

condições de enfrentá-lo. Para os autores, a indústria cultural incentiva a produção de mercadorias destinadas à diversão e ao entretenimento, também incentiva o consumo de bens da própria indústria cultural num movimento cíclico que aproveita todo o tempo das pessoas, dentro ou fora do trabalho.

A persuasão da Indústria Cultural é mediada pelo entretenimento dos consumidores. Nos programas esportivos, principalmente aqueles transmitidos aos domingos, são cada dia mais movidos na perspectiva da espetacularização. Os apresentadores se desdobram para entreter os telespectadores com piadas, sorrisos, gargalhadas, mulheres bonitas, humilhações de colegas, prêmios. Quanto a essas características, semelhantes às circenses, há destaque no texto da Indústria Cultural de Adorno e Horkheimer:

A Indústria Cultural conserva o vestígio de algo melhor nos traços que a aproximam do circo, na habilidade obstinada e insensata dos cavaleiros, acrobatas e palhaços, na defesa e justificação da arte corporal em face da arte espiritual (ADORNO, 1985. p. 134).

Atentos aos programas esportivos de televisão é fácil perceber os jornalistas e comentaristas esportivos assumindo um papel teatral: um é o bonzinho, outro o ranzinza, ou o ingênuo, o engraçado, o bravo. Com isso, as discussões crescem, se tornam polêmicas e aumentam os índices de audiência. Na Indústria Cultural, tudo se resume a *business*.

25. Do Espetáculo à Espetacularização

No mundo contemporâneo, com a criação humana dos meios de comunicação em larga escala, evolução e propagação da internet junto ao compartilhamento de informações não só em longas distâncias, mas também em tempo instantâneo, o espetáculo se torna um dos pilares no modo de ser da sociedade contemporânea. O elo central dessas relações sociais se dá no consumo de mercadorias, na alienação do trabalhador, no próprio trabalho, na reificação dos seres humanos e no fetiche das mercadorias. O espetáculo como entretenimento é uma importante ferramenta geradora de lucro e poder.

Mesmo que as pessoas ainda insistam na utilização do esporte como uma relação de práticas de lazer e diversão, visando a apropriação saudável e humanizada

do seu tempo livre como se o espírito do tempo as remetesse ao ócio criativo e humanizante de outra época, ficam evidentes que essas são também questões produzidas sócio e culturalmente. Frequentar os clubes e escolinhas esportivas, treinar para competir, ser bem-sucedido no futuro por meio do esporte profissional, viajar e morar em diversas partes do mundo, ser reconhecido, ganhar sucesso, fama, *status*, é para algumas pessoas mais “pobres” a possibilidade de visar lucro e alimentar o sonho do modo de ser burguês.

Em seu setor mais avançado, a concentração capitalista orienta-se para a venda de blocos de tempo totalmente equipados, cada um deles constituindo uma única mercadoria unificada que integrou um certo número de mercadorias diversas. É assim que pode aparecer, na economia em expansão dos serviços e das recreações, a modalidade do pagamento calculado tudo incluído, para o habitat espetacular, as pseudo deslocações coletivas de férias, o abonamento ao consumo cultural, a venda da própria sociabilidade em conversas apaixonantes e encontros de personalidades (DEBORD, 2002, p.103).

O discurso do esporte como jargão ideológico de promoção da saúde e retirada da drogadição também influencia muito o comportamento e a formação social. Uma contradição, ou uma imposição de valores, facilmente verificada nos meios audiovisuais contemporâneos. São enfatizados os aspectos saudáveis do esporte e a busca da qualidade de vida por meio deles, todavia, o que não se deve perder de vista são as atitudes concretas por trás desse discurso. Logo após um programa de exaltação ao esporte e saúde é transmitido um comercial de cigarros, outro de bebida alcoólica, outro de farmacológicos para curar a ressaca e, mais ainda, a descoberta de mais um caso de *doping* no esporte. São notadamente percebidas as virtudes contraditórias nos discursos e nas práticas.

Tratam-se de ideologias que podem e, ao mesmo tempo, contribuem para a mudança de hábitos e de costumes nocivos à humanidade, entretanto são também capazes de atuar na produção das fantasias, dos ideais e da persuasão. É importante ressaltar a percepção da fantasia e da formação dos ideais no sentido de compreender que esses valores subjetivos estão diretamente ligados à materialização da teia social, impulsionando o curso da sociedade tanto para a evolução quanto para a barbárie. As práticas esportivas utilizadas para esses fins povoam desde o imaginário infantil nas brincadeiras recreativas de rua à formação de torcedores, consumidores, até os fanáticos.

A parte irredutivelmente biológica que continua presente no trabalho, tanto na dependência do cíclico natural da vigília e do sono, como na evidência do tempo irreversível individual do uso de uma vida, não são mais do que acessórios face à produção moderna; e como tais, estes elementos são negligenciados nas proclamações oficiais do movimento do movimento da produção e dos troféus consumíveis, que são a tradução acessível desta incessante vitória. Imobilizada no centro falsificado do movimento do seu mundo, a consciência espectadora não conhece na vida outra coisa senão uma passagem para a sua realização e para sua morte (DEBORD, 2002, p.106).

Com efeito, as mídias aproximam, produzem e criam admiradores esportivos. Torcedores obcecados capazes de colocar o clube do coração acima de tudo. Nos tempos modernos, milhares de pessoas passam horas e horas assistindo, em seus televisores, seu time ou atleta preferido em movimento. Compram pacotes consideráveis (tanto no preço quanto na quantidade de canais disponíveis) de programas por assinatura só para ter total acesso visual dos seus jogos preferidos. Em meio a essa adoração, no qual a mídia tem grande parcela de responsabilidade, o esporte é espetacularizado:

Foi a partir da década de 60, com a proliferação das transmissões ao vivo de eventos esportivos, que se tornou proeminente uma nova figura na história do esporte: o **Telespectador**. O esporte transformou-se num espetáculo modelado de forma a ser consumido por telespectadores que procuram um entretenimento excitante, e é parte cada vez maior da indústria do lazer, sendo fator decisivo para isto o papel desempenhado pela mídia, especialmente a televisão (BETTI, 1997, p. 33).

Não só a televisão, mas as mídias de uma maneira geral se diversificaram e evoluíram em adaptação às exigências do sistema no qual estão inseridas. E isso aconteceu de uma tal maneira que mais se assemelha a um *self-service*, desses oferecidos nos restaurantes: há programação para os mais diversos gostos e anseios, tanto dos patrocinadores quanto do público produzido nessa cultura. São veiculados desde natação e patinação no gelo à briga de galo e vaquejada. O esporte passa de patrimônio cultural da humanidade e direito social a veículo mercadológico, alienando e contribuindo para manutenção de valores, padrões, perfis, afinidades e padronizações de comportamentos aos interesses da acumulação do capital.

Notadamente, nos dias de hoje, a maioria das pessoas não tem o hábito da prática esportiva, mas gostam de apreciar as imagens veiculadas do esporte. Gostam de acompanhar os conflitos e sentimentos dos atletas, como também das torcidas nos momentos de vitória e derrota. Apreciam as incertezas dos resultados nas competições. São mecanismos desencadeados que constituem elementos importantes na compreensão dos seres em face do espetáculo midiático.

O esporte do século XX passou por significativas transformações. É consumido avidamente e, não por acaso, pelas massas, saboreado como entretenimento por meio das imagens veiculadas pelos aparelhos televisores. Fenômeno produzido com tecnologia de ponta, enfatizando a beleza do gesto técnico, compondo uma imagem mais que espetacular, e também se convertendo em excelente negócio, com ramificações tanto econômicas quanto ideológicas. Dessa maneira, o esporte adquiriu as características de um verdadeiro show de entretenimento, associado a leis de mercado e espetacularização das imagens. A essa propagação, Marx, um século antes, já denominava como fetiche da mercadoria.

Ainda de acordo com Betti (1997), é sensível a percepção de que na televisão a lógica trabalhada é a da espetacularização dos acontecimentos. No caso do esporte, a apropriação dos momentos mais envolventes, como por exemplo a enterrada no basquetebol, a cortada no voleibol, o gol no futebol, os acidentes nas corridas automobilísticas e a violência dentro e fora das competições. A espetacularização por meio das imagens e dos sons pode ser sentida via atuação e desempenho de um guerreiro. Cai, rola, se contorce de dores. Às vezes chora na vitória ou na derrota, pois a batalha foi implacável. Esses elos são marcantes e compõem todo um enredo da mensagem na espetacularização esportiva, envolvendo sempre a emoção que seduz o telespectador.

26. Atletas Rei (ficados)

Nos grandes veículos de comunicação como os jornais, revistas, rádio e imprensa televisiva, o jornalismo esportivo facilmente é confundido com entretenimento desenvolvido e planejado pela publicidade e propaganda por meio do *marketing*. Os atletas de maior evidência são colocados como ícones, como *superstars*. Como novas estrelas, os campeões tomam seu lugar ao lado dos grandes

artistas do cinema, da música e do *show business*. Nesse sentido, Weber constata: “Sem as estrelas não há público, não há renda, não há prêmio que incentive as performances, não há sensação, nem publicidade, nem vendas” (WEBER, 1986, p. 17).

Os atletas de alto rendimento tornam-se modelos publicitários de inegável reconhecimento mundial, assim como na religião são dignos de idolatria e admiração destinadas aos Deuses das arenas modernas. As enormes quantias pagas e amplamente veiculadas nos meios de comunicação fazem com que os indivíduos menos favorecidos pelo capital almejem essa ascensão social. Acham que esse caminho esportivo será acessível, visto que a maioria dos jogadores veio de uma origem mais sofrida e humilde, passando pelos obstáculos nos quais boa parte da população pobre passa todos os dias. Assim, a mídia vai contribuindo com a construção do sonho de milhares de pessoas de que o esporte lhes conduzirá ao patamar de sucesso social e tranquilidade material para a vida inteira.

Por meio das mídias¹³, a utilização do esporte se mostra eficiente na criação de novas necessidades humanas, que serão atendidas não através dos valores de uso e sim dos valores de troca, do fetiche, da reificação.

Para estudiosos da escola de Frankfurt, à luz dos escritos de Karl Marx, esse movimento é conhecido como fetiche de mercadoria. O fetiche é como um feitiço que encanta aquele que é exposto à sua presença. Adorno e Horkheimer (1985) citam, para ilustrar melhor o fetiche de mercadoria, o herói grego Ulisses, amarrado ao mastro do navio ouvindo maravilhado e lutando contra o canto das sereias. Basicamente, o fetiche de mercadoria coloca o valor de troca muito acima do valor de uso. As pessoas acabam comprando bens não por uma necessidade de consumo, valor de uso, mas para atender às demandas de uma ideologia mercadológica, o valor de troca.

Na comunicação midiática, o receptor capta as informações, admira o que vê, o que ouve, identifica-se e busca adaptação. Como num sonho, um mundo perfeito é apresentado. E a sociedade, como numa válvula de escape, mergulha na fantasia.

¹³ Referenciando na tese de doutorado do professor Mauro Betti, *Janela de Vidro*, entendemos por "mídia" (do latim *media*, plural de *medium*, que significa "meio"), e ainda mídias de massa os meios de comunicação destinados a uma enorme quantidade de pessoas, muitas vezes em escala global e em tempo real. Como exemplo desse tipo de veículo de comunicação temos a internet, blogs, portais, televisão e rádio.

Então, compra e consome querendo fazer, sem sucesso, da sua realidade concreta aquilo que está apenas no plano ideal dos anúncios publicitários.

Outra característica percebida é a veiculação do jogador como “ícone”. Transformado em objeto de consumo é também descartável. Como um *outdoor*, é construída não só a imagem do atleta, como também dos produtos a serem comercializados. Produtos de projeção global com esportistas uniformizados à imagem e semelhança de suas marcas patrocinadoras. Os atletas reificados consomem e promovem suas bebidas, aparecem em hotéis luxuosos, demonstram suas paixões por carros potentes, sempre publicitando um modo de ser na sociedade contemporânea. Casos de uso de atletas e equipes esportivas anunciando marcas e produtos são comuns e notórios, desde as primeiras décadas do século XX, como por exemplo o caso do jogador brasileiro Leônidas da Silva, apelidado de “Diamante Negro”, o qual “emprestou” seu nome a uma marca de chocolate, na década de 1940, que existe até hoje como o mesmo nome.

Como definição de reificação, Bottomore apresenta a seguinte definição:

Significa igualmente a transformação dos seres humanos em seres semelhantes a coisas, que não se comportam de forma humana, mas de acordo com as leis do mundo das coisas. A reificação é um ‘caso especial’ de alienação, sua forma mais radical e generalizada, característica da moderna sociedade capitalista (BOTTOMORE, 2012, p. 464).

O esporte espetacularizado pelos meios de comunicação tem na televisão importante parceiro no financiamento das equipes e realização dos eventos esportivos. Essa relação entre mídia e esporte pode ser observada como um processo de mutualidade: se por um lado os canais televisivos organizam sua programação e seus horários, por outro lado o esporte também define mudanças em suas regras para se adaptar à grade de programação e padrões do espetáculo televisivo.

27. Negação do Esporte

O homem, como todo animal, tem necessidade física e psíquica de jogar, e não se pode nem se deve renunciar a esse desperdício lúdico, posto que tal prática

significa livrar-se da tirania do trabalho alienado e é indispensável como uma válvula de escape (HUIZINGA, 2000).

O inconveniente é quando o jogo e o aspecto lúdico descambam para a competição que, por sua vez, doutrina e amortece a força das práxis: esse modo de jogo e de jogar serve, no fundo, para neutralizar a ação, daí se tira a formação de seres humanos destinados a competir também em outras esferas da vida que não o jogo, o que fomenta a geração de seres humanos degenerados, deformados (Eco, 1984) em sua humanidade e em tudo que poderiam ser enquanto possibilidades já alcançadas pelo gênero humano na história. É possível perceber no esporte moderno a figura do atleta como uma serpente de duas cabeças; de um lado, o esporte é praticado em um viés para promoção da saúde, do outro o esporte assistido é a mistificação da saúde.

O jogo representa uma entidade autônoma: “O conceito de jogo enquanto tal é de ordem mais elevada do que o de seriedade. Porque a seriedade procura excluir o jogo, ao passo que o jogo pode muito bem incluir a seriedade” (HUIZINGA, 2000).

Com o surgimento do novo modo de produção das grandes capitais urbanas e da mudança do mundo, advindas da Revolução Industrial do século XIX juntamente com crescimento dos componentes econômicos provenientes da evolução tecnológica, o homem perde aquele “espírito” impregnado de mistério e de mitos que ele semeava em suas formas mais arcaicas de civilização. O racionalismo e o utilitarismo da época moderna, contraditoriamente a outras correntes de pensamento do século passado, eram avessos ao fator lúdico na vida social.

Jamais se tomou uma época tão a sério, e a cultura deixou de ter alguma coisa a ver com o jogo. As formas exteriores já não se destinavam a criar a aparência, ou a ficção, se se quisesse, de um modo de vida ideal e mais elevado. Não há sintoma mais flagrante da decadência do fator lúdico do que o desaparecimento de todos os aspectos imaginativos, fantasiosos e fantásticos do vestuário masculino após a revolução francesa (HUIZINGA, 2000, p. 51)

Nesse movimento, a prática esportiva, a partir do momento em que se transforma em mercadoria aliada à competição na maneira de ser do capitalismo – ou seja, a partir do momento em que se estabelece enquanto normas e se comercializa –, perde o caráter lúdico previsto em sua essência inaugural.

Pierre de Frédy, conhecido como Barão de Coubertin, foi um pedagogo e historiador francês, tendo ficado para a história como o fundador dos Jogos Olímpicos

da era moderna. De Coubertin (apud ROUYER, 1977) dizia que o profissionalismo não poderia ser incorporado as práticas esportivas, pois assim o fator lúdico seria perdido nos torneios.

De Coubertin, convencido, pelo exemplo inglês, do valor educativo do desporto, faz todos os esforços possíveis para generalizar a sua prática, que se pode caracterizar por um certo sdemocratismo utópico. De Coubertin fica, no entanto marcado, sobretudo nas suas primeiras obras, por um espírito de casta: sonha com uma cavalaria desportiva fraternal (ROUYER, 1977).

O esporte espetacularizado passa por três momentos distintos:

1. A prática, em primeira pessoa, o que o praticante sente e percebe em sua própria singularidade.
2. A fala sobre o esporte, em terceira pessoa.
3. A narrativa esportiva onde o esporte é mitificado ou espetacularizado nas transmissões da ação e de todo o conjunto envolvendo as práticas.

O jogo, antes, praticado em primeira pessoa, passa a ser uma espécie de discurso sobre o jogo, isto é, o jogo passa a ser um espetáculo para os outros. O jogo deixa de ser uma atividade praticada por qualquer participante, e passa a ser visto por meio de suas características próprias e particulares, muitas vezes inatingíveis ao cidadão comum – surge a figura do outro, do espectador.

O esporte moderno representa, assim, o espetáculo esportivo sobre o qual se exercem especulações e comércios, movimento da bolsa de transações, vendas e consumos. O esporte espetáculo se dá também em outra esfera, que é o momento onde impera o discurso sobre o esporte assistido: o discurso da imprensa esportiva.

E em terceiro ponto, o conceito produzido pela narrativa da imprensa esportiva, ou seja, o componente auto referencial que a imprensa esportiva ratifica ao auto focar as discussões sobre as práticas esportivas. Nesse momento, a discussão e o relato não são mais sobre o esporte, mas sim sobre uma falação a respeito do esporte (Eco, 1984, p. 224). Desse modo, o esporte que foi espetacularizado é na atualidade, essencialmente, uma mistura de realidade e ficção apresentados pela imprensa esportiva. Se alguns eventos esportivos não acontecessem, mas fossem contados,

por meio de imagens fictícias, nada ou muito pouco mudaria no sistema esportivo internacional.

Trespassado o jogo esportivo, onde deveriam predominar as características lúdicas na satisfação das necessidades humanas físicas e psíquicas, a falação¹⁴esportiva é o assombro da fetichização e, por isso, o ponto máximo de consumo. Sobre ela e nela o homem do modo de produção capitalista consome e reproduz diretamente a si próprio, num específico modo de ser do ser, em demarcada época histórica.

O excesso na falação esportiva midiática (muitas vezes representadas nas intermináveis rodas de bate papo dos canais de televisão) apresenta todos os aspectos e características do discurso político (ECO, 1984), entretanto, o objeto em debate não é a *polis*, a cidade, o Estado ou o bem coletivo, mas sim o estádio e as atividades contidas em seus bastidores. Essa falação midiática se parece mais com uma paródia do modo de fazer política. Todavia, nessas paródias do esporte são esgotadas e limitadas todas as forças do indivíduo para o fazer político e cidadão. O discurso midiático esportivo passa então a ser substituto do discurso político, chegando ao ponto de ser o próprio discurso político. Dado isso, o esporte, por meio da espetacularização da mídia, desempenha um papel de falsa consciência, velando o real.

A espetacularização do esporte passa a falsa impressão, a ilusão, de que se pratica esporte. A falação midiática esportiva possibilita a pseudo compreensão do fenômeno esportivo sem qualquer apropriação, mais acurada, do objeto. Ela é o discurso profético com um fim em si e algo a mais: uma narrativa contínua com uma exposição repetitiva que ofusca e esconde o fazer político e social em seus propósitos coletivos. Passa a ser o próprio discurso sobre a cidade e seus objetivos.

Nos grandes espetáculos esportivos como os atuais megaeventos, o esporte moderno representa um “espetáculo cósmico sem sentido” (não segue em direção à humanização do homem) ligado a uma “ausência de senso e à inutilidade da coisa” (o valor de uso da cultura esportiva é alienado em função do valor de troca) incluindo-se o sentimento de Umberto Eco (1984):

¹⁴ Falação esportiva é o termo utilizado por Humberto Eco em seu livro, de 1984, *Viagem na irrealidade cotidiana*.

O esporte, entendido como ocasião em que uma pessoa, sem fins lucrativos e empenhando diretamente seu corpo, realiza exercícios físicos em que põe seus músculos a trabalhar, seu sangue em circulação e seus pulmões em plena atividade é coisa belíssima, ao menos tanto quanto o sexo, a reflexão filosófica e o jogo de azar quando as fichas de apostas são grãos de feijão. Mas o jogo de futebol não tem nada que ver com o esporte assim entendido. Não para os jogadores, que são profissionais submetidos a tensões não diferentes das de um operário da linha de montagem (afora algumas insignificantes diferenças salariais), não para os espectadores, isto é, a maioria (ECO, 1984, p. 224).

Tomando por alicerce os dados e elementos até agora apresentados, o esporte espetacularizado e a discussão a respeito desse mesmo espetáculo (incluindo os jornalistas que falam sobre esse fenômeno) é o substituto mais conveniente em detrimento da discussão das “coisas sérias da vida” (MARQUES, 2000). A espetacularização do esporte permite, em suma, que os falantes e agentes desse jogo, do qual não se esquivam espectadores, telespectadores, torcedores e leitores de jornais, se entretendam em gerenciar a “Coisa Pública Esportiva”, entretanto, sem os cuidados, deveres e dilemas de uma discussão política:

Em vez de se julgarem os atos do ministro das Finanças (para o que é preciso entender de economia e de outras coisas), discutem-se os atos do treinador; em vez de se criticarem as posições do deputado, critica-se a posição do atleta; em vez de se perguntar (pergunta difícil e obscura) se o ministro fulano assinou ou não pactos ainda mais obscuros com o poder sicrano, pergunta-se se a partida final ou decisiva terá sido fruto do acaso, da forma atlética, ou de alquimias diplomáticas. O discurso futebolístico requer uma competência não vaga, decerto, mas de uma forma geral, restrita, bem concentrada; permite assumir posições, expressar opiniões, propor soluções sem que ninguém seja detido ou fique por isso exposto (ECO, 1984, p.231)

Permitindo a participação das pessoas comuns nos comentários esportivos publicados nos jornais, revistas, blogs, redes sociais e mensagens on-line de programas televisivos, essas abordagens mantêm uma indeterminação estrutural e nociva (KORFF, 1985). Por um lado, se a pessoa comum realiza o exercício da discussão de sua micro realidade, de seu mundo particular (discussão quase sempre ligada ao destino de seu clube ou de algum jogador), por outro lado não se percebe, nesse exercício, seu afastamento, cada vez maior, do que verdadeiramente importa para melhorar sua vida cotidiana. Nessa discussão rasa de sentido à vida social comunitária são deixados de lado elementos e ações que revelem sobre a produção e reprodução de sua vida social. Para esse fim, de desenvolvimento social, a suposta

especialização do discurso esportivo não desempenha senão o papel de velar a realidade. Questões como a contestação econômica ou política do sistema público e coletivo ficam no plano das aparências, quando muito. Existem alguns apontamentos em sentido contrário que são percebidos, mas muito pequenos se comparado ao quadro hegemônico.

Hoje, ao lermos uma crônica ou um comentário nos jornais dia seguinte aos jogos, temos a nítida impressão de que a análise está sendo feita por um teórico, um estudioso profundo do assunto, quando são simplesmente jornalistas que as fazem sem que, para isso, tenham tido a necessidade de frequentar cursos específicos. A linguagem e o nível de complexidade do esporte permitem esse tipo de fácil acesso ao seu universo, não fechando as suas portas nem aos informantes (jornalistas) nem aos informados(...). Ao contrário de outros setores, como a economia e a política, onde não se permite às massas o acesso aos seus 'bastidores', no esporte isso é utilizado quase que de maneira compensatória (KROFF, 1984, p. 55).

A espetacularização do esporte moderno interessa e contribui à manutenção do *status quo*. É conveniente à classe dominante que as discussões sobre o esporte ganhem cada vez mais simpatizantes, uma vez que a contestação do poder político e do sistema público é transposta para a esfera das agremiações esportivas, do treinador ou do dirigente do clube. E essa atribuição adquire delineamento espetacular no corpo das torcidas organizadas que, de maneira geral, são financiadas por diretores de clubes. Por consequência são servis a possíveis conchavos servindo de massa de manobra aos dirigentes. Torcedores fanáticos, alienados pela espetacularização esportiva e movidos pela força das massas, apresentam uma compreensão superficial e inconsistente dos problemas sociais pelos quais o país atravessa e nunca se posicionam contra questões mais relevantes e significativas que acabam constituindo e limitando o esporte – como a hegemonia e monocultura esportiva, fundo público (boa parte dele) destinado à construção de infraestrutura em contraposição a programas sociais destinados à democratização do esporte e lazer como um direito, orçamento público insuficiente para universalização de programas sociais, falta de incentivo público às práticas esportivas populares, direito ao esporte, falta de incentivo estatal aos atletas, de esporte e lazer, corrupção e organizações antidemocráticas filiadas ao esporte, etc. (FIGUEIREDO, 2009).

Apreendidos tais argumentos, as considerações apresentadas anteriormente alertam para o fato de que o esporte espetacularizado, expresso principalmente no

discurso da imprensa esportiva sobre si mesma, só serve para referendar o sistema vigente. A ideia da alienação, normalmente atribuída aos jornalistas esportivos, sempre esteve ligada a esses profissionais desde o início de suas atividades, no início do século XX (MARQUES, 2002).

Por enquanto, depois de tantos ataques e investidas, negando a espetacularização do esporte, pode ficar a falsa impressão de se estar negando o próprio esporte. Que se faça então a defesa do esporte, antes que o mesmo seja condenado à “cadeira elétrica”. O contraponto proposto servirá como entendimento do porquê da relação tão íntima, estigmatizada e duradoura do esporte, do espetáculo, dos grandes meios de comunicação e da mercadorização do esporte. Relacionamento vivo e íntimo há tantas décadas, ocupando espaço nos jornais, rádios, televisões e, mais atualmente, nos blogs, twettes, entre outros veículos de comunicação da internet. Afinal de contas, ao término de cada rodada é preciso alfinetar o rival e especular se o juiz errou ou não e sondar quem vai arbitrar a próxima partida.

28. Afirmção do esporte

A obra *Sociologia do esporte*, de Georges Magnane, que analisa o esporte por um viés sociológico, foi publicada no Brasil no ano de 1969 pela editora Perspectiva. O livro trouxe à tona diversas questões antes veladas por interesses políticos pelo período histórico vivido no Brasil e no mundo (MARQUES, 2002). Na obra o autor comentava sobre o descaso de intelectuais franceses com o esporte e citava um professor da Sorbonne, segundo o qual “Se a imprensa esportiva tem tantos leitores, é porque é ilegível”. Temos aqui mais uma mostra do preconceito sobre o esporte enraizado no meio acadêmico naquele período. Para aquele mesmo pensador da Sorbonne, não havia problemas no esporte, já que os esportistas sempre preferiram se virar sozinhos. E mesmo os intelectuais com mais boa vontade em relação ao esporte acabavam afastando-se das discussões sobre o tema ou apenas lhe concediam uma olhadela “ora indulgente, ora irritada, àquilo que eles consideram folguedos pueris e desprovidos de todo significado” (MAGNANE, 1969, p. 17). Estabelece então uma “dialética” entre as discussões sobre o esporte, analisando o nível de influência que as atividades lúdicas e esportivas adquiriram na sociedade pós-industrial:

O esporte é um fenômeno social que impregna profundamente a vida cotidiana do homem do século XX (...) Sua presença se impõe não só àqueles que o praticam, àqueles que o organizam ou àqueles que procuram dirigi-lo ou que pretendem fazê-lo, mas ainda àqueles que se dedicam a combatê-lo (MAGNANE, 1969, p. 17).

Brilhante é a percepção do sociólogo francês no sentido da indagação de que todos os que procuram negar o esporte nada mais fazem do que afirmar a presença dele (MARQUES, 2002). A aversão ao esporte não deixa de representar uma demonstração da paixão dedicada a ele pelo tempo e esforço depreendido na crítica. Magnane (1969) avança ainda mais quando reconhece nos grandes meios de comunicação a manifestação mais indiscreta do esporte. Assim como os *reality shows* abusam em entradas na programação, focam excessivamente em momentos inoportunos e criam citações muitas vezes inexistentes.

É sabido que a maior demonstração de alienação é ignorar os efeitos e manifestações ligadas ao esporte. Como boa parte dos intelectuais da época insistiam em ignorar a força da manifestação cultural que é o esporte, isso já no início do século XX, Magnane traz o seguinte apontamento:

Os representantes do mundo esportivo respondem com insolência e irritação ao desdém do mundo intelectual. Mas acho particularmente irrazoável a atitude do “homem de bem” do século XX que se recusa a tomar consciência de um fato da civilização tão enormemente visível como o esporte (MAGNANE, 1969, p. 18).

Nos dias de hoje, é praticamente, impossível não perceber a relação entre cultura de massas e o esporte, e mesmo nas limitações tecnológicas da primeira metade do século XIX, quando se deu o início do que conhecemos hoje como esporte moderno, a sociedade se transformava e demanda uma nova organização do espaço urbano, passando assim a exigir uma nova conformação dos corpos e necessidades humanas em um metabolismo social com as cidades da época.

Na medida em que o processo de troca transfira mercadorias da mão em que elas são não-valores de uso para a mão em que elas são valores de uso, ele é metabolismo social. O produto de uma modalidade útil de trabalho substitui o da outra. Uma vez tendo alcançado o lugar em que serve de valor de uso, a mercadoria cai da esfera de intercâmbio das mercadorias na esfera do consumo (MARX, 1996, p. 227-228).

Essa nova ordem social, em conjunto com os avanços tecnológicos advindos do progresso da Revolução Industrial dos novos meios de produção, aliados a um novo modo de produção, um novo comportamento do ser humano relacionado a seus corpos, exigiu uma postura diferente da vivida até aquele momento. Uma atitude cada vez mais voltada ao desempenho físico passa a ser requerida.

Na busca por uma aproximação ao gênero, ao universal humano (que tem no trabalho sua categoria fundante), as pessoas buscam solidariedade coletiva, bases emocionais que as liguem ao gênero humano, valores que ficaram para trás ao deixar o campo em busca dos grandes centros urbanos.

A história universal nasceu nas cidades e atinge a maioria no momento da vitória decisiva da cidade sobre o campo. Marx considerava este fato como um dos maiores méritos revolucionários da burguesia: ela submeteu o campo à cidade cujo ar emancipa. Mas se a história da cidade é a história da liberdade, ela é também a da tirania, da admiração estatal que controla o campo e a própria cidade. A cidade é o campo de batalha da liberdade histórica, não sua posse. A cidade é o meio da história, porque ela é, ao mesmo tempo, concentração do poder social que torna possível a empreitada histórica, e consciência do passado (DEBORD, 2002, p.114).

Na busca pelos laços de parentesco que ligam todos os seres humanos perdidos no modo de produção capitalista, vínculos perdidos pelo trabalho alienado, os seres são atraídos como imãs à paixão esportiva, que irmana estranhos e os faz comungarem de ideais, objetivos e sonhos em comum, enraizando gigantescas famílias vestindo as mesmas cores.

Dessa maneira, ainda no século XIX, com a gênese da indústria cultural e dos meios de comunicação em massa, foi possível perceber o aparecimento de diversas modalidades esportivas: o esporte passa a nutrir um mecanismo de afirmação dos valores capitalistas como a ganância, mesquinhez, desconfiança, frieza, ansiedade, obstinação, indolência, pedantismo, obsessão, desejo de posse, vitória às custas de subjugar o outro, etc. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo capitalista (BRACHT, 1986). Para tanto, não é aleatório o esporte (nesse contexto, ainda em seus primeiros passos do esporte moderno) como “lazer” e como “indústria” ter surgido no momento histórico das sociedades industriais urbanas de massa.

Diversas modalidades esportivas como o: turfe, a luta livre, o boxe, o remo, o tênis e o atletismo surgiram nesse período do século XIX, momento em que a

Inglaterra consolidava o sistema liberal democrático. Os Ingleses aprenderam, impelidos pelas determinações do momento, a projetar no lazer o esporte e seus valores, princípios ligados aos combates com regras, obediência aos horários, respeito às regras e aos regulamentos, aceitar as definições hierárquicas, etc.

Em específico o futebol toma contornos especiais. Por ser praticado ao ar livre, sobre a grama ou na terra, remete ao saudosismo campesino advindo do fluxo migratório para as metrópoles, em uma sociedade cada vez mais cercada de concreto e aço. O futebol, dessa maneira, figura e encena o mito do mundo agrário cercado na “selva de pedras”.

Em seu rito, o futebol evoca presenças – terra, sol, vento – de uma originalidade arcaica e de uma história agropastoril, por entre rasgos urbanos: o concreto das arquibancadas, o poder das luzes e, ultimamente, o visgo dos placares eletrônicos. (...). No estádio, a dispersão de vozes cria uma paisagem animada pela necessária multiplicidade da presença coletiva. Essa paisagem é o oposto de uma natureza-morta. As mídias modernas tentam espelhar – palidamente, quase sempre – essa multiplicidade da vida concentrada através da multiplicação de seus pontos de vista: narração, comentário, entrevista, observações detrás do gol, no caso do rádio; obtenção de imagens de diferentes ângulos, em câmara lenta, ‘replays’, no caso da televisão (AGUIAR, 1999 p. 162).

29. Narrativa Mítica

As aproximações entre o espetáculo e esporte se assemelham em muito a uma narrativa mítica. Esse movimento do real no complexo da materialidade esportiva pode ser explorado com maior intensidade afim de se compreender melhor o papel do esporte espetacularizado na sociedade moderna. Na obra *Mitologias*, do autor Roland Barthes, o complexo cultural das interpretações míticas é aprofundado. Em suas análises, Barthes investiga diversos determinantes do cotidiano da vida contemporânea francesa. Para ele, o mito pode ser visto – e desmitificado – numa luta de MMA (do inglês *mixed martial arts*), num *strip-tease*, nas propagandas de cosméticos ou vestuários e até no rosto de Marilyn Monroe na pop arte de Andy Warhol.

O mito não é necessariamente uma expressão oral, mas pode ser formado por outras representações, como a fotografia, o cinema, a publicidade, os espetáculos e o esporte: todos eles podem servir de suporte à fala mítica (Barthes, 1993). O mito

assume forma em um sistema de valores. A pessoa produtora e consumidora de mercadorias se envolve e se confunde num mundo permeado pelas coisas que ele mesmo criou. E tem a falsa sensação de que essas coisas se relacionam como seres vivos de maneira natural, reificados. Dessa relação se produzem e reproduzem seres humanos alienados do gênero no capitalismo. As pessoas consomem a representação do mito sem se dar conta do que realmente significa ou representa. Dá-se uma inversão de sujeito e predicado.

A inversão determinativa entre sujeito e predicado é, portanto, a inversão ontológica entre a determinação real e a determinação ideal, o conteúdo concreto e a ideia abstrata ou, poder-se-ia dizer, o *ser* e o *pensar*. A ideia é feita sujeito, na medida em que a ela é conferido o poder de engendrar, a partir de si mesma, suas determinações concretas, finitas. Ela “se degrada, rebaixa-se à ‘finitude’ da família e da sociedade civil, para, por meio da suprassunção destas, produzir e gozar sua infinitude” (MARX, 2005, p. 19).

Não percebem que o mito é uma criação humana é não o contrário.

O mito é um sistema de comunicação, é uma mensagem. (...). Já que o mito é uma fala, tudo pode constituir um mito, desde que seja suscetível de ser julgado por um discurso. O mito não se define pelo objeto da sua mensagem, mas pela maneira como a profere: o mito tem limites formais, mas não substanciais. Logo tudo pode ser mito? Sim, julgo que sim, pois o universo é infinitamente sugestivo (BARTHES, 1993, p. 131).

Os ídolos do esporte podem ser vistos, pelos espectadores, como “seres sobrenaturais” e possuem potencial de influenciar a conduta das massas (ELIADE, 1989). Os títulos, as vitórias, os recordes, sua obsessão pelas conquistas os tornam semideuses da criação.

É notório, no comportamento dos atletas de alta performance, uma conduta fetichizada pela mercadorização do esporte. A compulsão pelo sucesso, pela vitória são valores tão bem aceitos e estimulados no esporte quanto fora das linhas dos jogos, no mundo do trabalho.

Essa busca incessante pela auto-superação revela *um modo de ser* no esporte de rendimento e, ao mesmo tempo, constrói a imagem da superação dos limites da condição humana. A constituição dos super-humanos.

Entrando nas arenas esportivas, os novos coliseus, com suas vestimentas de alta tecnologia, e os atletas assumem a forma mítica. Trata-se do mito do Superman, estudado por Eliade (1989) – o herói possui uma dupla personalidade, o modesto jornalista e terráqueo Clark Kent ao vestir suas roupas de super-herói se transforma no poderoso Superman. Os atletas também convivem com essa dualidade. Sua atividade fora dos estádios e das competições é diferente de sua vida cotidiana distante do esporte profissional.

Em sua vida cotidiana os atletas se tornam seres comuns, sujeitos às mazelas próprias de toda humanidade. Entretanto, investidos de toda cultura criada ao redor do esporte, do espetáculo criado, os atletas são investidos de todos os trejeitos solicitados e se transfiguram nos seres sobrenaturais pertencentes ao novo Olimpo.

Essa comparação entre os super-heróis dos contos de fadas e os atletas de alto nível, notadamente percebido no esporte, satisfaz desejos ocultos do homem moderno. Como no mito da caverna de Platão (2000), sabendo-se condenado e limitado, sonha, um dia, romper os grilhões que lhe prendem, deseja ascender como um ser evoluído de luz, um super-herói.

Na época atual, o mito assume formas diferentes de comunicação com o homem. O discurso mítico foi, durante muito tempo, ocupado pela prosa narrativa. Hoje se tem no gênero literário do romance como uma verdadeira epopeia da vida burguesa.

O romance literário é o gênero mais típico da sociedade burguesa. Embora nas literaturas do Oriente antigo, da Antiguidade e da Idade Média existam obras sob muitos aspectos afins ao romance, os traços típicos do romance aparecem somente depois que ele se tornou a forma de expressão da sociedade burguesa (LUKACS, 2011, p. 193).

O romance, nesse modelo socioeconômico, é a expressão da sociedade contemporânea em substituição dos recitais dos mitos e contos das sociedades tradicionais e populares de tempos passados. Fica claro o mesmo papel desempenhado pelo romance nas mídias, no cinema, na televisão, na propaganda e no esporte.

Então, o que evidencia essa constante necessidade pela válvula de escape do mundo real? O que configura essa vontade por momentos de fuga, seja na leitura, na internet, na televisão ou por meio de um espetáculo?

O tempo que se vive quando se lê um romance não é, evidentemente, o mesmo espaço/tempo que reintegra esse mesmo ser humano a uma sociedade tradicional. O momento em que se ouve, se sente ou lê o mito criado na sociedade se distingue do espaço/tempo mítico. Mas, tanto num caso como no outro, “sai-se” do tempo histórico e pessoal e mergulha-se num espaço tempo espetacular, fabuloso (BARTHES, 1993).

30. Tempo Espetacular

Essa definição vale tanto para a leitura de um romance quanto para o indivíduo que hoje vai a um parque de diversões, à exibição de uma peça de teatro ou a um jogo de futebol: busca-se, em última instância, um tempo imaginário, diferente do tempo real, perseguidor, que estará à espera desse mesmo indivíduo do lado de fora do parque, na calçada em frente à sala do teatro ou na praça do estádio de futebol, tão logo acabem os espetáculos (MARQUES, 2002):

O consumo do tempo cíclico das sociedades antigas estava de acordo com o trabalho real dessas sociedades, mas o consumo pseudocíclico da economia desenvolvida encontra-se em contradição com o tempo irreversível abstrato da sua produção. O tempo cíclico era o tempo da ilusão imóvel, realmente vivido, ao passo que o tempo espetacular é o tempo da realidade que se transforma, vivido ilusoriamente (DEBORD, 2002, p. 105).

A constante busca em solucionar as inquietações resultantes do trabalho alienado, que dita um ritmo e tempo próprio na vida cotidiana dentro e fora do “trabalho”, substituindo o tempo real por um tempo espetacular, místico e liberador, capaz de retirar o homem da realidade que o oprime, nada mais é que a reprodução do universo mítico dos primórdios. Essa é pontualmente a posição em queo esporte espetáculo assume nesta análise. O espectador, num dia de domingo, em frente ao seu aparelho de televisão, em sua poltrona, sentado confortavelmente, busca assistir a uma partida, ou presente num estádio, junto a outros tantos na torcida, acompanhando visualmente e ouvindo pelo radinho de pilha o movimento dos jogadores e das partidas. Procura, antes de qualquer coisa, aliviar a pressão da vida do cotidiano e do mundo do trabalho. No momento do jogo, num gestual de habilidade, na comemoração dos pontos, a percepção e sensações estéticas são outras, muito diferentes, do ritmo temporal e corporal sentidas por esse mesmo espectador no decorrer dos demais dias da semana.

Os pseudo acontecimentos que se amontoam na dramatização espetacular não foram vividos pelos que deles são informados e, além disso, perdem-se na inflação da sua substituição precipitada a cada pulsão da maquinaria espetacular. Por outro lado, o que foi realmente vivido está sem relação com o tempo irreversível oficial da sociedade e em oposição direta ao ritmo pseudocíclico do subproduto consumível desse tempo. Esta vivencia individual da vida cotidiana separada permanece sem linguagem, sem conceito, sem acesso crítico ao seu passado, que não está consignado em nenhum lado. Não se comunica. Está incompreendida e esquecida em proveito da falsa memória espetacular do não memorável (DEBORD, 2002, p.106).

A tríade Mídias, Esporte e Espetáculo cria uma cultura pouco interessada em transformar seus consumidores em praticantes de esporte, mas, ao contrário, permanecer e aumentar o número de torcedores ávidos em seus estádios, hoje arenas esportivas. Na medida em que essa cultura massificada na espetacularização do esporte avança, ela reflete um modo de ser e de viver fora desse enredo espetacular, uma vida alimentada pela competição desenfreada e opressão. No esporte espetacularizado, a pessoa entroniza esse culto como se fosse a própria vida e perde de vista a diferença entre o tempo livre e o entretenimento, sendo que essa diferença é um dos sentidos emancipadores que o esporte pode permitir num sistema de relações humanas opressoras. O esporte, quando tenciona o domingo no maracanã e a diferença da semana miserável de trabalho, é emancipador. Entretanto, da prática esportiva transformada pelo consumo do espetáculo não se pode esperar nada mais que o caráter tenebroso do tempo livre como disciplinador, da continuidade da lógica do trabalho alienado, da repetição: o entretenimento aqui mercadorizado, justificando o sofrimento da maneira de ser no dia a dia.

A fábula e o encanto esportivo no mundo contemporâneo industrial urbano são dirigidos à espetacularização dos eventos esportivos em massa. Desse modo, acompanhar uma partida ao vivo, no estádio, aparentava e ainda hoje evidencia um espetáculo análogo ao visto nas apresentações de dança, balé, ópera e encenações teatrais. Em favor do esporte moderno, ainda, apesar de representar uma narrativa ritualizada, fetichizada, encarna a particularidade da imprevisibilidade em sua prática. Uma peça teatral pode variar, e geralmente varia, de uma apresentação a outra, pois depende da execução dos atores, da disposição e do tipo dos equipamentos cenográficos, dos diretores de arte, de luz, etc., embora o roteiro seja sempre o mesmo. No esporte moderno, por conseguinte, apesar de suas regras rígidas e

universais, tem sua concretização na imprevisibilidade. Como exemplo, é impossível não citar o futebol como um dos protagonistas nas modalidades esportivas no quesito imprevisibilidade. Isso devido a uma série de determinações próprias, talvez pelo fato de ser jogado com os pés e de se fazer uso do corpo como uma totalidade.

Dias Gomes, escritor, diretor e dramaturgo, apresentou entendimento muito parecido, dizendo que no futebol não existe uma narrativa estruturada previamente. Expressa o seguinte comentário a respeito da atuação da Seleção Brasileira de Futebol na Copa do Mundo de 1982:

Como dramaturgo, vejo no futebol não apenas uma disputa esportiva, mas sobretudo um espetáculo teatral. Para mim, o campo é um palco e os jogadores 22 atores que vão interpretar uma peça cujos papéis foram apenas delineados, mas não escritos. Daí o grande mistério do futebol: uma peça da qual não se sabe o final. Um espetáculo vivente, como o teatro, que acontece naquele momento mesmo e que, ainda que a peça seja a mesma, os atores os mesmos, é sempre diferente.¹⁵

31. Linguagem e o Espetacular na Dimensão Cotidiana

Desse contexto é possível inferir a dimensão e proporção tomada pelo esporte; e nesse estudo, pelo esporte espetacularizado na formação dos indivíduos. Daí percebemos a força do esporte articulado aos grandes meios de comunicação na constituição da linguagem, na forma de comunicação dos seres singulares e a formação de um campo semântico particular de simbologia e sentidos pessoais. Vários são os jargões do esporte disseminados pela grande mídia esportiva espalhados no dia a dia dos cidadãos comuns. José Carlos Marques, em seu artigo *A falação esportiva* (2002), apresenta um quadro com algumas dessas expressões que já passaram a fazer parte do cotidiano e podem ser facilmente reconhecidas:

¹⁵ “O patrulhado Zico”, em *Jornal dos Sports*, 05/07/82, p. 8.

Expressão	Sentido denotativo
Administrar o resultado	Não se arriscar e nem se expor diante de determinada situação
Bola murcha	Designação dada a indivíduos sem expressão
Chutar e correr para o abraço	Ato de fácil execução, cujo resultado seja previamente conhecido
Dar bola	Dar atenção a alguém, no sentido de flerte ou galanteio
Deu zebra	Resultado inesperado que contraria a lógica
Embolar o meio-de-campo	Por dificuldades a determinada situação
Jogar limpo/sujo	Atuar (ou não) dentro de regras predeterminadas
Jogar na defesa	Atuar sem se expor em demasia e com excesso de proteção
Jogar para escanteio	Descartar a participação de alguém em certa atividade
Marcação cerrada	Vigilância constante de alguém sobre os atos de outrem
Estar na marca do pênalti	Indivíduo que se encontra em situação delicada

Partir para o ataque	Atuar de maneira ousada
Pendurar as chuteiras	Aposentar-se, abandonar as atividades profissionais
Pisar na bola	Praticar ato digno de reprovação

32. Da ideologia à espetacularização

Ainda sobre a transposição do universo espetacular esportivo ritualizado na rotina e dia a dia do cidadão comum, emblemáticos foram os acontecimentos da Copa de 1950, no Brasil, e da Copa de 1970, no México. O desencadeamento desses eventos deixou marcas profundas na subjetividade do povo brasileiro: tanto a espetacular dramaticidade da derrota para a seleção do Uruguai, em uma final com o Maracanã lotado (mais de 200 mil torcedores) e milhares de telespectadores em seus lares acompanhando pela televisão e rádios, quanto pela vibração brasileira na conquista do título mundial pela seleção em 1970. Enquanto acontecia o espetáculo esportivo, o Brasil vivia os paradoxais “anos de chumbo” e “milagre econômico”: prisioneiros políticos foram torturados por agentes da repressão oficial e inocentes acabaram sendo vítimas dessa violência, mas, também, houve um grande aumento das taxas de crescimento e nas bolsas de valores brasileiras¹⁶. Tudo isso mediado pelo sentimento ufanista e eufórico das massas.

A ideologia é a base do pensamento numa sociedade de classes, no curso conflitual da história. Os fatos ideológicos não foram nunca simples quimeras, mas a consciência deformada das realidades, e, enquanto tais, fatores reais exercendo, por sua vez, uma real ação deformada; na medida em que a materialização da ideologia na forma do espetáculo, que arrasta consigo o êxito concreto da produção econômica autonomizada, se confunde com a realidade social, essa ideologia que pode talhar todo o real segundo o seu modelo (DEBORD, 2002, p. 134).

¹⁶HAMMOUD, Ricardo H. Nahra. *Crescimento, desenvolvimento e desigualdade de renda: análise dos clássicos – Furtado, Cardoso e o “milagre” econômico*. In: Anais do XI Encontro Regional de Economia – ANPEC-Sul 2008. Curitiba, Universidade Federal do Paraná.

Ainda em consonância com o exposto anteriormente, é possível fazer um paralelo ao que já tinha sido dito por Marx e Engels na *Ideologia Alemã*:

Os indivíduos que constituem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também consciência e, por isso, pensam; na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que o façam em toda a sua extensão e, conseqüentemente, entre outras coisas, dominem também como pensadores, como produtores de ideias; que regulem a produção e a distribuição das ideias de seu tempo e que suas ideias sejam, por isso mesmo, as ideias dominantes da época (MARX e ENGELS, 1979,p.72).

Paulo Perdigão, em seu livro *Anatomia de uma derrota*, expressou o sentimento do povo brasileiro na ocasião da Copa de 1950 e evidencia o papel formativo do espetáculo na constituição dos cidadãos em um coletivo:

A ânsia descontrolada e irracional cedeu lugar a seu reverso, e o impulso de criatividade sucumbiu ao impulso de destrutividade: ficou a angústia de sentir que a nação tinha morrido no gramado do Maracanã, e também uma desesperança quanto à efetivação de qualquer projeto coletivo. Parecia uma facticidade, contra a qual nada há a fazer – a versão tropical do niilismo nórdico, segundo a qual, a vida é uma sucessão de obstáculos até chegar a morte, a derrota final (PERDIGÃO,1986, p.29).

Caminhando cada vez mais rumo a universos em que o mundo social é descrito e prescrito por meios de comunicação como a televisão, as mídias se tornam árbitros do acesso à existência social e política.

Quanto à mobilização e formação das massas, é notório o movimento dos brasileiros e sua torcida em torno dos jogos das Copas do Mundo. O artigo publicado no Diário de Notícias do Rio de Janeiro de 1962 retrata esse fato e mostra a relação entre esporte e cultura popular. Em documento rememorado pelo professor José Marques (2002),

Que verdadeiramente o Brasil é o país do futebol e do carnaval... que quem duvidar disso pode muito bem ter certeza agora com as transmissões da Copa do Mundo que o Rio, pelo menos, parou inteiramente para escutar o jogo.... Que até nos bancos tinha rádio alto

ouvindo o jogo e se podia muito bem entrar, ir lá dentro no cofre, e sair tranquilamente¹⁷...

Para a grande mídia, as conquistas no complexo esportivo sempre foram tidas como temas importantes e merecedoras de destaque na grade horária de sua transmissão. Os jornais de apelo mais populares também parecem ter especial conotação nesse sentido. Por exemplo, quando a seleção brasileira conquistou a Copa do Chile, em 1962, o jornal a *Última Hora* na segunda-feira (18/06/62), um dia após a decisão contra a Tchecoslováquia, veiculava as seguintes manchetes na primeira página: “Taça do Mundo é nossa mais 4 anos” – “Povo canta a vitória final nos 4 cantos do país ‘Mesmo sem arroz e feijão, o Brasil é Bicampeão!’”(MARQUES, 2002).

A espetacularização do esporte é ideológica por excelência, na medida em que expõe e manifesta sua plenitude em um sistema de ideologias programadas. Nelas estão contidas o empobrecimento, a submissão e a negação da vida real (DEBORD, 2002). A espetacularização é, materialmente, a expressão da separação e do afastamento entre o homem singular e tudo que pode ser em seu ente universal e genérico. O poder contido no fetiche da mercadoria contido na espetacularização do esporte (e seus aparatos a reboque) concentram sua base na produção onde são criadas massas crescentes de objetos e pessoas destinadas ao mercado das trocas: um novo domínio social de objetos estranhos aos quais os homens se submetem. É um grau supremo de alienação da humanidade do homem que se coloca contra a própria vida. A necessidade de “se fazer dinheiro” (tomando emprestada a expressão burguesa do momento) é, portanto, a verdadeira e mais importante necessidade produzida pela economia política, e a única necessidade que ela, a sociedade burguesa, produz (MARX, 2004). Nesse sentido, o espetáculo esportivo apresentado, permeando toda a vida social, concebe ao dinheiro vida ao que está morto. No caminhar da reificação, objetos criados pelos seres humanos tomam vida e se postam estranhos e contra os seres que os criaram:

O espetáculo conserva ao mesmo tempo, e impões no pseudoconcreto do seu universo, os caracteres ideológicos do materialismo e do idealismo. O aspecto contemplativo do velho materialismo, que concebe o mundo como representação e não como atividade, e que finalmente idealiza a matéria, está realizado no

¹⁷Diário de Notícias, 02/06/62, p. 7, Segunda Seção.

espetáculo, onde as coisas concretas são automaticamente senhoras da vida social. Reciprocamente, a atividade sonhada do idealismo realiza-se igualmente no espetáculo pela mediação técnica de signos e de sinais, que finalmente materializam um ideal abstrato (DEBORD, 2002).

Nos dias de hoje, a estrutura para o esporte em cada país ou região possui traços particulares produzidos pelo seu histórico e pelo cenário político e econômico, mostrando assim os diferentes graus de mercantilização concebidos para o esporte. A valoração dele como investimento, alta concorrência entre equipes e atletas, altos salários e enormes valores pagos nas disputas dos direitos de transmissões, são processos que alteram as relações sociais, políticas, econômicas e culturais. Aos conceitos de globalização e neoliberalismo econômico podemos relacionar, entre outros subprodutos: a desregulamentação de leis e marcos econômicos, destituição das fronteiras e culturas regionais, desarticulação de estratégias e mecanismos institucionais de proteção e coesão social.

33. Da mídia ao fluxo mercadológico esportivo

De acordo com a professora Vera Regina, em seu artigo *O comunicador e o educador esportivo* (2001), a parceria entre esporte e mídia tem seus primeiros registros significativos datados da década de 1930, momento em que as mídias impressas começam a veicular com singular interesse as informações a respeito do esporte. Entretanto, foram nas últimas décadas que se deram grandes mudanças na relação mídias-esporte. O movimento da maioria das competições esportivas nas mais diversas modalidades, assim como em diferentes âmbitos territoriais (regional, nacional e internacional), mudaram significativamente. O fenômeno esportivo, antes com espaço e projeção limitados, teve sua atenção e alcance amplificado por meio das mídias nesses últimos anos (KENSKI, 1995).

A imprensa, primordialmente a escrita, se detinha em apenas uma ou duas páginas ao jornalismo esportivo. A proposta se concentrava em apresentar alguns resultados dos campeonatos de futebol e, vez por outra, algum outro esporte em destaque. Exceção, é claro, eram a Copa do Mundo de Futebol, as Olimpíadas e o Torneio Automobilístico de Fórmula 1.

No decorrer da história, devido as demandas e necessidades econômicas, esse panorama muda. Os jornais começam a dedicar seções diárias e até cadernos inteiros voltados ao cenário social esportivo. Já em meados dos anos 60, como expresso nos documentos citados, mesmo os meios impressos e pequenos jornais, frente às grandes corporações empresárias midiáticas, não mais poderiam ignorar o potencial esportivo, em particular o poder de movimentação monetário por meio do mercado publicitário em tempos e megaeventos esportivos. O ano de 1994 foi emblemático ao mostrar esse direcionamento das mídias aos grandes espetáculos esportivos. O Jornal a Folha de S. Paulo, analisando esse período, traz o seguinte relato (MARQUES, 2002):

O esporte ele mesmo mudou, e nunca influenciou tanto o comportamento, nem criou tantos ídolos, nem lançou tantas modas, nem movimentou tanto dinheiro (o que, em jornal, também significa anúncios) como nos últimos anos.¹⁸

A partir daí o esporte é notado como área importante na imprensa, exige profissional especializado, afim de escrever, noticiar, analisar partidas, informar e ensinar o espectador como se desenrolam os sets, os circuitos e as competições. Informar, discutir novas regras, normas a serem seguidas pelos atletas são também outras atribuições desse novo profissional que surge em meio a essas demandas da mídia esportiva.

Para a professora Vani Kenski, em seu artigo *O impacto da mídia e das novas tecnologias* (1995), alguns são os elementos que compõem e alimentam a tríade Esporte, Mídias e Espetáculo:

1. O interesse espetacular só se constitui por meio da competição.
2. Em qualquer competição a presença do público é fundamental.
3. A mídia escrita esportiva tem relação direta e dependente da promoção e produção do espetáculo televisivo.
4. A linguagem esportiva é internacional, com seu próprio campo semântico, e pode ser compreendida pelos espectadores independente de cultura ou país onde os jogos são realizados.
5. Supre uma demanda de urgência, tão comum à velocidade dos meios de comunicação, pois as possibilidades globais na perspectiva

¹⁸Junia Nogueira de Sá, "A hora da virada", *Folha de S. Paulo*, 20/07/94, p. 6.

da transmissão ao vivo desses eventos no mundo sem legenda, dublagem ou tradução são concretas.

Atendendo à demanda de público, a ida das pessoas aos estádios e locais onde acontecem os eventos é promovida e incentivada, principalmente dos torcedores, que fazem parte e alimentam o aparato espetacular, com as músicas, gritos de incentivo e suas expressões de alegria, tristeza, entre outras tantas que compõem a narrativa.

A televisão e a interatividade da internet a todo instante ampliam e alteram a relação direta entre público, esporte e atletas, formando assim um novo tipo de ser em suas relações sociais com os outros e com o esporte. Nessas poucas décadas, muito mudou o esporte e na relação das pessoas envolvidas com ele, seja profissionalmente, no caso dos atletas, ou dos torcedores.

O público presente no estádio tem uma percepção diferente do telespectador. Veem espetáculos diferentes da mesma competição. O público presente no estádio, para o telespectador, é elemento do espetáculo visto. O som das torcidas, organizadas ou não, as “olas”, os “olés”, a linguagem corporal e expressões faciais obtidas pelo zoom das câmeras são ingredientes de destaque que nutrem o show e fazem o espetáculo acontecer. O produto vendido ao telespectador é muito mais complexo e amplo do que a competição isoladamente. O esporte é o elo fundamental, entretanto outros elementos são adicionados afim de se conseguir atenção e sucesso de audiência.

Ainda sobre o aparato tecnológico e suas inovações, as mídias procuram a todo instante inovar nesse quesito. Por exemplo, capturas de imagens são realizadas dos mais diversos pontos e posições do evento, do alto de uma torre, de um helicóptero e, hoje em dia, das chamadas *action cams*, facilmente compradas e colocadas nos capacetes ou vestimentas dos atletas (de alto nível ou não), e mais comumente das câmeras dos *smartphones*: vários ângulos impossíveis de serem acompanhados *in loco*.

Outra ferramenta utilizada pelas mídias com o fim de envolver o espectador está no uso da maneira coloquial de comunicação com seus interlocutores. Os narradores e comentaristas esportivos também trabalham com as emoções no processo comunicativo, falando de maneira envolvente e entusiasmada dos lances e momentos das partidas (KENSKI, 1995).

A inserção de músicas, de sons, possibilidade recorte e apresentação de imagens em momentos específicos alterando e ampliando a percepção temporal – como os *replays* das faltas no futebol e linhas de impedimento; congelamento de uma imagem em um *record*; *replay* ressaltando a plasticidade de um movimento em *slowmotion*; os efeitos especiais como o uso da computação gráfica nas mesas interativas (*onboardtables*); análises táticas em ambiente tridimensional; tecnologia *Goal-line* no futebol – fazem da experiência sensorial televisiva muito mais que uma simples transmissão esportiva, mas sim um verdadeiro espetáculo de entretenimento.

Ainda parte do projeto espetacular cultivado, temos os atletas profissionais, jogadas ensaiadas, coreografias para comemorar os pontos conquistados, acenos e gestos para as câmeras, apelo à bandeira do clube, do país, o visual do clube e dos atletas, as entrevistas antes e após as competições, o uniforme e vestimentas renovadas a cada temporada. Tudo isso são sentidos dados, “novas” funções as quais os atletas devem estar preparados para desempenhar nos jogos. As responsabilidades dos competidores ao entrarem nos jogos, não é apenas competir e alcançar a vitória, como antes; a imagem é fundamental e faz parte dos rendimentos de um atleta profissional. O atleta, assim como o esporte, é espetacularizado e precisa agradar seu público, precisa ser vendável ao consumidor.

Joaquim Cruz, citado por Kenski (1995), afirma: “Ter uma boa imagem diante da mídia é garantir patrocínio”. A atuação profissional do atleta é de ser também espaço publicitário, comercialmente vendável, *onde* se possa publicitar as mensagens e a marca dos patrocinadores. Junto à imagem do atleta vai também uma marca, um símbolo, na busca de projeção associada a valores do esporte como saúde, vitória e sucesso. Os atletas vão às competições marcados como vacas no pasto.

O produto associado à imagem do atleta é tanto melhor quanto mais vitórias o atleta conquista. O produto é campeão quando o atleta é campeão. Temos aqui uma clara inversão de valores em que o ser humano torna-se uma coisa, um *outdoor*, e o produto adquire características humanas. Os torcedores expostos a essa dinâmica buscam também aproximação à imagem vendida, compram objetos e consomem produtos vinculados ao time ou ao atleta seguidos.

Os patrocinadores, por sua vez, investem na exploração midiática dos programas de auditório com as personalidades esportivas, programas de entrevistas, programas retrospectivos, melhores momentos, debates com especialistas. Nesse

cenário, as personalidades esportivas cantam, dançam, contam piadas, lançam perfumes, produzem moda e vendem alarmes de carro. São personagens de histórias de ficção, filmes e novelas.

As mídias comunicativas, nesse contexto, são direcionadas para a exploração e, conseqüentemente, espetacularização da imagem do sucesso esportivo imediato – é preciso consumi-lo como mais um produto descartável de obsolescência programada. Sempre terá uma nova competição, um novo time, um novo atleta do momento.

Os clubes, as equipes e os atletas procuram aproveitar ao máximo sua hiper-exposição, aparecer para uma grande massa de telespectadores, se tornar mais que conhecidos, ser populares, ter uma boa visibilidade e, assim, garantir o patrocínio e conquistar maiores lucros. Todos lucram, todos ficam satisfeitos. A ética de que o importante é competir há muito foi deixada para trás. Vencer a qualquer custo também está ficando para trás. O importante agora é: Tão importante quanto ser vencedor é ser conhecido, é ser famoso, aparece e lucrar (KENSKI,1995). Antes a contradição era em ser ou ter. Hoje parecer é mais importante que ter.

34. Para o Alto e Avante!

Ao longo do texto, pensamos ter desvelado alguns pontos críticos e geradores de crise, assim como algumas propostas de superação no intuito de elevar os patamares de sociabilidade humana. Acreditamos em poder, por meio deste trabalho, suscitar reflexões decisivas e ações para tomada de posição por parte de todos os envolvidos com a causa do desenvolvimento integral dos seres humanos. Não há que se esquecer que dentre a raça humana há e sempre haverá aqueles que alimentam a esperança e a vontade de participar coletivamente e colaborar com uma cultura global mais autêntica e significava aos valores verdadeiramente humanos. Contraditoriamente, há também aqueles que ainda não despertaram a necessidade de caminhar rumo à conquista de níveis mais evoluídos de liberdade existencial e a compreensão integral de que a superação dos grilhões que aprisionam a humanidade ao subdesenvolvimento é fundamental, mas lamentavelmente a, ainda uma grande parcela da humanidade, não se faz possível.

Um projeto emancipatório só será possível, segundo nos parece, por meio de uma verdadeira revolução, pois como já foi dito durante todo o trabalho: a verdade posta e visível vai muito além do que se apresenta. E as medições aparentes possuem raízes bem mais profundas e mudá-las exige trabalho consciente. É necessário produzir ferramentas capazes de ampliar consciências, buscar novos subsídios para a transformação de nossas ações práticas, utilizar de metodologias comprometidas, em primeiro lugar, com os seres humanos. São necessários métodos questionadores, críticas e aguerridos. A emancipação humana deve ser concebida, alicerçada na própria materialidade da prática situada em nossa realidade, diferente das concepções idealizadas com base em abstrações que, muitas vezes, são apresentadas como sinônimo da verdade.

Talvez, neste momento do trabalho, haja decepção de alguns que, na leitura da dissertação, estivessem esperando respostas prontas, no sentido de trocar o certo pelo errado, o antiquado pelo moderno, o absurdo pelo coerente. Entretanto, seríamos incoerentes com o método se assim o fizéssemos. A realidade é sempre processual e a contradição é justamente a mola propulsora do motor do desenvolvimento social. Nesse momento, tomo aqui as palavras do professor João Paulo Medina (2010, p. 84), quando diz:

Qualquer proposta pronta é sempre acrílica e constitui-se desse ângulo, na própria negação, de uma posição radical e efetiva nos nossos posicionamentos. Sem um comprometimento que nos engaje coletivamente na luta revolucionária em prol das reais finalidades da educação, ou mais especificamente da educação física, qualquer proposta não passará de discurso vazio e bla-bla-bla que, quando muito, pode se enriquecido com algumas frases de efeito e palavras bonitas que, concretamente, se diluem e se perdem na complexidade de nossa existência.

Como aqui a proposta é ir além do bla-bla-bla, faremos alguns apontamentos, não no sentido de trazer as “receitas de bolo”, mas no fluxo da contribuição coletiva e busca de subsídios ao crescimento social.

34.1 – Calcanhar de Aquiles

Nos limites do horizonte estudado, foi desvelada uma discussão tocante à vida e ao esporte espetacularizado insipiente. O complexo acadêmico da Educação Física pode apresentar aportes importantes e relevantes, na medida em que muitos estudos de outras áreas do conhecimento¹⁹, quando se inclinam a um fenômeno como o esporte, marcadamente midiático, ignoram ou minimizam o papel decisivo da mediação da formação humana, mercadorias e meios de comunicação coletivas. A simples alusão ao enorme gosto das pessoas aos aparelhos televisivos marca o equívoco dessa omissão.

Uma particularidade fundamental é o aporte dos meios de comunicação na divulgação das modalidades esportivas, presencialmente ou à distância, e sua incorporação prática na vida das pessoas. Essas contribuições raramente estão desacompanhadas de interesses mercadológicos e políticos. E se faz fundamental a especial atenção a essas associações e mecanismos, que se dão de múltiplas formas, envolvendo esporte e corporações midiáticas.

A gestão e as opções tomadas em relação à cobertura midiática dos eventos esportivos, assim como peculiaridades qualitativas e quantitativas, variam conforme as determinações históricas de cada tempo. O fato de uma determinada modalidade esportiva “estar na mídia” recebendo uma abrangência de transmissão ampla e favorável produz e potencializa mercados consumidores por meio do interesse suscitado no público. Esse fato é modificado e influenciado principalmente por vieses econômicos. Embora, muitas vezes, difíceis de serem aferidas, essas mediações jamais podem ser negligenciadas por uma análise que esteja comprometida com a sociedade e com a apreensão e descoberta da verdade.

Além de ignorar ou subestimar o impacto social dos meios de comunicação e suas íntimas relações como modo de produção material da vida social, muitos estudos relativos ao esporte desconhecem especificidades de cada tipo de mídia. A análise

¹⁹ Apesar de trabalharmos numa perspectiva dialética, articulada e não linear. A realidade concreta da organização social, no tocante da academia e da ciência ainda possui fortes traços lineares e cartesianos na produção do conhecimento. Por isso essa separação pragmática de setores e ou áreas do conhecimento humano. A opção aqui por apresentar dessa maneira foi muito mais um reflexo imposto pela realidade a um posicionamento teórico e metodológico.

das propagandas, cinema, conteúdo para telefones celulares, jogos eletrônicos, impressos e internet exigem a compreensão das características que lhe são particulares, assim como sua dinâmica, seus princípios e limites. Não há que se descuidar de aspectos como periodicidade do meio, recepção, espaço, rotinas produtivas, duração, condições de acesso, idioma, legislação, distribuição, circulação, preço, etc. – cabe aqui ressaltar que se esquivar das características citadas significa abrir mão de elos fundamentais à compreensão do fenômeno em sua totalidade, simplificando e empobrecendo a análise.

É importante mencionar que algumas problematizações encontradas nos bancos de dados, relativas aos estudos do esporte, espetáculo e formação levam a uma necessidade de repensar características, por vezes, consideradas como um componente natural à condição humana. Muitos estudos tendem a desconsiderar ou naturalizar a ação humana de assistir à televisão ou ouvir rádio, o que é um erro. Características como praticar esportes, ser um torcedor ou espectador são aprendidas socialmente e ignorar esse dado, naturalizando essas ações, incorre em um equívoco que pode mascarar a realidade sobre o fenômeno. Processos como valoração simbólica, divulgação e circulação de informações são procedimentos apreendidos e ensinados. Esses meios não são naturais aos seres humanos. O humano não nasce com essas características, inerentes ao seu código genético. É como se fosse uma segunda natureza transmitida de geração em geração.

34.2- Programa de Investigação

Sem a pretensão de esgotar as possibilidades investigativas, podemos colocar algumas proposições a partir do quadro apresentado:

Desvelar os mecanismos de mercadorização do esporte: Esclarecer as múltiplas formas de associação às marcas, ao consumo, aos produtos, aos grupos econômicos e empresas. Entender a subordinação do esporte às grades horárias das emissoras. Compreender como os direitos de transmissão exclusiva conferem o poder de intervir e modificar as formulações e organização das competições, pois com exclusividade na veiculação as decisões das competições são definidas a partir de critérios e condições das emissoras. Ainda atentos que à exclusividade, como nos “pacotes payparview”, impedem ou restringem o acesso das pessoas à cultura

humana. Uma vez sendo a veiculação privada será excluído todo aquele que não disponha do capital.

Para além das coberturas dos megaeventos esportivos, buscar compreender os aspectos cotidianos, comuns e ordinários do esporte nos meios de comunicação.

Menos ufanismo e mais consciência crítica: Alguns estudos da Educação Física e do esporte são repletos de ufanismo (Talvez pela origem militar na gênese da Educação Física). Observamos uma atitude, de alguns pesquisadores, por vezes pouco crítica, seja no esporte em si, ou quanto às suas mediações. E é possível perceber também vieses de cunho pessoal e/ou afetivo, principalmente em casos envolvendo modalidades ou clubes específicos.

Do senso comum ao saber científico: É preciso caminhar rumo a uma mídia do esporte que dialogue com as ciências a fim de aprofundar discussões e debater, desmentir e superar uma série de mitos, fantasias, falácias e anedotas em torno do tema.

Outras mídias, outras Pautas: Ampliar o leque de opções aos objetos estudados para além das mídias corporativas e dos principais meios de comunicação. É necessário o movimento num vasto universo de produções: populares, democráticas, comunitárias, alternativas, nanicas, progressistas, independentes, de esquerda, dentre muitas outras carentes de estudo a respeito do esporte e suas mediações. Há todo um mundo que não entra na pauta da mídia hegemônica; mas também existe um movimento contra o hegemônico que mais dificilmente é estudado.

Do esporte real ao virtual: Mais recentemente, cresce o ramo dos jogos eletrônicos e em rede, cujos estudos podem mostrar características e situações até então desconhecidas nas mediações com o esporte, nos laços e vínculos criados com o usuário.

Para além do futebol: Buscar a superação da hegemonia do esporte na monocultura esportiva. De dentro do futebol, apreender os diversos tipos de análise avançando além das convenções e cortes usuais.

CONCLUSÃO

À medida que a subordinação à nova organização social derivada da Revolução Industrial e da sociedade de massas consolidada no curso dos séculos XIX e XX, o esporte, tal qual o consideramos hoje, sempre esteve vinculado ao mercantilismo capitalista que passou a nortear a nova ordem mundial. A “criança difícil do século²⁰” traria em sua composição a herança genética de atividade social criada e mantida para disciplinar as massas urbanas, ao mesmo tempo em que naturalizaria elementos típicos do industrialismo, como produtividade e busca de marcas e recordes. A partir daí, não parece exagero idealista o louvor ou a lamúria em torno do entendimento de que, nos novos tempos, o esporte, principalmente o espetacularizado, tenha virado expressão de negócio. Negócio o esporte moderno sempre foi, desde o nascimento na Revolução Industrial. A diferença, nos dias de hoje, foi a intensificação infinita de possibilidades do uso do marketing e da publicidade em torno do fenômeno esportivo. Não obstante, semelhante transformação ocorreu à música e ao cinema: basta que se observe a estrutura dessas formas artísticas no início do século XX e as compare com o que se produz hoje na modernidade.

Não há que se espantar que o espetáculo esportivo, nesse contexto, passa a ocupar as páginas principais e cadernos especiais nos principais diários de comunicação. Num primeiro momento, com os profissionais do jornalismo atuando de forma amadora. Entretanto, não iria demorar muito que o ramo da mídia relacionada ao esporte e megaeventos ocupasse cada vez mais espaço, chegando ao ponto de serem, no final do século XX, as fontes de maior arrecadação de recursos financeiros para a indústria da comunicação.

O respeito a uma nova moral esportiva reverbera intensamente no tecido social e sua complexa rede de mediações. A lascívia pela espetacularização da vida e das mais diversas modalidades esportivas impõem novas necessidades, práticas e regras em acordo como o *modus operandi* corrente. É claro que essas modificações no cotidiano do esporte buscam sempre a melhor criação e exploração do espetáculo midiático, veiculação e amplificação dos espaços destinados à publicidade, assim

²⁰ Termo utilizado pelo pesquisador e sociólogo francês Georges Magnane (1969), em seu livro *Sociologia do Poder*. Para falar a respeito das perspectivas do esporte, à época se utilizou do argumento de que na imprensa o esporte (chamado por ele de “a criança difícil do século”) se manifestava da maneira mais indiscreta.

como a criação e ampliação do mercado consumido. Os horários, os calendários dos eventos são sincronizados segundo a conveniência do que for melhor às megacorporações detentoras dos direitos de transmissão. A duração das partidas também dever estar em acordo com a grade de programação das empresas de transmissão dos jogos. Alterações são previstas, em determinadas modalidades, afim de que hajam intervalos regulares, para que sejam transmitidas as mensagens publicitárias nesses momentos. Modalidades esportivas com partidas muito longas e imprevisíveis, que prejudiquem a grade de transmissão das emissoras, como era o caso do Voleibol, são pressionadas a terem suas regras reformuladas.

Afim de produzir o espetáculo, a própria arquitetura dos estádios é transformada e projetada para construir mega estúdios televisivos com espaços previamente definidos aos painéis publicitários. A colocação das câmeras é estrategicamente projetada, assim como os microfones e toda estrutura das diversas equipes dos canais de transmissão.

Em relação ao esporte, é criada uma hierarquia que privilegia algumas modalidades esportivas em detrimento de outras. Levando em consideração o apelo popular, ou seja, a capacidade aglutinativa da massa consumidora, algumas modalidades menos expressivas sequer são transmitidas ou mencionadas pelas mídias.

Essas conexões e mediações dos meios de comunicação, formação humana e esporte, ainda hoje, são novas para os estudiosos no complexo da educação, educação física e esportes, e ainda não foram objeto de investigação com a devida importância e significação que merecem na constituição dos seres humanos e da sociedade contemporânea. O impacto das mídias e da espetacularização do esporte é recente se comparado à história do esporte, entretanto profundamente marcante e precisa ser investigado, analisado e compreendido criticamente.

O surgimento das redes sociais, da televisão e outros meios de comunicação ligados à mercadorização e reificação do esporte e da vida está relacionado, numa totalidade, a todos os aspectos da vida cotidiana e essa é uma característica do estágio cultural de desenvolvimento humano e civilização na qual a raça humana se encontra. É de fundamental importância desvelar a realidade em sua essência para além da simples aparência, lidando assim com o real, não aceitando incondicionalmente apenas sua aparência dada e equivocada num primeiro momento,

mas sim tomando partido e procurando se posicionar de maneira a aproveitar aquilo que de excelência foi e está sendo produzido pela humanidade, de forma a caminharem benefício do enriquecimento do gênero humano.

As transformações sociais e culturais humanas presentes, e em curso, imbricadas em todos os aspectos e segmentos do tecido social, não obstante refletidas na espetacularização do esporte e nas mídias, vêm sendo, em certa medida, estudadas e analisadas por pesquisadores das áreas de conhecimento da Sociologia, Antropologia, Comunicação etc. Sendo assim, a Educação Física, no que diz respeito ao seu papel humano e social, não deve se abster dessa discussão. Nas pesquisas de referencial bibliográfico foi possível notar profissionais interessados em analisar o fenômeno da espetacularização esportiva e suas relações com a formação humana vinculadas à indústria cultural. Nesse fluxo, os estudiosos da área não devem adentrar cada vez mais nesses estudos e reflexão? Dessa maneira, é fundamental a abertura do complexo da Educação Física para o conhecimento dessas determinações advindas do fenômeno espetacularização do esporte no mercado global e na indústria da cultura, assim como refletir, pesquisar e intervir e assumir posição como agente da própria história frente ao sistema e produtos criados pela própria humanidade. Aspectos novos e antigos produzidos na história da raça humana, literalmente em jogo no encaminhamento do futuro das novas gerações e organização humana em construção e em movimento.

No movimento de idas e vindas com as sucessivas aproximações na ontologia do ser social suas conexões envolvem, principalmente, uma determinada compreensão que Marx fez em relação aos indivíduos com o gênero humano, mediados pelo trabalho.

O tema da ontologia do ser social e o advento da espetacularização do esporte foram de suma importância para o desenvolvimento deste trabalho devido a inerente relação, espetáculo, esporte e formação. Compreender os nexos entre o ser singular, da pessoa humana, e a organização do mundo dos homens na atualidade foi essencial, pois “O homem nasce em uma determinada sociedade, sob determinadas condições sociais e inter-humanas que ele próprio não escolhe; são elas resultado da atividade de gerações anteriores” (SCHAFF, 1967, p. 71). Assim, para conhecer a verdade no mundo dos homens e os produtos a ele relacionados foi preciso procurar apreender o que foi e como se viabilizou o desenvolvimento

genérico humano, ou seja, se buscou no desvelar da situação na qual a humanidade se encontra descobrir se existem possibilidades evolutivas. Na firme crença do sim, procuramos falar a respeito de algumas circunstâncias sociais que impedem os homens de serem tudo aquilo que poderiam ser, como a retroalimentação do modo de produção material produzindo a vida social.

Há um número considerável de estudos sobre mídias inter-relacionadas à educação e ao esporte, porém há uma lacuna em pesquisas na área da formação humana e a espetacularização do esporte, e mais notadamente no prisma da ontologia do ser social. Após levantamento bibliográfico, não foram encontrados muitos trabalhos publicados sobre a espetacularização do esporte em seu sentido mais essencial, ou seja, o posicionamento político-ideológico em que esse tipo de manifestação social e cultural é alicerçado. A capacidade persuasiva e alienante da espetacularização do esporte, utilizando o corpo e a cultura corporal, também não se mostrou evidente nos artigos pesquisados, quando confrontados com uma perspectiva materialista histórica e dialética.

Assim, cabe ainda trazer à tona o fato corriqueiro na empiria do senso comum. Quem nunca ouviu o incansável e repetitivo jargão: “Agora um pequeno intervalo para os nossos patrocinadores, os comerciais”. Hoje em dia, não só nos intervalos comerciais, mas antes, durante e depois das programações os patrocinadores têm espaço para o anúncio de suas marcas e produtos nas mídias, colaborando com esse processo de veiculação e influência na formação do coletivo social. É fundamental saber que, no sistema socioeconômico vigente, quem detém o poder econômico também dita as regras.

Nesse movimento, muito se pesquisa sobre as mídias televisão, rádio, redes sociais, comunidades virtuais etc., entretanto, o modelo comercial numa compreensão radical (radical aqui no sentido de *raiz*, e não de *extremismo*, como é muitas vezes compreendida no senso comum) em que o esporte e sua espetacularização está instituído e seu impacto na formação humana ainda é pouco estudado.

A espetacularização do esporte é um reflexo, um desdobramento de um modelo socioeconômico capitalista que incute nas relações de produção, tanto material quanto social, o seu modo de ser. Inserida em um conjunto de instâncias culturais, comporta em si uma ideologia que produz e reproduz valores e saberes,

além de regular condutas, modos de ser, modos de agir, apresentando modelos a serem seguidos, como ser e agir socialmente e a maneira de pensar.

Intimamente ligada ao modo de produção humana, a espetacularização do esporte assume o compromisso com o lucro, manutenção e criação de novos mercados, formação de novos seres consumidores.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, F. **Notas sobre o futebol como situação dramática**. In: BOSI, A (org). *Cultura Brasileira*. São Paulo: Ática, 1999.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Porto Alegre: Globo, 1966.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.
- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- BRACHT, Valter. **A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 62-68, jan. 1986.
- BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Juí: Ed. Unijuí, 2005.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1993.
- BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Juí: Ed. Unijuí, 2005.
- BOSI, A. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Ática, 1985.
- BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento marxista**. 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2012.
- BUCKHARDT, Jacob. **A cultura do Renascimento: um ensaio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009
- CHAUÍ, M. **Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**. Vol. I 2º ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- COSTA, Rodrigo de Freitas. **Brecht, nosso contemporâneo? O engajamento como prática intelectual e como opção artística da Companhia do Latão**. 2012. 315 f. Tese (Doutorado) -Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.
- DA CUNHA. et al. **O Método dialético na pesquisa em educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2014.
- DE ALMEIDA, et al. **Política, Lazer e Formação**. Brasília: Ed. Thesaurus, 2010.
- DE CARVALHO, Nelly. **Publicidade A linguagem da sedução**. São Paulo: Ed. Ática, 2007.

- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. eBooklibris, 2002
- DIEGUEZ, Gilda Korff. **Esporte e poder**. Editora Vozes, 1985.
- DURKHEIM, Émile. **Da divisão do Trabalho Social**. São Paulo: Martins Fontes, 2012
- ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Lisboa, Edições 70, 1989.
- FIGUEIREDO, Pedro Osmar Flores de Noronha. Política e formação: **O Programa Esporte e Lazer da Cidade no Distrito Federal e Entorno**. 2009. 136f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- FROMM, Erich. **Análise do Homem**. Rio de Janeiro, Zahar, 1960.
- _____. **A Arte de Amar**. Belo Horizonte, Itatiaia, 1964.
- _____. **A Descoberta do Inconsciente Social**. São Paulo, Manole, 1992.
- _____. **Psicanálise da Sociedade Contemporânea**. São Paulo, Círculo do Livro, 1984.
- _____. **A Revolução da Esperança**. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- _____. **A Sobrevivência da Humanidade**. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.
- _____. **Do Amor à Vida**. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.
- _____. **O Coração do Homem**. Rio de Janeiro, Zahar, 1965.
- _____. **O Medo à Liberdade**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1983.
- _____. **Psicanálise da Sociedade Contemporânea**. São Paulo, Círculo do Livro, 1984.
- _____. **Ter ou Ser?** Rio de Janeiro, LTC, 1987.
- GORENDER, J. Apresentação. In: **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- HEGEL, G.W.F. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Epítome**. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1988.
- HERÁCLITO de Éfeso. **Sobre a Natureza**. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).
- HOBBSAWN, Eric. **A era dos impérios 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- HÚNGARO, E. M. **Modernidade e totalidade: em defesa de uma categoria ontológica**. 246f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), São Paulo, 2001.

HÚNGARO, E. M. **Trabalho, tempo livre e emancipação humana: os determinantes Ontológicos das políticas sociais de lazer.** 266f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2008.

HÚNGARO, E. M. A questão do método na constituição da teoria social de Marx. In: **O método dialético na pesquisa em educação.** Campinas, Brasília: Autores Associados, 2014.

KONDER, L. **Marx – vida e obra.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

LESSA, SÉRGIO. **Para compreender a ontologia de Lukács.** 3. Ed. rev. e ampl. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012.

LUKÁCS, Georg. Arte y verdad objetiva. In: **Materiales sobre el realismo.** Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1977.

_____. **Arte e Sociedade: escritos estéticos 1932-1967,** Editora UFRJ, 2011

_____. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem. In: **O jovem Marx e outros escritos de filosofia.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

_____. O romance como epopeia burguesa. In: **Arte e sociedade. Escritos estéticos 1932-1967.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

_____. Cuestiones previas y de principio relativas a la separación del arte y la vida cotidiana. In: **Estética,** vol. 1, cap. 3. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1966.

_____. **O jovem Marx e Outros Escritos de Filosofia.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2007.

KELLNER, D. **A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo.** *Líbero*, Ano IV, v. 6, n. 11, abr. 2004, p. 6.

KONDER, Leandro. **O Que é Dialética.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

LESSA, S. **Modo de produção e revolução: Lukács e Mészáros.** Aguinaldo Teixeira Junior. (Org.). In: **Marx está vivo!** Maceió, Alagoas: Rumo, 2010, v., p. 99-126.

MACHADO, R. P. T **Entre o Mito e a História: gênese e desenvolvimento das manifestações atléticas na Grécia antiga.** 121p. Tese (Doutorado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, 2010.

Marques, José. **A Falação Esportiva (O Discurso da Imprensa Esportiva e o Aspecto Mítico Do Futebol.** XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Itercom. 2002

_____, **A “criança difícil do século” – algumas configurações do esporte no velho e no novo milênio.** REVISTA USP – *Dossiê futebol.* São Paulo, trimestral, nº 22, jun-ago.1994.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

_____. **Contribuição à crítica da economia política / Karl Marx**; tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2.ed.- São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. **O Capital**: crítica da economia política. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

_____. **O 18 Brumário de Louis Bonaparte**. Obras Escolhidas de Marx e Engels em 3 Tomos, Editoria Avante! 1982

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

_____. **Sobre a questão judaica**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

_____. Terceiro manuscrito. In: **Manuscritos econômico-filosóficos e outros escritos**. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Os Pensadores) p. 7-54.

_____. **Para a crítica da economia política. Salário, preço e lucro. O rendimento e suas fontes**. São Paulo: Abril Cultural, "Os economistas", 1982.

MARX, K. e ENGELS, F. **A sagrada família**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

_____. A ideologia alemã. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MESZÁROS, I. **A Educação para além do Capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PATRIARCA, A. C. **A Decadência Ideológica Contemporânea e a Educação Física: As Incidências Sobre A Pós-graduação**. 155p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2012.

PERDIGÃO, P. **Anatomia de uma derrota**, Editora L&pm, 1986.

PLATÃO. **A Alegoria da caverna: A República**. Tradução de Lucy Magalhães. In: MARCONDES, Danilo. *Textos Básicos de Filosofia: dos Pré-socráticos a Wittgenstein*. 2a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

ROUYER, Jacques. **Desporto e Desenvolvimento Humano**, Editora Seara Nova. 1977.

SANDRONI, Paulo. **Dicionário de Economia**. 5° ed. Editora Best Seller., 1989.

SANT' ANNA, Denise Bemuzzi de. **O prazer justificado: história e lazer**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

SCHAFF, Adam. **Marxismo e Indivíduo**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1967.

SILVA, Simone Tourinho da. **A formação humana no jovem Marx: contribuição para a educação física escolar**. 112 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) —Universidade de Brasília, (UNB), Brasília 2014.

VÁZQUEZ, A S. **Filosofia da Práxis**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VÁZQUEZ, AS. **Ensayos de marxistas sobre historia y política**. México: Ediciones Océano, 1985.